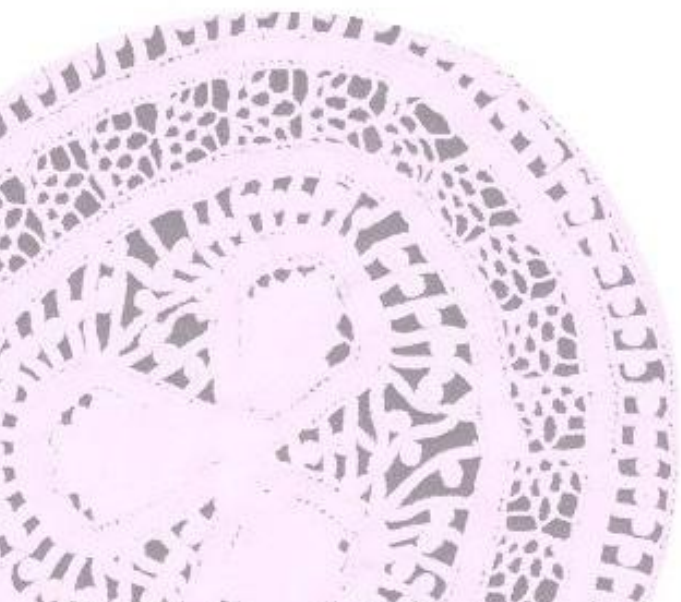
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOVENS FEMINISTAS DO NORDESTE:

um novo segmento político do movimento feminista brasileiro

RAISSA BARBOSA ARAUJO



Recife, Março de 2013

RAISSA BARBOSA ARAUJO

JOVENS FEMINISTAS DO NORDESTE:

um novo segmento político do movimento feminista brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Psicologia.

Orientadora: Profª. Dra. Karla Galvão Adrião

RECIFE

2013

Catalogação na fonte
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB-4 1689

A663j Araujo, Raissa Barbosa.
Jovens feministas do Nordeste : um novo segmento político do movimento feministas / Raissa Barbosa Araujo. – Recife: O autor, 2013.
154 f. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Karla Galvão Adrião.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2015.
Inclui referências e anexos.

1. Psicologia. 2. Estudos feministas. 3. Juventude – Pesquisa. 4. Identidade de gênero. I. Adrião, Karla Galvão (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2015-140)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

Jovens feministas do Nordeste: um novo segmento político do movimento feminista brasileiro

Comissão Examinadora:

_____

Profª. Drª. Karla Galvão Adrião

1º Examinador/Presidente

_____

Profª. Drª. Cláudia Andréa Mayorga Borges

2º Examinador

_____

Profª. Drª. Jaileila de Araújo Menezes

3º Examinador

Recife, 22 de março de 2013

Dedico as energias investidas
nesse trabalho à carinhosa Vovó Lita.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às **jovens feministas** por terem garantido conquistas importantes para as jovens mulheres. Especialmente, agradeço às jovens feministas nordestinas que direta ou indiretamente viabilizaram esse trabalho.

Agradeço a **Karla Galvão e Felix Aureliano**, pelas entrevistas e gentis contribuições a esta pesquisa.

Agradeço às(aos) **companheiras(os) dos movimentos estudantis** - especialmente Doug, Sady, Suzana, Domi, Val, Marília, Nanda, Dara, Duda, Heitor, Nati, Helena, Rafa Energia, May, Shenia, Katiane, P.F., Roberta, Tiago Regis, Gabi, Dieguinho, Silvany, Rafa do Pará, Marcela, Débora, Jack de Rondônia, Rê de Aracajú, Marimba, César e Cissa - pelo que pudemos construir juntas(os). Muito grata pela formação política, acadêmica e cultural que nós nos proporcionamos.

Agradeço a **Karla e Rose** - orientadoras, professoras e, sobretudo, pessoas por quem sinto muito respeito, admiração e carinho. Sou muito grata pela forma generosa que passaram a fazer parte de minha vida.

Agradeço a **Mari** - companheira, sócia e sósia por estar sempre por perto, desde a graduação.

Agradeço a **Cláudia Mayorga e Jaileila Araújo** – professoras que mesmo antes do mestrado contribuíram com minha formação acadêmica. Grata pelos constantes exemplos de cuidado e comprometimento ético-político.

Agradeço às companheiras do **Coletivo GRAVID**: Mari, Ju Mazza, Natália, Cybelle, Cecília, Débora, Rebeca, Ísis, Laila, Rocio e Vanessa - pelas tardes de trocas e crescimentos coletivos.

Agradeço às(aos) companheiras(os) da **ABRAPSO-PE** – especialmente Edna, Tiago e Adelle, por também contribuírem com minha formação política e acadêmica.

Agradeço a **Mel, Clara, Mari, Pretinho e Manoel -** queridas(os) companheiras(os) da graduação. Sou muito grata pelas nossas parcerias.

Agradeço a **Cássia Donato** – companheira acadêmica mineira que esteve muito presente em diferentes etapas da construção deste trabalho e a **Júlia Zanetti –** companheira acadêmica carioca, pelas importantes trocas.

Agradeço à **minha família** – por desde cedo contribuir com minha formação. Em especial a **Vovó Lita**, pelos bons exemplos de simplicidade, paciência, otimismo, perseverança e amor incondicional, a **Pipita,** pelos bons exemplos de disciplina e dedicação e também a **Clarissa,** por me ensinar a escrever as primeiras palavras. Também especialmente agradeço aos **meus pais** e **minha irmã.**

Agradeço às minhas maridas **Clá e Lu** – por contribuírem com a construção de um lar tão aconchegante e acolhedor.

Agradeço a **Jaime** – pela presença.

Agradeço a **Lenice, Lua e Miguelito** – por trazerem tantas alegrias aos fins de semana e horas vagas. Sou muito grata por muito contribuírem com meus descansos e sorrisos.

Agradeço às(ao) **companheiras(o) da Entrelaços** – por todos os sonhos que pudemos sonhar juntos. Grata pelo tanto que suavizaram o fim do mestrado.

Agradeço a **Lu e Jaime** pela paciência de me ouvir e por contribuírem com a revisão desse texto.

Agradeço a às(aos) **professoras(os) do PPG Psicologia da UFPE** – pelos bons exemplos.

Agradeço a **CAPES** – pelo financiamento deste trabalho.

RESUMO

Partindo do princípio que os estudos acadêmicos não devem assumir posturas imparciais, mas politicamente situadas, esta pesquisa é marcada pela perspectiva feminista de ciência, bem como de ciência qualitativa. Esse trabalho resulta de uma pesquisa de mestrado realizada por uma estudante do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFPE. Buscou-se problematizar questões que referenciaram a chegada e participação de mulheres jovens no movimento feminista brasileiro. Foi resgatada a trajetória de um novo sujeito político do feminismo, as jovens feministas - com foco na atuação das militantes nordestinas. As jovens feministas apresentaram-se publicamente como um segmento do movimento feminista em 2005, no X Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe. Desde então participaram e promoveram atividades nacionais através da Associação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF), como também atividades locais em diferentes estados do país. Por meio de entrevistas semi-estruturadas foram entrevistadas quatro jovens nordestinas; duas pernambucanas, uma paraibana e uma cearense. Através dos percursos apresentados pelas próprias jovens, problematizou-se questões relacionadas à geração e ao território que marcaram a atividade política destas. A partir das entrevistas foi possível observar que as jovens feministas tencionam internamente o movimento feminista apresentando pautas da juventude, enquanto no movimento de juventude, apresentam pautas feministas. As jovens colocam em xeque o status e a legitimidade de se fazer política, desestabilizam lugares e propõem debates geracionais.

Palavras chave: jovens feministas; movimento feminista; sujeitos políticos; juventude; Nordeste do Brasil.

ABSTRACT

This work is based on the principle that academic researches should not assume unbiased postures, but politically situated. This research is characterized by the feminist perspective of science as well as qualitative science. This work results from a research performed by a student of the Graduate Studies Program in Psychology UFPE. The purpose of the work was to discuss the beginning of participation of young women in the Brazilian feminist movement. The trajectory of a new political subject of feminism, the young feminists - focusing on the action of militants from the Northeast - was recuperated. The young women feminists presented herself publicly as a segment of the feminist movement in 2005 on the X Feminist Conference of the Latin American and the Caribbean. Since then they participated in national activities and also promoted by the Brazilian Association of Young Feminists (ABJF) as well as local activities in different states of the country. Through semi-structured interviews were interviewed four young people from the Northeast of Brazil, two from Pernambuco, one from Ceará and one from Paraíba. Based on the pathways presented by each participant, it was discussed issues related to the generation and territory that marked the political activity from them. From the interviews it was observed that young feminists tend to cause internal tension in the feminist movement, introducing the agenda of youth movement, and in the youth movement, presenting feminist movement agenda. The young women put in check the status and legitimacy on the ways of making politics, destabilizing the structures and proposing generational debates.

Keywords: young feminists, the feminist movement; political subjects; the Northeast of Brazil.

SUMÁRIO

1 Apresentação 10

2 Sobre feminismos e juventudes 14

2.1 Breve síntese sobre o feminismo no Brasil 14

2.1 Breve panorama das discussões sobre juventude no Brasil 24

2.1.1 Políticas para juventude no Brasil 26

2.2 Quem são as jovens feministas? 29

3 Perspectivas, percursos e procedimentos metodológicos 36

3.1 Perspectivas metodológicas 36

3.2 Percursos metodológicos 40

3.3 Procedimentos metodológicos 41

3.4 Registro do campo 43

3.4.1 Entrevistas com as jovens feministas 43

3.4.2 Conversas com informantes chave de Pernambuco 49

3.5 Tratamento analítico do material produzido em campo 50

4 Discussões, resultados e discussões: jovens feministas do Nordeste do Brasil 53

4.1 Reflexões sobre processos macro políticos 54

4.2 Sobre o surgimento de um novo segmento político 57

4.3 Sobre a trajetória individual das jovens entrevistadas até o início da militância como jovem feminista 58

4.4 Sobre pessoas e instituições citadas ao longo das entrevistas 62

4.5 Sobre trajetórias das jovens feministas nordestinas entre os anos de 2001 e 2004 65

4.6 Jovens feministas do Nordeste – construindo um novo segmento 68

4.6.1 I Fórum Social Nordestino – 2004, Recife 69

4.6.2 5º Fórum Social Mundial – 2005, Porto Alegre 72

4.6.3 Preparação para o 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe 73

4.6.4 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe – 2005, Serra Negra _____ 75
4.6.5 Pós 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe _____77
4.6.6 II Conferência Nacional de Políticas para Mulheres – 2007, Brasília_____ 78
4.6.7 I Encontro Nacional de Jovens Feministas – 2008, Maracanaú _____ 80
4.6.8 Organização e atuação da ABJF após o I Encontro Nacional de Jovens Feministas – do ponto de vista das nordestinas_____ 85
4.6.9 I Conferência Nacional de Juventude – 2008, Brasília _____ 89
4.6.10 Segunda Semana da Mulher Jovem – 2008, São Paulo _____ 91
4.6.11 11º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe – 2009, Cidade do México_____ 93
4.6.12 ABJF entre os anos de 2009 e 2011 _____ 96
4.6.13 I Seminário Nacional deJovens Feministas - 2011, São Paulo_____ 99
4.7 Momento atual da ABJF_____ 100
4.8 Contribuições das jovens feministas para o feminismo brasileiro_____ 101
4.9 Ações das jovens feministas em Pernambuco, na Paraíba e no Ceará ____ 103
4.9.1 Ações das jovens feministas de Pernambuco _____ 103
4.9.1.1 Movimento de juventude em Pernambuco (2001- 2010)_____ 107
4.9.2 Ações das jovens feministas da Paraíba _____ 110
4.9.3 Ações das jovens feministas do Ceará _____ 112

5 Considerações finais _____ 115
6 **Referências _____ 120**

ANEXOS
Anexo I- Roteiro de Entrevista
Anexo II - Carta convite para entrevista
Anexo III - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Anexo IV - Linha do tempo Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco
Anexo V- Tabela de instituições citadas pelas jovens feministas
Anexo VI - Tabela de instituições citadas por informante chave

1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho é resultado de dois anos do curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e também de vivências e reflexões proporcionadas por atividades de militância no movimento estudantil, extensão universitária e pesquisas acadêmicas desenvolvidas durante a minha graduação em Psicologia na UFPE[1].

Dentre as vivências da graduação em Psicologia, destaco a participação no Diretório Acadêmico de Psicologia, espaço onde tive acesso pela primeira vez a discussões sobre movimentos sociais e, consequentemente, sobre o movimento feminista. Destaco também as participações no Grupo de Estudo Sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (GEPCOL), coordenado pela professora Rosineide Cordeiro, e no Grupo de Estudo Interfaces Feministas, coordenado pela professora Karla Adrião. Os encontros com esses grupos me proporcionaram conhecer e me aprofundar teoricamente em estudos sobre política, juventude e feminismo.

Ainda no que se refere ao período da graduação, importante registrar a participação no curso *Feminismo: da Intenção ao Gesto*. Este curso ocorreu no ano de 2009, promovido pelo SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, com o propósito de reunir jovens com a intenção de militar no movimento feminista. Através deste curso conheci o Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco e este foi meu primeiro contato com as jovens feministas. A experiência deste curso, somada ao exercício de pensar teoricamente sobre algumas questões do movimento feminista, aproximaram-me das discussões sobre sujeitos políticos do feminismo.

Adoto como princípio que os estudos acadêmicos não devem assumir posturas imparciais, mas politicamente situadas, tal qual propõe a perspectiva de ciência feminista

[1] Esta pesquisa foi aprovada no ano de 2012 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE através de um parecer assinado pelo professoro Geraldo Bosco Lindoso Couto (Coordenador) sob o número 127.460.

defendida por Donna Haraway (1995). Nesse sentido, esta dissertação de mestrado apresenta uma síntese da trajetória percorrida por mim – mulher, feminista, nordestina, jovem, urbana, psicóloga e pesquisadora em formação – ao longo de dois anos do curso de mestrado. Todo o texto foi escrito na primeira pessoa do singular no sentido de evidenciar a parcialidade que marca a ciência feminista na qual acredito e aposto.

O campo dos movimentos feministas latino americanos, especialmente os brasileiros, é pano de fundo para toda a discussão proposta neste estudo. Vale observar que ao longo deste texto o movimento feminista é, muitas vezes, apresentado no plural, como movimentos feministas, no sentido de evidenciar as várias forças, grupos e segmentos políticos que compõem os feminismos brasileiros. Como apresenta Lourdes Maria Bandeira (2000):

> De modo muito geral, podemos afirmar que o movimento feminista, sobretudo a partir do século XX, foi o portador das vozes dissonantes da matriz hegemônica que recobriu e predominou desde o mundo grego até a modernidade, ao resgatar a condição de exclusão e de inferioridade das mulheres, não apenas como uma categoria estatística e sócio-econômica, mas da condição de sujeito sócio-histórico e cidadão. Assumiu várias etiquetas e rótulos; apesar de reprimido e condenado, adquiriu múltiplos significados no decorrer do tempo, atravessando e sendo atravessado por diferentes ideologias, por vários segmentos sociais de mulheres, revestiu-se de diversas formas e ainda atua com especificidades (p.17).

O feminismo proporcionou e proporciona diversos processos reflexivos sobre relações desiguais de gênero, problematiza o lugar das mulheres nas sociedades e propõe mudanças de padrões sociais que oprimem não só mulheres, mas também homens. No decorrer dos anos do século XX o feminismo ampliou suas bandeiras de luta, o que o tornou um movimento social bastante heterogêneo. No início do século XXI o movimento feminista passa a ser composto por novos sujeitos políticos e é neste período que as discussões sobre juventude somam-se ao feminismo.

Com esta dissertação de mestrado apresento uma pesquisa sobre as jovens feministas do Nordeste do Brasil. Através deste estudo busquei conhecer como se deu o processo de formação política das jovens feministas aos quais tive acesso através de minha pesquisa de campo, além disso, tive como objetivo compreender a chegada e a manutenção das jovens feministas enquanto um novo segmento político do movimento feminista.

Sendo assim, com esse trabalho refleti sobre o próprio movimento feminista brasileiro e sobre possibilidades de uma atuação política feminista que garanta renovação, sustentabilidade e autonomia para o movimento.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa pautado na perspectiva feminista pós estruturalista de ciência – que será melhor apresentada nos capítulos seguintes. Através do material produzido a partir de entrevistas com jovens feministas nordestinas pude refletir analiticamente sobre percursos políticos de jovens de diferentes estados. Somaram-se às entrevistas os resultados de pesquisas de documentos sobre os campos da juventude e feminista, entre os anos de 2001 e 2011.

A partir do campo da psicologia, Lucia Rabello de Castro (2009) aponta que temas como sexualidade, identidade, relações entre pares e questões ligadas à vocação profissional, têm maior destaque nos debates contemporâneos sobre juventude. Como observa a própria autora, juventude e participação política não têm sido temáticas conjuntamente trabalhadas na literatura. Castro (2009) afirma ainda que os poucos estudos sobre participação de jovens em ações políticas, em sua maioria, partem de princípios adultocêntricos e fazem referência a processos de socialização política, o que remete a uma espécie de moratória para a ação política.

Desde já, apresento este trabalho a partir de uma perspectiva crítica, ou seja, não hegemônica por apostar num olhar não adultocêntrico e considerar que as jovens feministas são legítimos sujeitos políticos do feminismo e tão importantes quanto os demais sujeitos do movimento feminista.

Wivian Weller (2005), a partir do campo dos estudos de gênero, apresenta que gênero e juventude não têm sido temáticas estudadas conjuntamente, conforme podemos observar no trecho abaixo:

> "[...] estudos e pesquisas sobre Juventudes, Sexualidades e Relações de Gênero não contam com um espaço consolidado de divulgação, dificultando a reflexão e troca de experiências entre pesquisadores, profissionais e interessados pela temática. Apesar da discussão atual sobre a necessidade de políticas públicas de/para/com juventudes e do aumento significativo de dissertações e teses sobre questões relativas às juventudes contemporâneas, a dificuldade de articulação e organização de grupos de trabalho ainda é visível (p.103)".

Como pode ser observado a partir dessas colocações, a intercessão entre juventude, gênero e atuação política ainda representa uma novidade para a academia brasileira. O estudo que apresento através dessa dissertação de mestrado tem como um de seus objetivos aproximar discussões sobre juventudes, feminismos e participação política ao campo da psicologia acadêmica.

Para melhor explorar essas questões, apresento no capítulo seguinte uma breve contextualização do feminismo no Brasil e em seguida um breve panorama das discussões sobre juventude. Por fim, apresento a chegada das jovens feministas no cenário feminista latino americano dos anos 2000. No segundo capítulo apresento as perspectivas, os percursos e os procedimentos metodológicos que serviram de base para a construção da pesquisa que deu origem a esta dissertação. No terceiro capítulo é apresentada a discussão analítica do material produzido por mim e pelas jovens feministas nordestinas durante esta pesquisa. Para finalizar, no último capítulo, apresento as minhas considerações finais sobre o estudo realizado.

2 SOBRE FEMINISMOS E JUVENTUDES

Nesse capítulo apresentarei um breve resgate histórico sobre o feminismo no Brasil entre os séculos XIX e XXI. Nesse texto garanti uma maior ênfase no resgate histórico da segunda metade do século XX, por este momento ter sido de fundamental importância para o surgimento e a discussão sobre os diversos segmentos políticos do feminismo – questão central para este estudo.

Em seguida apresentarei algumas questões importantes para a discussão sobre juventude brasileira. Para finalizar o capítulo apresentarei as jovens feministas a partir de textos acadêmicos e não acadêmicos. Esses textos resgatam alguns dos percursos políticos das jovens feministas no Brasil.

2.1 Breve síntese sobre o feminismo no Brasil

Embora não exista nenhum registro de grupos feministas organizados antes do século XIX, ou ao longo deste século, houve uma série de manifestações de mulheres, segundo Lourdes Bandeira (2000). Ana Alice Costa (2005) apresenta que ainda no começo do século XIX, havia no Brasil, Argentina, México, Peru e Costa Rica uma *imprensa feminina* e que esta teria proporcionado a divulgação das primeiras manifestações feministas do continente. Sobre essa imprensa, Zahidé Lupinacci Muzart (2003) afirma que:

> Uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto. Quando falamos dos periódicos do século XIX, há que se destacar, pois, essas grandes linhas de luta. O direito à educação era, primordialmente, para o casamento, para melhor educar os filhos, mas deveria incluir também o direito de freqüentar escolas, daí decorrendo o direito à profissão. E mais para o final do século, inicia-se a luta pelo voto (p.226).

A partir de 1850 surgiram as primeiras organizações de mulheres que lutavam pelo direito à instrução e ao voto e também nesse período passaram a circular os primeiros periódicos que expressavam insatisfações no que se refere à condição de subalternidade relacionada às mulheres, a exemplo do *Jornal das Senhoras*, *Quinze de Novembro do Sexo Feminino* e a Revista *A Família* (BANDEIRA, 2000).

No século XIX muitas mulheres passaram a ser incorporadas ao mercado de trabalho e representavam parte significativa da classe trabalhadora no Brasil - sobretudo na indústria têxtil. Segundo a autora, nesse momento já havia mulheres engajadas em lutas de trabalhadoras(es) por aumento de salário e melhoria nas condições de trabalho (COSTA, 2005).

De acordo com Céli Pinto (2003), as primeiras manifestações do movimento feminista organizado ocorreram a partir da primeira metade do século XX. Como apresenta a própria autora, muitos desses movimentos passaram a ser associados a personalidades.

No que se refere a este primeiro momento, é possível identificar três vertentes: (1) um movimento bem comportado caracterizado por uma luta universal que visava a igualdade política, através da luta pelo voto, no âmbito do movimento sufragista. (PINTO, 2003 e COSTA, 2005). Lideradas por Bertha Lutz, mulheres das classes médias e altas da sociedade brasileira, organizadas através da FBPF (Fundação Brasileira para o Progresso Feminino) lutavam pelo direito ao voto; (2) um feminismo difuso, composto por professoras, escritoras e jornalistas, que se expressava através de uma imprensa feminina que pleiteava o direito à educação, questionava a dominação masculina e abordava questões relacionadas à saída da mulher do mundo privado para o público (PINTO, 2003); e (3) um feminismo de esquerda, liderado por mulheres trabalhadoras e intelectuais que defendiam a liberação das mulheres de forma mais radical. Essa terceira vertente tinha como principais expoentes Maria Lacerda de Moura e Patrícia Galvão, mais conhecida como Pagu (PINTO, 2003; BESSE, 1999).

O segundo momento do movimento feminista brasileiro, de acordo com Pinto (2003), foi marcado por uma luta ‘universal’ que visava a igualdade política e foi

impulsionado por mulheres das classes médias e altas da sociedade brasileira que estudavam ou visitavam a Europa e traziam idéias de vanguarda.

Esse segundo momento do feminismo no Brasil se fortaleceu na segunda metade do século XX, em meio ao clima político da Ditadura Militar do início dos anos 1970, e caracterizou-se pela forte resistência política das mulheres. Nesse momento histórico, muitas mulheres feministas e não feministas foram torturadas e exiladas (PINTO, 2003; SARTI, 2004 e COSTA, 2005). Como apresenta Bandeira (2000):

> No plano da militância feminista, a expressão de diversas práticas de radicalidade se fez presente, tendo como uma das grandes referências o Movimento de Libertação das Mulheres – MLF. Espelhado e oriundo da militância francesa, constitui-se num momento político de massa com ações reivindicatórias, com muita visibilidade política, capaz de colocar milhares de mulheres nas ruas, como de resto o fez, lutando contra as desigualdades nos espaços de trabalho, contra a estrutura familiar vigente, contra as discriminações nas instituições e dos partidos políticos existentes (p.31).

O ano de 1975 foi marcante para o segundo momento do movimento feminista no Brasil. Ana Alice Costa (2005) afirma que os efeitos dos acontecimentos desse ano provocaram reconfigurações nos movimentos feministas brasileiros e de diversos países. Sobre esse ano ela escreveu:

> Em 1975, como parte das comemorações do Ano Internacional da Mulher, promovido pela Organização das Nações Unidas, foram realizadas várias atividades públicas em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, reunindo mulheres interessadas em discutir a condição feminina em nossa sociedade, à luz das propostas do "novo" movimento feminista que neste momento se desenvolvia na Europa e nos Estados Unidos. [...] A partir deste evento, surgem novos grupos de mulheres em todo o país. Muitos são somente "grupos de estudos" e de reflexão, organizados de acordo com o modelo dos "grupos de conscientização" surgidos no exterior (p.14).

Foi também no ano de 1975 que pela primeira vez foi problematizada a questão racial dentro do movimento feminista. Segundo Kia Lilly Caldwell (2000):

> Divisões raciais dentro do movimento feminista brasileiro fornecem *insights* importantes sobre as divergências de experiências e perspectivas entre mulheres negras e brancas no Brasil. A apresentação do *Manifesto das Mulheres Negras* durante o Congresso de Mulheres Brasileiras em julho de 1975 marcou o primeiro reconhecimento formal de divisões raciais dentro do movimento feminista brasileiro. Assim como no Ano Internacional da Mulher e a Década da Mulher, 1975 foi um momento importante de mobilização política para feministas brasileiras. Porém, como o *Movimento de Mulheres Negras* sugeriu,

> qualquer suposta unidade entre mulheres brasileiras de raças diferentes já era alvo de debates. (p. 97)

As feministas negras resgataram desigualdades históricas que marcaram e marcam a sociedade pós abolição e argumentavam que problemas como sexualidade, saúde reprodutiva e trabalho tinham efeitos diferentes para as mulheres brancas e negras (CALDWELL, 2000). Assim, as feministas negras provocaram sérios desafios ao movimento feminista ocidental e para o movimento feminista brasileiro em particular, uma vez que colocaram em questão o que significava ser mulher.

Vale observar que desde a década de 70 os encontros nacionais e latino americanos contribuíram para o desenvolvimento interno dos movimentos feministas e que questões apresentadas nestes provocaram reverberações no feminismo como um todo (ALVAREZ, 2003; ADRIÃO, 2008).

Outro marco importante para o movimento feminista brasileiro é apresentado por Cynthia Sarti (2004). De acordo com a autora, a partir da Anistia de 1979 algumas das mulheres que haviam sido exiladas durante a ditadura voltaram para o Brasil e apresentaram para as que ficaram experiências feministas de outros países. Segundo Sarti (2004), através desses encontros novos grupos feministas se consolidaram com o objetivo de criar canais de diálogo com o Estado e interferir em políticas públicas.

No início dos anos 80, já encerrado o período da Ditadura Militar, o clima de democracia enchia de entusiasmo os movimentos sociais[2] brasileiros. Este momento político caracterizou-se pela institucionalização de muitos dos grupos formados entre o final dos anos 70 e início dos anos 80, pela ampliação da relação com os partidos políticos (que se consolidavam no cenário nacional) e pela ampliação da relação também com o Estado (COSTA, 2005).

As primeiras organizações de mulheres, que surgiram entre os anos 70 e 80, configuravam-se muitas delas como Organizações Não Governamentais (ONG). Uma das pioneiras foi a SOS Corpo, de Recife, que se dedicava prioritariamente às questões da

[2] Por movimentos sociais compreendo grupos ou conjuntos de grupos que se organizam através de uma causa política comum com o objetivo de produzir mudanças sociais (SCHERER-WARREN, 2006).

saúde e sexualidade. No Rio de Janeiro, surgiu o Centro da Mulher Brasileira; em São Paulo, o SOS Violência; em Brasília, o CFEMEA; dentre outras (BANDEIRA, 2000)[3].

A ampliação da participação política das mulheres transformou o eleitorado feminino em um alvo do interesse de partidos políticos ao ponto de muitos destes incorporarem as demandas das mulheres às suas plataformas eleitorais. Nos anos 80 muitas mulheres filiaram-se a partidos políticos e disputaram eleições com o propósito de lutar a favor de uma política feminista (COSTA, 2005).

Segundo Costa (2005), a Assembléia Nacional Constituinte, que ocorreu no ano de 1987, mobilizou o movimento a lançar a campanha *'Constituinte pra valer tem que ter palavra de mulher'*. As mulheres se organizaram regional e nacionalmente e sistematizaram propostas e as apresentaram através da *Carta das Mulheres à Assembléia Constituinte*. Através de uma ação direta de convencimento dos parlamentares, que ficou conhecida como Lobby do Batom, as mulheres garantiram a aprovação de 80% de suas demandas. Como apresenta Costa (2005):

> Independentemente de sua filiação partidária e de seus distintos matizes políticos, superando suas divergências ideológicas, apresentaram, em bloco, a maioria das propostas, de forma suprapartidária, ganhando assim a aprovação das demandas do movimento (p.18).

A partir dos anos de 1980, houve também a incorporação do pensamento feminista na academia, cuja interlocução com os movimentos sociais passou a se tornar cada vez mais intensa. Nesse momento foram criados os primeiros núcleos de estudos sobre as mulheres e sobre relações de gênero (BANDEIRA, 2000).

Entre os anos 80 e 90, o movimento feminista, assim como outros movimentos sociais, se articulava através de redes. Essas redes eram (e são até a hoje) compostas por ONG feministas, militantes que ocupavam cargos de gestão, organizações financiadoras e

[3] Vale observar que alguns destes grupos permanecem fortalecidos nos dias atuais e já completaram 30 anos de atuação política. As mulheres que militam nestes grupos, desde suas origens, hoje são reconhecidas como *feministas históricas*.

núcleos de estudos e pesquisas acadêmicas[4] (SCHERER-WARREN, 2006; ALVAREZ, 1998, 2003; ADRIÃO, 2008).

A conjuntura política dos anos 90 foi marcada por um impasse interno nos movimentos feministas. Em 1995, ocorreu na China a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, organizada pela ONU (Organização das Nações Unidas). Sonia Alvarez (1998) defende que toda a articulação voltada para a Conferência fortaleceu o diálogo entre as mulheres latino americanas. A autora afirma ainda que esse processo evidenciou a multiplicação dos espaços e lugares nos quais as feministas atuavam, proporcionando uma reconfiguração das identidades feministas. Além disso, a preparação para a Conferência sugeriu articulações em rede que fortaleceram internamente o movimento. Como aponta Karla Adrião:

> No Brasil, a criação de uma de suas maiores redes feministas deu-se a reboque do processo de organização do movimento em estratégias unificadas, tendo em vista a preparação para ida à IV Conferência Internacional da Mulher – Beijing, 1995. A Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) foi criada com o intuito de estruturar as ações isoladas dos Fóruns Estaduais de Mulheres – instâncias de articulação do movimento feminista, com participação dos diversos grupos organizados de mulheres daquela localidade (Diário de Campo, 2005). Anos depois, pós-década de 1990, a AMB e a Marcha Mundial de Mulheres tornaram-se as redes feministas com maior capacidade de agregar grupos em torno de estratégias comuns (p. 47-48).

De acordo com Costa (2005), durante o processo de preparação e na ocasião da própria Conferência, muitas das diferenças internas tornaram-se evidentes:

> O crescimento do feminismo popular teve como conseqüência fundamental para o movimento amplo de mulheres a diluição das barreiras e resistências ideológicas para com o feminismo. Essa diversidade que assumiu o feminismo brasileiro esteve muito presente nos preparativos do movimento para sua intervenção na Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em setembro de 1995, em Beijing, na China, ao incorporar amplos setores do movimento de mulheres (p.19).

Vale observar que este foi um novo momento de tensão interna para o movimento feminista, assim como o momento em que as negras se apresentaram como um novo segmento no cenário nacional.

[4] O debate sobre as redes feministas será melhor apresentado no segundo capítulo desta dissertação.

A Conferência de Beijing provocou mudanças na organização do movimento feminista. Alvarez (1998) comenta sobre cinco tendências que marcaram o movimento feminista dos anos 90:

> "Em primer lugar, planteo que el proceso Beijing revelo la enorme proliferación, durante la década de los noventa, de los espacios y lugares en los que actúan las mujeres que se autodenominan feministas y en los que, por conseguinte, circulan los discursos feministas, lo cual pone de relieve la reconfiguración de distintiva y un tanto estrechamente definida identidad política feminsita latinoamericana, cristalizada em la década de los setenta y princípios de los ochenta. Em segundo lugar, Beijing dejó ver la *absorción* relativamente rápida de ciertos elementos (los más digeribles) de los discursos y agendas feministas por parte de las instituiciones culturales dominantes, las organizaciones paralelas de la sociedad civil, la sociedad política y el Estado, así como el estabelecimiento internacional del desarollo, esferas todas ellas em las que actualmente se encuentran las feminsitas. Em tercer lugar, la progressiva profesionalización y especialización de importantes sectores de los movimientos feministas – que llamaré de "*ONGeización*" – también fue muy evidente en las coaliciones, eventos y también se vio con claridad creciente articulación o entrelazamiento entre los diversos espacios y lugares de partes de la región y del mundo están actualmente enlazados mediante una gran diversidad de redes heterónomas de movimientos. En efecto, los feminismos lationoamericanos cada vez forman más parte (aunque todavía um tanto marginal) de ese tan celebrado fenómeno de finales del siglo XX: a "sociedad civil global". Por último, y como quinta tendencia, analizaré la *transnacionalización* de los discursos y práticas del movimiento feminista (p. 3-4).

Duas das tendências apresentadas por Sonia Alvarez (1998), a de profissionalização do movimento a partir do processo de ONGuização e de transnacionalização através dos diálogos em redes globais, marcaram fortemente as décadas de 90 e 2000. Essas duas tendências cresceram e passaram a fortalecer uma a outra. Como argumenta a Alvarez (1998):

> Sin lugar a dudas, Beijing demonstró que los recursos proporcionados por la comunidad internacional permitió que algunas ONG feministas recabaran información relevante em materia de políticas y contaran com un personal assaladiado permanente encargado de la "interface" con la ONU, con los gobiernos y con los representantes de los medios de comunicación. Además esta corriente más profesionalizada del feminismo se ha convertido en una interlocutora privilegiada de los funcionarios públicos, los medios de comunicación, así como de las organismos de asistencia y desarollo bilaterales y multilaterales. Al reconocer que las "ONG de mujeres han ido ocupando un espacio importante", una activista boliviana se preguntaba a quién rendían cuentas las ONG, pues em su opinión, todas ellas parecían estar "legitimadas por los poderes patriarcales" (p.18).

Alvarez (1998) também coloca em questão as fontes de financiamento das ONG que se proliferaram nos anos 90. A autora problematiza a relação entre fontes de financiamento e agenda dos movimentos feministas transnacionais, como pode ser observado no trecho de fala abaixo:

> El propio proceso de Beijing indujo a las activistas – casi siempre por la iniciativa o bajo la direción de las ONG feminsitas –a forjar nuevas coaliciones locales, nacionales, regionales y globales, com lo que se reforzó la tendencia a transformar los informales vinculos de la década de los ochenta em las *redes* o "*articulaciones*" más formales y *estructuradas* de los noventa. Sin Duda, la participación de las ONG en el proceso de la ONU y la construción de coaliciones mundiales para tal fin "se intensificaron significativamente como resultado de la [rápida] sucesión de conferencias mundiales que tiveron lugar en la década de los noventa. Y este proceso de participación y articulación de la "sociedad civil global" fue fomentado por organismos bilaterales y multilaterales, así como por la filantropia privada de los países del norte. Como lo expresó una feminista uruguaya, el verdadero frenesi de financiamientos para actividades relacionados a los procesos de la ONU reflejaba los cambiantes "ciclos de la moda de los organismos de cooperación internacional... [cuyo apoyo] fue pasando de los centros de investigación a las organizaciones populares, las ONG, las redes locales, las redes regionales y, ahora, las redes globales" (p. 14).

As feministas dos anos 90 ampliaram as bandeiras do feminismo na medida em que incorporaram novos segmentos e novas discussões ao movimento feminista - que se tornou um movimento social cada vez mais complexo. Além disso, forjaram um movimento social transnacional e multiplicaram suas fontes de financiamento e possibilidades de atuação política.

Vale observar que esta não foi só uma tendência do movimento feminista. Segundo Breno Bringel e Enara Echart (2008), a transnacionalização das ações tornou-se característica que marca os movimentos sociais do século final do XX e início do século XXI. Sobre essa questão os autores comentam o seguinte:

> A união em movimentos e redes transnacionais implicou mudanças em relação à sua "estrutura clássica": as relações sociais que constroem a ação coletiva no cenário internacional são mais informais e descentralizadas para que possa ser incluída toda a heterogeneidade derivada da conexão de diferentes lutas sociais. [...] Nesse ponto, é notável a importância de *adaptação* da dimensão local para a ação coletiva transnacional, que varia desde repertórios mais clássicos e (ou)informais (como manifestações ou campanhas de denúncia e sensibilização) à criação de marcos mais estruturados (como os espaços de encontro próprios – Fórum Social Mundial e outros – e a participação em encontros e fóruns oficiais) (p.463).

Nos anos 2000, diante da pluralidade do movimento feminista, o exercício de marcar diferenças internas no sentido de colocar em evidência algumas especificidades, tornou-se ainda mais constante. De acordo com Karla Adrião e Juracy Toneli (2008), a organização das agendas políticas feministas passou a ser marcada por demandas apresentadas pelos segmentos do movimento.

Como apresentam Karla Adrião, Juracy Toneli e Sônia Maluf (2011), através dos espaços das grandes conferências da ONU, dos Fóruns Sociais Mundiais, dos encontros latino americano, dentre outros, o feminismo brasileiro passou a dialogar com políticas globais. Segundo as autoras:

> As temáticas feministas colocam-se em torno de uma busca de transformação social – no sentido amplo do termo – além de procurarem erradicar as desigualdades sofridas pelas mulheres, acarretadas por sua condição de subordinação. Essas chamadas são conhecidas de todas e todos aqueles que estudam ou militam em torno das questões de gênero e feminismo. Além dessa perspectiva geral, negociações internas vêm sendo feitas no sentido de definir o que é específico da agenda feminista, no Brasil pós-década de 1990, seja nos fóruns políticos, seja nos fóruns acadêmicos (p. 664).

O cenário do movimento feminista dos anos 2000 apresentou novidades importantes no que se refere à relação com o Governo Federal. No ano de 2002, na perspectiva de preparação para a eleição presidencial após o Governo FHC, as feministas brasileiras se reuniram na Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras e produziram um documento, a Plataforma Política Feminista (PPF), a ser encaminhado para os poderes executivos e legislativos. Ainda nesse mesmo ano foi confirmada a eleição do primeiro presidente de um partido tradicionalmente de esquerda - Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), que assumiu a presidência da república em janeiro de 2003 (ADRIÃO, 2008).

Vale observar que o PT organiza-se internamente através de setores e que na ocasião da eleição já tinha uma consolidada participação feminista através de um setor de mulheres. No primeiro dia do Governo Lula foi criada a Secretaria Especial de Política para Mulheres, com caráter de Ministério Federal (ADRIÃO, 2008).

Em abril de 2004 iniciaram-se os trabalhos para que ocorressem as Conferências de Políticas para as Mulheres, através das etapas municipais ou sub-regionais (no caso das zonas rurais) e etapas estaduais. Em 2005, ocorreu a etapa nacional das conferências e desta originou-se o I Plano Nacional de Política para as Mulheres (ADRIÃO, 2008).

No ano de 2007 se repetiram as etapas municipais e estaduais e ocorreu a II Conferência Nacional de Políticas para Mulheres. Ainda em 2007 foi lançado o II Plano Nacional de Políticas para Mulheres (BRASIL, 2008).

No ano de 2010 ocorreram novas eleições e pela primeira vez na história do país foi eleita uma mulher para assumir o governo federal. Em janeiro de 2011 Dilma Rousseff (PT), tornou-se a primeira presidenta da república. Em 2011 repetiram-se as etapas municipais e estaduais e ocorreu III Conferência Nacional de Políticas para Mulheres (BRASIL, 2012).

Importante destacar que desde o ano de 2003 até os dias atuais pudemos observar uma maior abertura do Governo Federal brasileiro para as discussões sobre políticas para as mulheres. Observamos também que muitas das mulheres que historicamente pertenceram aos movimentos feminista e de mulheres assumiram cargos de gestão. Esse novo fenômeno político garantiu um fortalecimento da relação dos movimentos sociais com o Estado, não só os movimentos feminista e de mulheres. Entretanto, observamos um enfraquecimento interno dos movimentos sociais, seja porque cederam seus quadros para assumirem cargos públicos, seja porque foram silenciados através das promessas políticas feitas por um governo gerenciado por um partido tradicionalmente de esquerda.

Importante registrar que foi no contexto dos anos 2000 que as jovens feministas se apresentam no cenário feminista latino americano como um novo segmento do movimento feminista, como um novo sujeito político. No que se refere a sujeitos políticos, apresentam Karla Adrião, Juracy Toneli e Sônia Maluf (2011) a seguinte compreensão:

> A perspectiva de constituição de um sujeito político orienta e unifica os movimentos sociais, dando-lhes "uma cara própria" que, por sua vez, indicam quais são as desigualdades sofridas e quais as reivindicações almejadas (p.665).

Diversos são os sujeitos políticos do movimento feminista. Como apresenta Suely Gomes Costa (2004):

> Muitas tensões esgarçam a convivência de mulheres de diferentes classes sociais às práticas feministas nos seus muitos movimentos organizados, sobretudo de mulheres de camadas sociais de médias e altas rendas. [...] Nem mesmo o ideal da "sororidade", misto de sentimento e utopia que tem presidido os movimentos feministas por tanto tempo, numa suposta identidade biológica, resiste a elas. Problemas da convivência e de hierarquias sociais entre mulheres desiguais por posição de classe, status intelectual e profissional, de raça/etnia e mesmo geração, estão longe de ser equacionados (p.24).

Os estudos sobre os sujeitos políticos do feminismo têm se ampliado nos últimos anos (ÁVILA, 2000; COSTA, 2002; MALUF, 2008; ADRIÃO, 2008; ADRIÃO & TONELI, 2008; ADRIÃO, 2009; ADRIÃO, 2011; ADRIÃO, TONELI & MALUF, 2011). O Fazendo Gênero, encontro feminista acadêmico bienal de relevância latino americana, apresenta desde 2006 em sua programação Seminários Temáticos que garantem a discussão sobre os sujeitos políticos[5].

Este trabalho tem por objetivo somar-se a bibliografia já produzida no sentido de contribuir com a discussão sobre as jovens feministas enquanto sujeitos políticos do movimento feminista.

2.2 Breve panorama das discussões sobre juventude no Brasil

É vasto o campo de estudos acadêmicos sobre juventudes no Brasil. O que hoje conhecemos como juventude surgiu na sociedade moderna ocidental com o objetivo de definir o que seria o período da vida entre a infância (caracterizada pela dependência emocional, física e econômica das pessoas adultas) e a adultez (caracterizada por uma suposta autonomia).

---

[5] Esses Seminários Temáticos (ST) foram coordenados: em 2006 por Sônia Weidner Maluf (UFSC) e Telma Gurgel da Silva (UERN), em 2008 por Telma Gurgel da Silva (UERN), Sônia Weidner Maluf (UFSC) e Karla Galvão Adrião (UFSC) – sob o título *Sujeitos do feminismo: políticas e teorias* e em 2010 por Karla Galvão Adrião (UFPE) e Telma Gurgel da Silva (UERN), intitulado *Sujeitos do feminismo: construção de saberes, deslocamento de práticas*.

Segundo Helena Abramo (1997), estudos sobre os(as) jovens brasileiros(as), depois de um longo período de quase total ausência, voltaram para a academia na década de 1990, principalmente através de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Entretanto, como aponta a autora, tradicionalmente a maior parte das reflexões acerca dos(as) jovens prioriza discussões sobre sistemas e instituições presentes nas vidas destes(as), tais como escola, família e sistemas jurídicos. Abramo (1997), afirma também que se prioriza estudos sobre os(as) jovens em situação "anormal" e/ou em situações de risco. Segundo a autora, foi apenas a partir da retomada dos anos 90 que alguns estudos passaram refletir sobre os(as) próprios(as) jovens, suas experiências, formas de sociabilidade e atuação.

Como observa Áurea Silva (2009), as recentes teorias produzidas no Brasil, entre os anos de 1990 e 2000, sobre juventude apresentam ambíguas definições e caracterizações do que seriam as(os) jovens:

> Em linhas gerais, os estudos pioneiros forjaram representações reducionistas sobre juventude, como reiteram diversos trabalhos de revisão dessa literatura (PAIS, 1993; ABRAMO, 1997; SPÓSITO, 1997; 2002). Enquanto algumas teorias trataram de definir a juventude como referida a um tempo de liberdade, prazer, expressão de aspirações progressistas, mudança cultural e experimentações, outras a conceberam como um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, em que predominariam outras características negativas como a apatia, o individualismo e o consumismo (p.46).

Compreendo a juventude como um período da vida humana que está associado a transformações biológicas, psicológicas e sociológicas. Embora acredite também que a juventude não pode ser definida exclusivamente a partir de alguns desses critérios, mas da inter-relação entre essas e outras diferentes dimensões, tais como geográficas, econômicas e culturais, que são definidas e redefinidas ao longo da história de vida de cada pessoa. Sobre essa questão Alberto Melucci (1997) escreve o seguinte:

> As atuais tendências emergentes no âmbito da cultura e da ação juvenil têm que ser entendidas a partir de uma perspectiva macro-sociológica e, simultaneamente, através da consideração de experiências individuais na vida diária (p.5).

Há, portanto, variados significados para o termo juventude e utilizá-lo no plural é uma forma de evidenciar essa não uniformidade. Contudo, no âmbito das políticas

públicas, são necessários marcadores que definam rigidamente aqueles e aquelas que são jovens. Como apresenta Áurea Silva (2009):

> A articulação de múltiplas variáveis socioeconômicas, culturais, geográficas, demográficas, entre outras, configura o mosaico das juventudes que se reportam à categoria conceitual de "juventude". É assim que, no mundo contemporâneo, a juventude termina por escapar dos marcos exclusivamente etários e as diferenças entre as gerações se tornam cada vez mais difíceis de precisar. Vale comentar, porém, que essa relativização é limitada do ponto de vista formal, pois a categoria passa a figurar com a definição de critérios objetivos. Quando o assunto é política pública de juventude, por exemplo, comumente convenciona-se uma faixa etária para distinguir a população a ser beneficiada (p.46).

No sentido de corroborar com a observação de Áurea Silva (2009), apresento abaixo marcos nacionais e internacionais que norteiam as definições de juventude e, consequentemente, as políticas para juventude.

Desde 1985, Ano Internacional da Juventude, a ONU (Organização das Nações Unidas) adotou a faixa etária entre 15 e 24 anos para definir a juventude. Entretanto, como evidencia a própria UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), essa faixa etária não pode ser a mesma em qualquer região do mundo. No caso das áreas rurais ou de pobreza extrema, o limite se desloca para baixo e inclui o grupo de 10 a 14 anos, já nos estratos sociais médios e altos urbanos, pode se ampliar para cima, incluindo o grupo de 25 a 29 anos (UNESCO, 2004a).

Para as resoluções brasileiras através da Política Nacional de Juventude pessoas entre 15 e 29 passaram a ser consideradas jovens. Desse grupo as pessoas entre 15 e 17 anos são consideradas adolescentes-jovens, as pessoas de 18 a 24 anos, jovens-jovens e as pessoas entre 25 e 29, são jovens-adultas (BRASIL, 2008).

2.2.1 Políticas para juventude no Brasil

A UNESCO (2004b) apresenta um histórico sobre políticas públicas de enfoque na juventude a partir de quatro momentos entre os anos de 1950 e 1980. Nos anos 50, a discussão sobre juventude na a América Latina teria se concentrado em duas esferas: a educação e o tempo livre: "junto com a expansão do sistema educacional, os governos procuraram oferecer um maior controle do uso do chamado tempo livre entre os jovens"

(p.60). Entre os anos 60 e 70 , quando os jovens estavam organizados e mobilizados com o objetivo de contestar as formas de governo, nesse momento as políticas assumiram características de controle social dos(as) jovens. No final dos anos 80, as insatisfações políticas e a pobreza propiciaram mobilizações que ficaram conhecidas como ‘distúrbios nacionais’. Nesse momento os(as) jovens saquearam supermercados e ocuparam prédios públicos. As políticas, portanto, focaram o enfrentamento da pobreza e do delito - potencializados diante das crises econômicas generalizadas. A partir dos anos 90 as políticas passaram a ressaltar a importância do capital humano para uma transformação produtiva. Passou a haver um incentivo aos jovens a inserção social e ao mercado de trabalho. E essa é uma tendência que se atualizou nos anos 2000.

Em 1997, Helena Abramo escreveu a seguinte análise sobre as políticas voltadas para juventude no Brasil:

> Somente recente e lentamente pode-se observar, no Brasil, a preocupação de responsáveis pela formulação de políticas governamentais com os jovens: algumas prefeituras e governos estaduais têm ensaiado a formulação de políticas específicas para esse segmento da população, envolvendo programas de formação profissional e de oferecimento de serviços especiais de saúde, cultura e lazer; nota-se também uma movimentação no plano federal para focar a questão: foi criada, pela primeira vez, no Brasil, uma Assessoria Especial para Assuntos de Juventude, vinculada ao gabinete do Ministério da Educação, e há dois programas do Comunidade Solidária destinados a jovens: o Universidade Solidária e um concurso de estímulo e financiamento a programas de capacitação profissional de jovens (p.26).

Desde o ano de 2003, durante o primeiro mandato do Governo Lula, passaram a haver mudanças no cenário nacional. Neste ano foi criada na Câmara ds Deputados a Coissão Especial de Juventude- CEJUVENT. Entre os anos 2003 e 2004 essa comissão esteve ativa e realizou audiências públicas, encontros estaduais e um seminário nacional. Como resultados desses trabalhos foram encaminhadas três propostas: 1) uma Emenda Constitucional que inclui a expressão “jovem” na Consituição (PEC 138-A/2005); 2) a criação do Estatuto dos Direitos da Juventude (PL 27/2007); e 3) o Plano Nacional de Juventude (PL 4530/2004) (BRASIL,2008).

Em 2004 foi criado o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve). Beto Cury (2009), que foi secretário nacional de juventude entre os anos de 2005 a 2011, o apresenta

como um dos pilares para a política juvenil. O Conjuve é composto por um terço de representantes de poder público e dois terços de representantes da sociedade civil. Segundo Cury, o Conjuve tem como principais atribuições formular e propor diretrizes para as políticas de juventude; realizar estudos e pesquisas sobre a realidade socioeconômica dos(das) jovens brasileiros(as); e viabilizar o intercâmbio entre organizações juvenis nacionais e internacionais (CURY, 2009).

Dentre os membros da sociedade civil que tem dialogado com a Secretaria, Cury (2009) destaca os(as) representantes do movimento estudantil, representantes dos(as) jovens trabalhadores(as) urbanos e rurais, representantes indígenas e quilombolas, representantes do hip-hop e representantes do movimento de mulheres.

Em 2005, também por indicações do Conjuve, foi criada a Secretaria Nacional de Juventude. Segundo a página *on line* da Secretaria[6], no que se refere aos princípios das políticas publicas voltadas para a juventude no Brasil, destacam-se os seguintes: I - Reconhecimento da juventude como uma condição social e dos jovens como sujeito de direitos; II - Incentivo à autonomia, ao protagonismo e à emancipação dos jovens; III - Respeito à diversidade, as identidades e as diferentes formas de agir; e IV - Fortalecimento da participação juvenil e o controle social das políticas públicas.

A Secretaria Nacional de Juventude compreende que as políticas públicas de juventude devem ter um caráter redistribuitivo no sentido de garantir a diminuição das desigualdade entre os jovens e outros segmentos etários e dos jovens entre si. Nesse sentido as políticas para juventude devem ser implementadas como: (a) políticas universais, no sentido de levar em conta singularidades da juventude; (b) políticas emergenciais, apresentando alternativas para jovens em situação de vulnerabilidade; e (c) políticas específicas, que reconheçam e promovam particularidades de diferentes grupos juvenis (BRASIL, 2008).

No ano de 2007 ocorreram etapas municipais e estaduais e em abril de 2008 ocorreu a I Conferência Nacional de Juventude. Esta Conferência teve como tema "Levante sua bandeira". Durante a Conferência foram discutidas propostas sobre educação;

[6] www.juventude.gov.br (Acessado em fevereiro de 2012)

trabalho; cultura; sexualidade; participação política; meio ambiente; segurança e direitos humanos; diversidade e políticas afirmativas; tempo livre, esporte e lazer; cidades; políticas para juventude; mídia, comunicação e tecnologia da informação; drogas; família; campo; e povos de comunidades tradicionais. Como balanço da I Conferência, observou-se que os(as) jovens presentes demandaram mais políticas universais, no sentido de visibilizar e fortalecer a categoria juventude (BRASIL, 2008).

Em dezembro de 2011, após as etapas municipais e estaduais, ocorreu em Brasília a II Conferência Nacional de Juventude. A II Conferência teve como tema "Conquistar direitos, desenvolver o Brasil". A resolução final das propostas aprovadas apresentou os seguintes eixos: desenvolvimento integral da juventude; direito ao território; direito à experimentação e qualidade de vida; direito à diversidade e a vida segura; e direito à participação (BRASIL, 2012). A partir das resoluções finais da II Conferência pode ser observado um exercício de transversalização das políticas para a juventude no sentido de garantir direitos para diferentes categorias juvenis através de políticas universais.

No tópico seguinte irei apresentar o surgimento das jovens feministas como um novo segmento político do movimento feminista latino americano através de textos (acadêmicos e não acadêmicos) produzidos por autoras brasileiras. Dentre estas autoras destaco as próprias jovens feministas que produziram textos que foram reunidos na coletânea *Forito: jovens feministas presente*, publicada no ano de 2009. O Forito foi produzido através de uma parceria entre a Fundação Friederich Ebert, a ONG Ação Educativa e a UNIFEM (ONU Mulheres).

2.3 Quem são as jovens feministas?

Ainda durante a graduação, através de discussões no já mencionado grupo de estudos Interfaces Feministas, entrei em contato com a questão "Feministas jovens ou jovens feministas?". Essa tensão, também apresentada na tese de doutorado de Karla Galvão Adrião (2008), me lançou o desafio de pesquisar quem seriam as *jovens feministas*.

Durante o já mencionado curso *Feminismo: da Intenção ao Gesto* (ainda graduanda), conheci militantes de diversos grupos de movimentos sociais. Não por acaso,

chamou-me a atenção o Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco. Através de conversas informais com as jovens de Pernambuco tomei conhecimento que este coletivo havia sido formado nos anos 2000. O contexto de emergência do Coletivo dialoga com o cenário latino americano dos movimentos feministas do final do século XX e início do século XXI.

Adrião (2008) relata que em 2005, no 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe[7], ocorreram tensões sem precedentes. Pela primeira vez, jovens apresentaram-se como um novo segmento do movimento feminista. Sobre a participação das jovens no 10º Encontro a autora escreveu:

> A importância das jovens é inegável. Traz à tona uma hierarquia interna do movimento, na qual quem tem mais tempo ali, ou seja, as "históricas" tem mais poder. [8] [...] As jovens feministas utilizam estratégias de busca de igualdade dentro do movimento ressaltando "diferenças específicas". Ou seja, movimentam inteiramente o feminismo com a inserção de demandas situadas e contextualizadas como "de um movimento jovem". [...] Ao mesmo tempo percorrem caminhos que outras mulheres de outros segmentos já percorreram como foi o caso das negras, indígenas e lésbicas (p. 89).

No início dos anos 2000 estudos já apontavam um momento de efervescência no que se refere à participação das jovens no movimento feminista (GIOVANNI, 2003; SANCHES, 2003), mas foi após o 10º Encontro Feminista que os estudos acadêmicos latino americanos passaram a refletir sobre a participação das jovens feministas a partir de um segmento organizado do movimento (ADEVE, 2009; ADRIÃO, 2008, 2009, 2011; ADRIÃO & TONELI, 2008; DONATO, 2012; EPELDE, 2009; GÓMEZ-RAMÍREZ & CRUZ, 2008; SILVA, 2009; ZANETTI, 2008, 2009, 2010, 2011).

Vale observar que em muitos desses estudos são apresentados regates históricos sobre o surgimento das jovens feministas no Brasil, entretanto, parecem naturalizar marcos localizados na região Sudeste do país. Importante ressaltar também que em nenhum desses

[7] Os Encontros Feministas Latino Americanos e do Caribe ocorrem desde o ano de 1981 com o objetivo de reunir mulheres latino americanas e caribenhas que militam pelo movimento feminista. Sua última versão ocorreu no ano de 2011, na cidade de Bogotá – Colômbia. 30 anos antes, Bogotá sediou o 1º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe. Fonte: http://www.feminismo.org.br

[8] Vale observar que as ditas feministas históricas não se auto declaram como tal e não constituem um seguimento no movimento feminista.

estudos o surgimento do segmento das *jovens feministas* foi uma questão central e que, em nenhum deles, a condição das jovens feministas no Nordeste do Brasil foi problematizada.

Após o primeiro aparecimento público no já mencionado 10ª Encontro Latino Americano e do Caribe, as jovens feministas brasileiras se organizaram novamente em 2007 para participar da II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres. Ana Adeve (2009), jovem feminista de São Paulo, apresenta esse momento como de grande relevância: "foi a primeira vez que a questão das mulheres jovens ganhou um capítulo especial dentro das referências de políticas públicas para mulheres" (p.37). Como resultado da Conferência foi elaborado o II Plano Nacional de Políticas para Mulheres, onde as questões das jovens estão presentes.

Adeve (2009) afirma também que ao se articularem para incluir suas demandas e propostas de políticas públicas no documento da II Conferência, consolidou-se o grupo que em 2008 organizaria o I Encontro Nacional de Jovens Feministas no estado do Ceará.

Segundo Ana Adeve (2009), o I Encontro foi construído de forma coletiva por jovens de diferentes estados do Brasil. Dentre esses estados estavam: (1) o Ceará, através do Centro de Estudos Aplicados de Juventude, do Coletivo de Jovens Feministas do Ceará, do Instituto da Juventude Contemporânea (IJC), do Liberdade de Amor entre Mulheres no Ceará (LAMCE); (2) a Bahia, através do Coletivo de Entidades Negras (CEN), do Coletivo Feminista Marias, do Coletivo Loreta Valadares (UBM); (3) Pernambuco, através das Jovens Negras Feministas de Pernambuco; (4) o Espírito Santo, através de Ana Lúcia Rezende (uma jovem feminista autônoma); e (5) São Paulo, através das Jovens Feministas de São Paulo, do Fala Preta, das Negras Jovens Feministas, do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert) e da Articulação Política de Juventudes Negra.

Além das jovens, o I Encontro teve como parceiros a Secretaria de Política para as Mulheres, a Secretaria Nacional de Juventude, o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM)[9] e a Fundação Friedrich Ebert (FES)[10] (ADEVE, 2009).

[9] Atualmente a ONU Mulheres.

No que se refere à escolha do local do I Encontro, Adeve (2009) apresenta os seguintes argumentos:

> Além do desejo de potencializar o Nordeste no I Encontro, a escolha do local ocorreu também porque identificávamos no Ceará um movimento de mulheres forte em organizações como o Fórum de Mulheres, a Marcha Mundial de Mulheres, a União Brasileira de Mulheres, a Articulação Brasileira de Mulheres, a Articulação Brasileira de Mulheres Negras e o coletivo de Jovens Feministas do Ceará, entre outras**,** que ocupam importantes espaços de atuação no estado (p. 38, grifos meus).

A partir dessa colocação, podemos observar algumas questões importantes. Se por um lado afirma-se que o movimento das jovens feministas precisava ser fortalecido no Nordeste, por outro lado reconhece-se a existência um movimento feminista articulado no Ceará.

Outra questão evidenciada a partir da fala de Adeve (2009) é que as jovens não dialogavam exclusivamente com um grupo do movimento e que compreendiam como positiva a articulação com diferentes grupos dos movimentos feministas, a exemplo dos grupos mencionados acima.

No que se refere ao I Encontro, Júlia Zanetti (2008) afirma que havia cerca de 100 jovens presentes e que este teve como objetivo refletir sobre o 'ser mulher jovem' e problematizar essa condição também a partir de questões de território, raça e orientação sexual. Ainda durante o I Encontro, a partir da discussão sobre as políticas públicas para as mulheres, foi criada a Articulação Brasileira de Jovens Feministas – ABJF (ZANETI, 2008). Também no I Encontro foi elaborada a Carta de Princípios da Articulação Brasileira de Jovens Feministas, na qual as jovens da ABJF se apresentam como negras,

[10] Segundo o site da organização www.fes.org.br, acessado em fevereiro de 2012, o objetivo desta fundação é: "Promover a democracia e o desenvolvimento, contribuir para a paz e a segurança, criar uma globalização solidária - essas são as diretrizes fundamentais que norteiam o trabalho realizado pela Fundação Friedrich Ebert (FES) no plano internacional. A Fundação acompanha de forma ativa a formação e consolidação de estruturas da sociedade civil e do Estado com projetos em mais de 100 países, apoiando a democracia e a justiça social, sindicatos livres e fortes bem como a defesa dos direitos humanos e a igualdade étnico-racial e de gênero. Junto com organizações parceiras, entre outras o PT (Partido dos Trabalhadores), a CUT (Central Única dos Trabalhadores), inúmeras organizações da sociedade civil, instâncias governamentais e instituições científicas, estamos há mais de 30 anos atuando a partir de São Paulo como FES Brasil, ocupando-nos de múltiplas questões: política internacional, o estado e a sociedade, as relações trabalhistas/sindicais e a inclusão social".

lésbicas, indígenas, quilombolas, rurais, da periferia, sindicalistas e de populações tradicionais e provenientes de diferentes regiões do Brasil. Além disso, elas afirmam estar construindo uma rede de caráter democrático, suprapartidário, anticapitalista, antiracista, antipatriarcal, antilesbofóbico, não sexista, não adultocêntrico, não confessional, não hierárquico e não governamental[11].

Em 2009, através da Coordenação da Ação Educativa e da Fundação Friedrich Ebert e apoio da UNIFEM, as Jovens Feministas publicaram o Forito, coletânea organizada por Fernanda de Carvalho Papa e Raquel Souza, que reune depoimentos, entrevistas e artigos acadêmicos produzido pelas próprias jovens.

Mas, porque ser uma jovem feminista? Ao que parece, existem questões internas e externas. Internamente, no movimento feminista, há a necessidade de dar visibilidade a diferenças geracionais e garantir a possibilidade de voz a partir de um novo segmento, através de um novo sujeito político que reafirma o pertencimento ao feminismo. Externamente, no movimento de juventude, busca-se legitimidade para falar a partir do lugar de feministas e lutar por políticas que contemplem as jovens. Como afirma Áurea Silva (2009), jovem feminista de Belo Horizonte:

> A influência das jovens sobre o ativismo feminista pode gerar novos arranjos participativos entre o movimento e o Estado, inaugurando um campo de lutas por inclusão política com feição geracional. Ao mesmo tempo, o tema da participação e do protagonismo juvenil pode ganhar mais consistência e abrangência se assimilar discussões importantes do feminismo, como corporeidade / sexualidade, empoderamento e produção de conhecimento, dando outros sentidos às culturas juvenis para além daquelas formas já estudadas e contempladas nas políticas públicas (p.52).

Desde 2008 até então não ocorreu o II Encontro Brasileiro de Jovens Feministas. Durante esse tempo as jovens passaram a se articular através de seus próprios estados a exemplo dos Coletivos de Jovens Feministas de Pernambuco e de São Paulo e através de um grupo *on line* que conectava as jovens vinculadas à ABJF.

Vale destacar que a articulação em rede, que pode ser observada no movimento feminista desde os anos 80 (SCHERER-WARREN, 2006; ADRIÃO, 2008), foi uma

[11] Carta de Princípios da ABJF, 2008. Disponível em: http://dialogoj.files.wordpress.com/2008/04/carta-de-principios-de-articulacao-brasileira-de-jovens-feministas.pdf

importante referência para as jovens feministas, que passaram a se organizar através da Articulação Brasileira de Jovens Feministas. Essa Articulação passou a garantir a comunicação interna das jovens feministas através de reuniões presenciais (durante encontros organizados pelo movimento feminista ou pelo governo) e, sobretudo, por discussões virtuais realizadas através da Internet.

Em 2011 ocorreu na cidade de São Paulo o I Seminário Nacional de Jovens Feministas, organizado pelo Coletivo de Jovens Feministas de São Paulo em parcerias com a Zulu Nation Brasil, a Associação Hip Hop Mulher e o Conselho da Comunidade Negra, com o apoio institucional da ONU Mulheres. Através do *site* das Jovens de São Paulo[12], houve uma chamada de 28 jovens de diferentes estados do Brasil. Diferente do I Encontro Nacional, as jovens do I Seminário foram selecionadas pelas Jovens Feministas de São Paulo, através de um processo *on line.* As jovens interessadas deveriam preencher um formulário e apresentar uma carta de intenção[13].

De acordo com a notícia veiculada no *site* das Jovens Feministas de São Paulo das 28 jovens selecionadas para o I Seminário, 14 eram do Sudeste do país (sendo 11 do estado de São Paulo, uma do Rio de Janeiro, uma de Minas Gerais, uma do Espírito Santo); seis do Nordeste (sendo duas da Bahia, uma da Paraíba, uma de Pernambuco, uma do Ceará e uma do Maranhão); três da região Norte (sendo uma do Pará, uma do Amapá e uma do Amazonas); três do Centro Oeste do país (sendo uma do Mato Grosso do Sul, uma de Goiás e uma do Distrito Federal); e duas da região Sul (sendo uma do Paraná e uma do Rio Grande do Sul).

Na ocasião do I Seminário foram lançadas as campanhas nacionais, *Jovens Feministas pelos Direitos Sexuais e Reprodutivos* idealizada pela Articulação Brasileira de Jovens Feministas e *Educação em Sexualidade: desafios para uma política pública* apresentada pela ONG ECOS, de São Paulo. Além das jovens estiveram presentes Leci Brandão, deputada federal pelo estado de São Paulo, e Susana Martinez, representante da ONU Mulheres.

---

[12] http://jovensfeministasdesp.blogspot.com.br/ (Acessado em agosto de 2011)

[13] Vale observar que me inscrevi para participar desse Seminário e em minha carta de intenção fiz menção à pesquisa de mestrado que estava desenvolvendo. Não fui selecionada.

No que se refere aos cenários do I Encontro e do I Seminário, importante destacar as estreitas relações internacionais presentes. Em diferentes ações as jovens contaram com o apoio da organização alemã Fundação Friedrich Ebert e da ONU Mulheres. Esses apoios, além de remeter ao caráter transnacional dos movimentos feministas contemporâneos, evidenciam o poder de articulação das jovens dos anos 2000.

Outros parceiros das jovens que merecem destaque são a Secretaria de Política para Mulheres e a Secretaria Nacional de Juventude. Essas parcerias ratificam o grande potencial de articulação das jovens feministas. Como apresenta Áurea Silva (2009), provocar o cruzamento das pautas das duas Secretarias apresenta-se como um dos grandes desafios postos para as jovens feministas.

> No que se refere às mulheres jovens, importa constatar que é também por afirmação identitária que elas se colocam como um grupo que requer políticas públicas específicas. Elas podem manifestar demandas genéricas como jovens ou mulheres, ou por alusão a qualquer outro marcador social distintivo, mas acrescentam a seu repertório outras demandas que não são necessariamente coincidentes com aquelas levantadas pelos demais segmentos juvenis ou pelas mulheres em geral (p.48).

Como podemos observar, desde o ano de 2005 as jovens feministas se apresentaram para o movimento feminista latino americano como um novo segmento em disputa no campo feminista. Os capítulos que se seguem apresentaram especificidades da trajetória política das jovens feministas nordestinas de forma a resgatar o cenário político no qual estas jovens são formadas e passam a atuar politicamente.

3 PERSPECTIVAS, PERCURSOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentarei perspectivas de pesquisa qualitativa, feminista e pós estruturalista a partir das quais me referenciei e em seguida apresentarei o caminho metodológico que percorri até a análise do material produzido por esta pesquisa.

3.1 Perspectivas metodológicas

A partir do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFPE e especialmente da linha *Processos Psicossociais, Poder e Práticas Coletivas*, na qual cursei o mestrado me situo no campo das pesquisas de investigação social. Como apontam Jaileila Menezes e Mônica Costa (2010), o campo da investigação social apresenta uma estreita relação com a pesquisa qualitativa. Segundo as autoras, as metodologias qualitativas tem como origem um movimento reformista que surgiu no meio acadêmico no início dos anos 1970. Ainda segundo Menezes e Costa (2010), este movimento iniciou-se em disciplinas como a antropologia e a sociologia, que começaram a utilizar - com respaldo das demais ciências humanas - métodos qualitativos de registro e interpretação. Posteriormente, vertentes da psicologia também incorporaram a crítica aos testes e à experimentação de hipóteses estatísticas e assim formularam novas metodologias.

Esta trabalho apóia-se na perspectiva qualitativa de ciência por apostar na investigação de processos, posicionamentos e significados. Desse modo, distancia-se de um padrão de ciência hegemônico consolidado através de técnicas ‘neutras’ de medição e classificação.

As metodologias qualitativas empenham-se em garantir a coerência interna das pesquisas e apostam na possibilidade de obter resultados a partir dos objetivos definidos pelo(a) pesquisador(a). Portanto, metodologias qualitativas não devem ser herméticas, mas precisam estar atentas as demandas que surgem desde o início do trabalho de campo. Em

campo e durante a análise, o compromisso com a coerência interna da pesquisa qualitativa é que deve garantir a viabilidade e a efetividade da pesquisa. Metodologias qualitativas devem ser construídas e reconstruídas através da relação entre campo de pesquisa, sujeito pesquisador(a) e sujeito pesquisado(a) (MENEZES & COSTA, 2010).

Enquanto na pesquisa quantitativa – consolidada como ciência verdadeira – exige-se um compromisso com um rigor metodológico, para a pesquisa qualitativa este compromisso está relacionado à coerência metodológica. Como apresentam Norman Denzin e Yvonna Lincoln (2006):

> Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para o modo como a experiência social é criada e adquire significado. Já os estudos quantitativos enfatizam o ato de medir e de analisar as relações casuais entre variáveis, e não processos. Aquele que propõem esses estudos alegam que seu trabalho é feito a partir de uma esquema livre de valores (portanto neutro) (p.23).

Como podemos observar, a pesquisa qualitativa diferencia-se da visão de pesquisa quantitativa pela compreensão que as verdades são construídas e pela forma que compreende a relação entre pesquisador(a) e pesquisado(a). Enquanto a pesquisa quantitativa pressupõe um distanciamento entre sujeitos pesquisadores(as) e sujeitos pesquisados(as), na pesquisa qualitativa pesquisadores(as) e pesquisados(as) são sujeitos no processo de pesquisa e fazem parte da comunidade pesquisada.

No que se refere ao estudo dos movimentos sociais a partir de uma perspectiva militante, Breno Bringel e Enara Echart (2008) apresentam as seguintes considerações:

> Diante do positivismo, reconhece-se a construção social do conhecimento e a consequente impossibilidade de uma ciência neutral, desprovida de valores, onde o objeto de estudo pudesse permanecer absolutamente desvinculado do sujeito que observa a partir de uma percepção inócua (LINKLATER, 1996). Essa perspectiva analítica vem permitindo uma série de novos estudos sobre movimentos sociais realizados a partir de uma perspectiva militante ou ativista (p. 461).

Desse modo, desde já me apresento como uma pesquisadora feminista, assim como as demais jovens feministas que contribuíram com este trabalho.

As perspectivas qualitativas de ciência dialogam com as epistemologias feministas que também questionam as reverenciadas lógicas de verdade e neutralidade científicas. As criticas feministas à ciência sugerem uma mudança na postura das(os) pesquisadoras(es) uma vez que desconsidera a neutralidade científica como possibilidade. Desse modo, a ciência femisnita assume que crenças, valores e expectativas estão presentes desde a delimitação do problema até o processo de análise. Nesse sentido a oposição entre pesquisadoras(es) e objeto de estudo torna-se incoerente. É nesse sentido que as autoras portuguesas Conceição Nogueira e Sofia Neves (2005), propõem o uso da reflexividade na produção científica. Segundo as autoras, pesquisadoras(es) feministas devem estar atentas(os) às relações de poder e às intencionalidades existentes no processo de produção científica. Sendo assim, pesquisadoras(es) feministas devem se responsabilizar politicamente por suas produções.

Mary Gergen (1993) apresenta alguns dos pontos centrais da crítica feminista à ciência moderna. A ciência feminista, portanto, problematiza:

> I - A independência entre cientista e objeto de pesquisa; II - a descontextualização da matéria do campo em que está inserida física e historicamente; III - teoria e práticas neutras em valor; IV - a independência dos "fatos" e, relação ao cientista; e V - a superioridade dos cientistas em relação às outras pessoas (p. 117).

Fazer oposição a esses valores significa, portanto, apostar em interpretações politicamente situadas, na reflexão de fenômenos em movimento e na (des)construção das verdades.

Donna Haraway (1995) apresenta a ciência como um campo de disputas políticas, como um espaço da criação do que vamos convencionalmente chamar de verdade científica. Haraway (1995) argumenta que:

> A forma na ciência é uma retórica artefactual-social de fabricar o mundo através de objetos efetivos. Esta é uma prática de convicções que mudam o mundo e que tomam a forma de incríveis objetos novos – como os micróbios, os quarks e os genes (p.11).

Haraway (1995) nos alerta também sobre a importância da escolha de nossos objetos. As escolhas sobre o que se vai estudar provoca a criação de novos objetos e estes

marcam e são marcados por posicionamentos políticos que objetivam provocar efeitos concretos no cotidiano, na vida e no mundo.

A ciência feminista pós estruturalista nega tanto a objetividade quanto o relativismo. Como argumenta Donna Haraway (1995):

> Nas ideologias de objetividade, o relativismo é o perfeito gêmeo invertido da totalização, ambos negam interesse na posição, na corporificação e na perspectiva parcial, ambos tornam impossível o ver bem. [...] assim como outras feministas, quero argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática da objetividade que privilegia a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver" (p.24).

A autora apresenta então a importância das(os) cientistas posicionarem-se politicamente para promover qualquer tipo de mudança à forma hegemônica de fazer ciência (no mundo ocidental). Além disso, Haraway (1995) aponta a articulação em rede como forma potente de fazer oposição e criar novas possibilidades para a ciência.

> "[...] conhecimentos locais também têm de estar em tensão com as estruturações produtivas que obrigam traduções e trocas desiguais - no interior das redes de conhecimento e poder. As redes podem ter a propriedade de sistematicidade , até de sistemas globais centralmente estruturados, como longos filamentos e gavinhas tenazes no tempo, no espaço e na consciência, a dimensão da história do mundo (HARAWAY,1995, p.29).

Desse modo, a autora alerta sobre a incontestável relação entre problemáticas locais e as formas globais de organização e dominação, além de reforçar a importância das conexões em rede para o fortalecimento de processos locais.

Além das feministas, outras reflexões pós estruturalistas também foram incorporadas a esse trabalho na medida em que me auxiliaram a problematizar regimes de verdade (FOUCAULT, 1986, 2007). Através dessa pesquisa não busquei registrar a mais verdadeira e genuína história das jovens feministas do Nordeste, mas sim busquei registrar parte dessa história, levando em consideração que esta foi construída e reconstruída por mim e por minhas interlocutoras durante todo o processo da pesquisa – formulação do projeto, entrevistas e escrita deste texto.

Somaram-se as contribuições do pós estruturalismo algumas das reflexões apresentadas pelos estudos pós coloniais. Autoras como Gayatri Chakravorty Spivak

(2010), além de questionar os regimes de verdade produzidos pela ciência ocidental, colocam em questão olhares marcados por perspectivas eurocêntricas e, desse modo, nos convidam a questionar produções científicas que reiteram lógicas de silenciamento dos 'sujeitos de Terceiro Mundo' - sobretudo lógicas de silenciamento das mulheres ocidentais e orientais.

3.2 Percursos metodológicos

Desde a elaboração do pré-projeto, na ocasião da seleção para o Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFPE, até a finalização do primeiro ano de mestrado muitas das questões dessa pesquisa foram reformuladas a partir de encontros com o campo da pesquisa e novas leituras teóricas.

Inicialmente me propus estudar o cotidiano do Coletivo das Jovens Feministas de Pernambuco[14], através de uma observação etnográfica, com o objetivo de compreender a relação do Coletivo com os demais grupos e militantes do Movimento Feminista. Para tal, em Março de 2011 entrei em contato com o Coletivo e marcamos uma reunião na qual li meu pré projeto, intitulado *Entre alianças e resistências: mulheres jovens militantes em Pernambuco e suas interfaces com os movimentos feministas contemporâneos* e falei de meu interesse em participar do Coletivo através de dois vínculos, o de militante e o de pesquisadora. De forma unânime, as jovens aceitaram minha dupla proposta. O primeiro passo foi entrar para a lista de e-mails do grupo e assim ter acesso a informações que circulam entre as jovens e também ter acesso às datas das reuniões. Nessa mesma reunião ocorreu um planejamento anual, no qual previmos reuniões quinzenais.

Diferente do que planejamos, houve apenas duas reuniões no primeiro semestre de 2011, uma em Abril e outra em Maio. Chegamos a marcar uma reunião para Junho, mas esta não ocorreu. Ao final do primeiro semestre estava notório que eu teria que repensar meus objetivos, bem como meus procedimentos metodológicos.

A impossibilidade de nos reunirmos parecia ser meu primeiro resultado de pesquisa. Assim evidenciou-se a importância de eu estudar sobre as demandas, as

[14] Apresentado no primeiro capítulo.

potencialidades e as limitações desse sujeito político que se apresentava mais complexo quanto mais eu o conhecia.

Não era possível na época (e ainda não é) dizer que o Coletivo deixou de existir, mas a todo tempo ficaram evidenciadas as dificuldades para nos encontrarmos. A própria lista de e-mail não parecia estar sendo um meio de comunicação.

As dificuldades relatadas pelas jovens do Coletivo para nos reunirmos estavam circunscritas na dificuldade de encontrarmos uma agenda comum e na dificuldade de financiarmos nossos encontros. Uma das jovens estava estudando e estagiando e estava sem tempo para os encontros quinzenais, outra jovens do grupo estava desempregada e não podia bancar as idas às reuniões, outra mudou de cidade e tinha planos de dar continuidade a sua militância nesse novo lugar, dentre outras questões.

A transitoriedade dos(as) militantes políticos juvenis (que deixam ser jovens a partir dos 29 anos) além da não estabilidade financeira - comum aos(às) jovens de classe popular e classe média brasileira - pareciam ser marcadores que indicavam algumas das dificuldades para a atuação política do Coletivo das Jovens Feministas de Pernambuco.

Diante da impossibilidade de pesquisar sobre o cotidiano do Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco, reconstruí meu objetivo de estudo e também repensei os procedimentos metodológicos. A partir de uma revisão bibliográfica observei que não existia nenhum registro de estudos sobre as jovens feministas brasileiras com foco nas jovens feministas nordestinas. Os estudos produzidos por pesquisadoras acadêmicas, até então, apresentaram as jovens feministas brasileiras sem um recorte regional (ADRIÃO, 2008, 2009, 2011; ADRIÃO & TONELI, 2008), ou refletiram sobre jovens feministas de estados do Sudeste do Brasil – Minas Gerais e Rio de Janeiro (DONATO, 2012; ZANETTI, 2008, 2009, 2010, 2011).

3.3 Procedimentos metodológicos

Para conhecer a trajetória das jovens feministas do Nordeste do Brasil optei por realizar entrevistas semi-estruturadas com as jovens feministas nordestinas. As entrevistas foram escolhidas como recurso metodológico a partir da perspectiva de construir textos

negociados através de processos de pesquisa baseado na cooperação (FRASER & GONDIM, 2004).

Entrevistei jovens feministas com o objetivo de conhecer seus percursos na militância feminista. O roteiro semi estruturado[15] teve os seguintes objetivos: (1) conhecer dados sociodemográficos das entrevistadas; (2) conhecer o que a entrevistada considera como marco inicial de sua militância; (3) conhecer estórias sobre pessoas ou grupos que foram importantes para a constituição desse sujeito político; (3) compreender a relação desse sujeito político com demais interlocutores; (4) compreender a relação do grupo no qual a jovem entrevistada militou com instituições públicas, organizações não governamentais e órgãos financiadores; (5) conhecer possíveis especificidades da militância das jovens feministas do Nordeste; (6) compreender os sentidos que as entrevistadas dão à militância das jovem feminista; (7) conhecer as perspectivas de futuro que as entrevistadas vislumbram para as jovens feministas.

Entrevistar jovens feministas de diferentes estados do Nordeste foi uma forma de ter acesso ao percurso das jovens feministas da Articulação Brasileira de Jovens Feministas no Nordeste. Conforme argumenta Stella Narita (2006), entrevistar pessoas que fazem parte de um determinado grupo é uma forma ter acesso a este grupo.

> Circunscrito a um determinado espaço social, onde se desenvolve determinada cultura, também encontramos uma determinada forma lingüística de expressão. Assim, a partir do aprofundamento na história de vida de determinadas pessoas, se conhece toda uma história de um grupo, em uma região. As falas dos indivíduos podem ser entendidas como falas construídas por um sujeito que vive em determinado grupo social e a partir da posição diferenciada que ele ocupa dentro do grupo (p.29).

O ponto de partida da pesquisa de campo foi uma das militantes do Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco, por ser o grupo do Nordeste que mesmo antes do início da pesquisa eu tinha maior proximidade. Ao final desta entrevista solicitei a minha interlocutora a indicação de nomes de jovens feministas nordestinas de diferentes estados para que eu pudesse convidá-las para realizar novas entrevistas.

[15] Anexo I.

Para convidar as jovens indicadas pela minha primeira entrevistada, eu enviei por e-mail uma Carta Convite[16]. Essa mesma carta foi enviada para as demais jovens indicadas pelas minhas novas interlocutoras. Durante esse processo me utilizei de um recurso metodológico nomeado como "bola de neve", do inglês *snowball sampling.* De acordo com o bola de neve, a(o) primeira(o) informante da pesquisa, após a primeira entrevista ou "primeiro estágio", indica novas(os) informantes para serem entrevistadas(os) no "segundo estágio", ou "zona de segunda ordem". A continuidade da pesquisa é garantida pela indicação de novas(os) informantes (SILVA et. al., 2006).

As entrevistas foram realizadas presencialmente e de forma *on line*, através do *Skype*[17], com quatro jovens feministas do Nordeste. No início de cada entrevista apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido[18] para registrar o consentimento das jovens feministas de participarem deste estudo.

O registro de campo foi de grande importância para a construção dos resultados desta pesquisa. Além de viabilizar notas sobre datas e fatos ocorridos, o registro de campo possibilita o acompanhamento da experiências vivenciadas durante a pesquisa e auxilia no processo de análise do material produzido.

3.4 Registro do campo

Ao todo, realizei quatro entrevistas semi estruturadas com jovens feministas e duas entrevistas semi estruturadas com informantes chave para as discussões de feminismo e juventude no estado de Pernambuco. As ocasiões dessas entrevistas foram registradas em um diário de campo. Segue abaixo registros do campo de pesquisa.

3.4.1 Entrevistas com as jovens feministas

Dentre as entrevistas com as jovens feministas, uma foi realizada presencialmente na cidade do Recife- PE e as outras três ocorreram através da internet em Recife-PE/ Fortaleza-CE; Recife-PE/ Salvador, BA; e Recife-PE/ Toronto-Canadá. As entrevistas

[16] Anexo II.
[17] Programa *on line* de comunicação por som e imagem.
[18] Anexo III.

realizadas com informantes chave foram realizadas uma na Universidade Federal de Pernambuco e outra na cidade de Olinda, na residência do entrevistado.

Das quatro jovens feministas que entrevistei, duas são pernambucanas, uma é cearense e uma é paraibana. As idades das jovens entrevistadas variou entre 23 e 27 anos. No que se refere à raça/etnia, duas delas se consideram negras e duas delas pardas. Na ocasião da entrevista, todas as jovens eram estudantes, sendo duas estudantes de graduação, uma de pós graduação e a outra jovem estuda inglês fora do Brasil. Todas as quatro jovens atuaram em seus respectivos estados como jovens feministas e militaram pela Articulação Brasileira de Jovens Feministas - ABJF[19]. Os dados sociodemográficos podem ser melhor visualizados no quadro abaixo[20]:

	Idade	**Estado**	**Raça/Etnia**	**Escolaridade**	**Classe social de origem**
Maria Flor (PE)	23	PE	Negra	Pós graduação	Classe popular
Silvana (CE)	27	CE	Parda	Curso superior incompleto	Classe popular
Gabriela (PB)	23	PB	Negra	Curso superior/ Atualmente estuda inglês no Canadá	Classe média
Flavinha (CE)	24	PE	Parda	Curso superior incompleto	Classe popular

A primeira entrevista foi realizada com Maria Flor, jovem feminista de Pernambuco que conheci antes mesmo de iniciar a pesquisa do mestrado. Nós nos conhecemos no já citado encontro organizado pelo SOS Corpo (Da intenção ao gesto) e coincidentemente, mantivemos contato mesmo quando não mais havia reuniões do Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco, pois fazíamos parte do grupo de pessoas que contribuiu com a

[19] Quando perguntei se tinha algo mais que elas queriam registrar em suas apresentações, nenhuma delas achou pertinente apresentar nenhum outro dado sociodemográfico. Não perguntei sobre estado civil nem orientação sexual.

[20] Todos os nomes abaixo são fictícios por orientação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE. De início, me propus a perguntar se as jovens se sentiriam a vontade se seus nomes fossem publicados nesse trabalho. Propus essa pergunta por acreditar que essa é uma forma de garantir visibilidade política a estas. O Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE sugeriu que fosse retirada essa pergunta do questionário e que fossem utilizados nomes fictícios para que o projeto fosse aprovado e a pesquisa autorizada.

organização do 16º Encontro Nacional da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social), que ocorreu em novembro de 2011 na cidade de Recife- PE[21].

Maria Flor é pernambucana e atualmente mora em São Paulo-SP. Ela é graduada em Direito e cursa mestrado nessa mesma área numa universidade de São Paulo. Esta entrevista também seria realizada através da internet, mas Maria Flor estava em Recife quando entrei em contato convidado-a para a entrevista. Desse modo, a entrevista pode ser realizada presencialmente.

A entrevista a Maria Flor ocorreu no dia 09 de maio de 2012 em minha casa, localizada em Recife-Pernambuco, no Bairro da Várzea, próximo a Universidade Federal de Pernambuco. A minha casa já era um local conhecido por Maria Flor, pois participávamos da mesma comissão na organização do Encontro Nacional da ABRAPSO e algumas das reuniões do grupo do qual fazíamos parte havia ocorrido neste local.

Vale observar, como aponta Stella Narita (2006), que a entrevista deve ser cuidadosamente preparada pelo(a) pesquisador(a). Além de um roteiro de entrevista, o(a) pesquisador(a) deve conhecer o universo do(as) sujeitos pesquisados(as) e estar preparado(a) para aproveitar oportunidades que surjam durante a entrevista – mesmo que não previstas pelo roteiro. Além disso, o(a) pesquisador(a) deve garantir um ambiente seguro e acolhedor para que o(a) sujeitos pesquisado(a) sinta-se à vontade na ocasião da entrevista.

Por telefone eu e Maria Flor marcamos nosso encontro para as 10 horas da manhã do dia 09 de março. Maria Flor teria uma reunião no Instituto Papai (também localizado no Bairro da Várzea) na tarde desse mesmo dia. O clima da entrevista foi de muita animação, tanto da minha parte, quanto de Maria Flor, que já conhecia a pesquisa desde o dia que apresentei meu projeto de mestrado para o Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco.

De 10 horas até o meio dia realizamos a primeira parte da entrevista. Maria Flor precisou sair ao meio dia para chegar à tempo em seu compromisso. Nós combinamos um

[21] Apresentarei com maior detalhamento a ocasião da entrevista com Maria Flor por ter sido esta a entrevista que me apresentou a rede das jovens feministas do Nordeste.

novo encontro para a tarde, pois a entrevista não havia sido concluída. Durante esse intervalo, na ocasião em que fui escutar a primeira parte da gravação da entrevista, observei que parte do áudio não estava registrado. Havíamos conversado cerca de duas horas e apenas pouco mais que uma hora estava gravada no equipamento de áudio gravação. Sendo assim, à tarde, precisaríamos recuperar parte do conteúdo perdido.

Quando Maria Flor voltou à tarde a informei sobre o que havia ocorrido e ela aceitou retomar parte da entrevista. Iniciamos a segunda parte da entrevista em torno das 17h e concluímos a entrevista uma hora e 20 minutos depois. Ao todo, as entrevistas com Maria Flor duraram cerca de três horas e 30 minutos.

Somado entrevistas, intervalos e testes de equipamento, foram cerca de sete horas dedicadas exclusivamente a essa entrevista. Ao final do dia, além de eu estar muito satisfeita com o material que havíamos produzido juntas, eu estava me sentindo bastante cansada.

Durante a entrevista fizemos juntas um mapeamento das jovens feministas que Maria Flor havia tido contato ao longo de sua militância. Sendo assim, ao final da entrevistas com Maria Flor ampliei minhas possibilidades de contatos com as jovens feministas nordestinas.

Através da entrevista com Maria Flor pude conhecer um pouco da história do Coletivo de jovens Feministas de Pernambuco. Contudo, Maria Flor não havia participado do Coletivo desde o seu surgimento. Sendo assim, após a entrevista com Maria Flor, entendi que seria importante entrevistar também uma jovem que conhecesse o início dessa história.

No dia seguinte à entrevista fiz uma tabela com os nomes das jovens e seus estados de origem e enviei para Maria Flor para que ela pudesse me repassar os contatos de e-mail ou de *Facebook*[22] das jovens feministas de seu conhecimento – conforme havíamos combinado. Ao todo eram oito jovens de cinco estados diferente; sendo duas jovens da Bahia, duas jovens do Ceará, uma jovem do Maranhão, uma jovem da Paraíba e duas

[22] Site de relacionamento no qual a maioria das jovens feministas era cadastrada na ocasião da pesquisa.

jovens pernambucanas que eu não conhecia. Poucos dias depois Maria Flor me respondeu e eu iniciei o contato por e-mail com cinco das possíveis interlocutoras da pesquisa – enviei e-mail para uma jovem de cada estado do Nordeste.

Os primeiros contatos aconteceram na terceira semana do mês de maio. Das oito jovens, apenas três responderam meus e-mails. Com estas três jovens agendei entrevistas para a quarta semana desse mesmo mês. Nenhuma das entrevistas agendadas para a última semana de maio foi realizada, pois nenhuma das jovens estava *on line* nos dias e horas marcado - bem como não entraram em contato para apresentar o(s) motivo(s) de suas ausências.

Ao final do mês de maio refleti bastante sobre a forma que me comuniquei com as jovens feministas. Minhas questões passavam pela forma que as convidei para serem interlocutoras desta pesquisa e pelo modo como me apresentei. "Será que me apresentar como uma jovem feminista tornaria a relação pesquisadora-entrevistada tão informal ao ponto de inviabilizar a pesquisa?" Optei por tentar mais uma semana de novos contatos sem alterar a forma de fazê-los.

Para o início de junho novas entrevistas foram agendadas e mais uma vez não obtive alguns retornos nos dias e horários marcados. No entanto, duas entrevistas se concretizaram. No dia 1º de junho entrevistei Silvana, jovem feminista do Ceará e no dia 2 de junho entrevistei Gabriela, jovem feminista da Paraíba.

A entrevista com Silvana foi marcada para a noite do dia 1º de junho e foi realizada via *Skype* nas cidades de Fortaleza-Ceará e Recife-Pernambuco. Silvana havia organizado o I Encontro Nacional de Jovens Feministas, que ocorreu no Ceará e por esse motivo Maria Flor havia me indicado seu nome.

Das jovens que entrevistei, Silvana é a que tem a trajetória mais diferenciada. Toda sua militância foi e é marcada pela militância partidária no PCdoB na cidade de Fortaleza. A entrevista com Silvana durou cerca de uma hora e por fim ela me repassou o contato de mais três jovens feministas.

No dia seguinte entrevistei Gabriela, jovem feminista da Paraíba, também através da internet. Gabriela não mora mais em sua cidade natal, João Pessoa. Na ocasião da entrevista Gabriela morava em Toronto- Canadá. Ela foi estudar inglês e fazer cursos para complementar sua formação acadêmica em Publicidade.

A entrevista com Gabriela durou pouco menos que duas horas. Gabriela militou no Coletivo de Jovens Feministas da Paraíba. Chamou-me a atenção que Gabriela e Maria Flor haviam participado juntas de muitos momentos da Articulação Brasileira de Jovens Feministas.

Ao final desta entrevista, Gabriela me passou o contato de outras duas jovens feministas. Uma jovem feminista da Paraíba que militou pelo movimento num momento anterior a sua chegada e uma jovem do Rio Grande do Norte, estado que até então eu não tinha o contato de nenhuma jovem feminista. Sendo assim, nessa mesma semana entrei em contato por e-mail com novas jovens feministas.

No final da primeira quinzena de junho tive oportunidade de entrevistar uma das veteranas do movimento das jovens feministas de Pernambuco, Flavinha. Ela esteve presente desde o início do Coletivo, mas já morava não em Recife quando eu me aproximei do Coletivo. Sendo assim, as entrevistas de Flavinha e Maria Flor se complementam, em termos de continuidade temporal. Elas chegaram a ser contemporâneas no Coletivo, sendo que Flavinha esteve desde o início, em 2004, e militou no grupo até 2009, ano que se mudou pra Bahia. Maria Flor, por sua vez, militou entre os anos de 2006 e 2011, ano em que o grupo deixou de se reunir periodicamente.

Ao longo do mês de junho mantive os contatos com as jovens feministas da Bahia, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e Maranhão sem nenhum êxito. Persisti, especialmente, na tentativa de fechar uma data para entrevista com as jovens feministas da Bahia – estado em que as jovens feministas militaram pelo Coletivo de Jovens Negras Feministas. Esse coletivo foi citado pelas quatro jovens feministas que entrevistei como uma referência importante.

No final do mês de junho consegui conversar *on line* com uma das jovens da Bahia. Ela me relatou que estava sem tempo para marcarmos uma entrevista via *Skype* e solicitou que eu a reenviasse um e-mail com a sugestão do roteiro de entrevista para que ela pudesse responder por escrito. Mesmo não estando previsto anteriormente pela metodologia da pesquisa, aceitei sua proposta e enviei o roteiro para que ela me respondesse por escrito. Algumas semanas se passaram, entrei em contato novamente e não obtive nenhuma resposta.

A partir do início do mês de agosto, passei a me dedicar exclusivamente ao material já produzido. Desse modo, o campo foi finalizado. Ao todo, entrei em contato com 12 jovens de diferentes estados, conforme pode ser observado no quadro abaixo.

Estados	**Número de jovens contatadas**	**Número de jovens que responderam ao contato**	**Número de entrevistas realizadas**
Alagoas	-	-	-
Bahia	02	02	-
Ceará	03	02	01
Maranhão	01	01	-
Paraíba	02	01	01
Pernambuco	03	02	02
Piauí	-	-	-
Rio Grande do Norte	01	-	-
Sergipe	-	-	-
	12	08	04

Após a realização das entrevistas transcrevi todo o material gravado - com a autorização das jovens feministas.

3.4.2 Conversas com informantes chave de Pernambuco

Em janeiro de 2013, já iniciado o processo de análise das entrevistas e escrita da dissertação, observei que o estado de Pernambuco teve um papel muito importante no cenário nordestino, tanto no que se refere às discussões sobre juventude internas ao movimento feminista, como também discussões sobre juventude a partir de movimentos sociais juvenis.

Intrigada com essa questão levei a discussão para orientação de mestrado e pude perceber que Karla Adrião poderia ser uma importante informante para o meu trabalho. Além de minha orientadora de mestrado, Karla Adrião compôs a coordenação tripartite do Fórum de Mulheres de Pernambuco entre os anos 2001 e 2003. Desse modo, acompanhou as discussões que deram origem a participação das jovens no Fórum de Mulheres de Pernambuco, no ano de 2001. Para registrar algumas datas e discussões importantes no que se refere ao início da participação das jovens no Fórum realizei uma breve entrevista com ela. Registrei a entrevista em meu diário de campo e o que pude acessar a partir desta entrevista foi incorporado ao material analisado por esta pesquisa.

Também no mês de janeiro, através de articulações informais, tive acesso a Felix Aureliano, que é filiado ao Partido dos Trabalhadores e nos anos 2000 compôs a militância de juventude no estado de Pernambuco. Além de militante da juventude, Felix Aureliano foi o primeiro Gerente de Juventude do Governo do Estado de Pernambuco e também foi o primeiro presidente do Conselho Estadual de Juventude - entre os anos 2007 e 2010. Marquei com Felix Aureliano uma data e realizei uma breve entrevista no sentido de ter acesso a marcos importantes para a discussão sobre juventude em Pernambuco. Assim como o material produzido a partir da entrevista com Karla Adrião, o que pude registrar a partir da entrevista com Felix Aureliano foi incorporado à análise desta dissertação.

3.5 Tratamento analítico do material produzido em campo

A análise do material produzido iniciou-se a partir do registro de campo - quando pude escrever minhas primeiras impressões analíticas sobre as entrevistas realizadas. Ao longo da transcrição das entrevistas, com o propósito de sinalizar os momentos que me chamaram a atenção, destaquei com diferentes cores trechos das entrevistas que estavam diretamente relacionados aos objetivos desta pesquisa. Esses procedimentos foram os primeiros passos do processo de análise do material produzido em campo.

Tendo em vista que meus principais objetivos foram: 1) conhecer o processo de formação política das jovens feministas entrevistadas, 2) compreender como as jovens feministas se articularam até formarem um novo segmento político do movimento feminista e 3) refletir sobre a atuação política deste segmento, busquei durante a

transcrição das entrevistas destacar e registrar as pessoas a quem as jovens entrevistadas indicaram como referências para a consolidação do segmento das jovens feministas. Esse procedimento teve como objetivo conhecer quem foram/são as(os) interlocutoras(es) das jovens feministas nordestinas. Além das pessoas citadas também registrei as organizações, articulações, grupos e coletivos que as entrevistadas apresentaram como parceiros - ou não - das jovens feministas. Cataloguei todas estas instituições[23] com o intuito de compreender as redes às quais as jovens feministas se articularam.

Após a conclusão das transcrições, pude elaborar dois quadros – um com jovens feministas citadas e seus respectivos estados de origem e outro quadro com as instituições citadas e suas respectivas localidades. Para melhor compreender esses quadros busquei informações através de site de organizações governamentais e não governamentais, fundações internacionais, grupos e coletivos[24].

A Análise Temática foi a metodologia utilizada para organizar a análise do *corpus* produzido durante o processo de pesquisa. De acordo com Alain Blanchet e Anne Gotman (1992), a Análise Temática propõe a mudança de foco da coerência singular de cada entrevista realizada para a coerência temática inter entrevistas. Através da Análise Temática, temas que estão presentes em diferentes entrevistas são analisados transversalmente.

Durante o processo de análise das entrevistas, busquei observar vieses políticos e subjetivos que guiaram as jovens durante as atuações destas como jovens feministas. Após ler todas as entrevistas, retomei as leituras destas para registrar as temáticas de cada um dos trechos de entrevista que me chamaram a atenção. Após o registro de cada uma dessas temáticas elaborei uma lista de temáticas que deveriam ser contempladas no capítulo analítico desta dissertação e por fim criei um roteiro a ser seguido. O roteiro que elaborei segue uma ordem cronológica dos acontecimentos que marcaram a consolidação das jovens feministas como um novo segmento do movimento feminista.

[23] Organizações governamentais e não governamentais, fundos internacionais, grupos, coletivos e articulações de movimentos sociais foram catalogados como instituições.
[24] Ver Anexo V.

No capítulo seguinte apresento discussões referentes à análise das entrevistas realizadas com as jovens feministas e informantes chaves, também apresento um breve panorama do cenário político brasileiro dos anos 2000 e por fim reflito sobre as instituições interlocutoras das jovens feministas e suas relações com estas.

4 DISCUSSÕES, RESULTADOS E DISCUSSÕES: JOVENS FEMINISTAS DO NORDESTE DO BRASIL

Neste capítulo apresento uma análise sobre o material produzido durante o processo da pesquisa de mestrado. Na medida em que meu objetivo é refletir sobre a chegada e a manutenção das jovens feministas enquanto um segmento político do movimento feminista tendo como foco a trajetória das jovens feministas do Nordeste, apresento abaixo reflexões críticas sobre as entrevistas realizadas com as jovens feministas nordestinas relacionando processos micro e macro políticos.

Apresentar um macro contexto, retomar para o percurso individual das jovens entrevistadas e por fim resgatar os processos históricos vivenciados coletivamente foi a estratégia utilizada para não perder de vista o entrelaçamento das trajetórias individuais e coletivas das jovens feministas nordestinas. Breno Bringel e Enara Echart (2008) apresentam as seguintes considerações sobre estudos atuais sobre os movimentos sociais:

> No que se refere ao problema ontológico, relacionado à análise do objeto de estudo, frente à dicotomia entre a dimensão dos atores (baseada num individualismo metodológico: teorias da mobilização de recursos, a escolha racional ou a ação coletiva) e a do contexto (que determinaria a atuação dos movimentos sociais, oferecendo oportunidades ou constrições: teorias sobre o comportamento coletivo, a estrutura de oportunidade política, os ciclos de protesto, etc.), observam-se avanços no sentido de uma superação na tradição crítica dialética (RITZER, 1993): as estruturas podem condicionar, mas não determinar a ação, que pode ocorrer, ou não, dependendo dos recursos (materiais e simbólicos), da capacidade mobilização, da existência de uma identidade coletiva, etc (p. 461).

Na medida em que não quero me focar apenas na trajetória individual das jovens entrevistadas, bem como não quero avaliar exclusivamente os contextos que proporcionaram a atuação política destas, ao longo de todo este capítulo, me dedicarei, como assinalei acima, ao exercício de refletir sobre processos micro e macro políticos e as relações entre eles.

No que se refere à análise das entrevistas, primeiramente apresentarei de forma sucinta a trajetória política de cada uma das jovens entrevistadas até o início da militância como jovem feminista. Em seguida apresentarei um regate dos processos históricos vivenciados pelas jovens feministas já como segmento organizado e, por fim, apresent alguns resgates históricos específicos dos estados de origem das jovens entrevistadas: Pernambuco, Paraíba e Ceará.

4.1 Reflexões sobre processos macro políticos

Conforme apresentado acima, antes de iniciar as reflexões críticas sobre as entrevistas apresento um quadro que aglutina acontecimentos que marcaram um cenário de efervescência no que se refere às discussões sobre políticas paras as mulheres e políticas para a juventude no Brasil. Todas as datas e acontecimentos contidos nesse quadro já foram mencionados no primeiro capítulo dessa dissertação, entretanto, resgatar esses acontecimentos através de um quadro síntese possibilita-nos visualizar o contexto político brasileiro que compreende um período de 10 anos, do ano de 2002 até o ano de 2011.

2002 –> 2011	
2002	Elaboração da Plataforma Política Feminista (PPF)
	Eleição do primeiro presidente da república oriundo de um partido de esquerda – Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT)
2003	Início do Governo Lula
	Criação da Secretaria Especial de Política para as Mulheres
2004	Criação do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE)
2005	I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres
	Criação da Secretaria Nacional de Juventude
	10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe
2006	Reeleição de Lula (PT)
2007	Início do segundo mandato do Governo Lula
	II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres
2008	I Encontro Nacional de Jovens Feministas (ABJF)
	II Conferência Nacional de Juventude
2009	11º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe
2010	Eleição da primeira presidenta da república - Dilma Rousseff (PT)
2011	Início do Governo Dilma
	III Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres
	II Conferência Nacional de Juventude
	12º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe
	I Seminário Nacional de Jovens Feministas (Jovens Feministas de SP)

Como pode ser observado, a partir dos anos de 2003 e 2004, com a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e a criação do Conselho Nacional de Juventude, mulheres e jovens passam a ser interlocutores do Governo Federal. Esses acontecimentos têm o potencial de provocar uma mudança radical no que se refere ao encorajamento de mulheres e jovens (o que inclui duplamente as mulheres jovens) para o exercício da cidadania e luta por direitos.

Apresento esse quadro no sentido de fortalecer o argumento que construirei ao longo deste capítulo - o argumento que as jovens feministas são sujeitos políticos constituídos por uma rede formada por outros sujeitos políticos e por instituições (governamentais e não governamentais; locais, nacionais e internacionais) que atravessam e são atravessados por políticas locais e transnacionais.

Retomando a discussão sobre sujeito político apresentada no primeiro capítulo dessa dissertação, podemos observar que a perspectiva de constituição de sujeitos políticos remete às tentativas de unificação interna dos movimentos sociais (ÁVILA, 2000; ADRIÃO e TONELI, 2008). Os sujeitos políticos são aqueles(as) que têm a legitimidade de representar o movimento social pelo qual militam. Também como foi apresentado no primeiro capítulo, diversos são os sujeitos políticos do movimento feminista (COSTA, 2002; COSTA, 2004) e foi no ano de 2005 que jovens mulheres brasileiras galgam publicamente o *status* de sujeito político do feminismo na medida em que se apresentam como um novo segmento do movimento (ADRIÃO, 2008; ZANETTI, 2011).

A perspectiva de circuito integrado apresentada por Donna Haraway (2009) nos auxilia a pensar sobre a rede que sujeitos políticos se inserem. Segundo a autora:

> Se algum dia foi possível caracterizar ideologicamente as vidas das mulheres por meio da distinção entre domínio público e privado, uma distinção que era sugerida por imagens de uma vida operária dividida entre a fábrica e a casa; de uma vida burguesa dividida entre o mercado e a casa; de uma vida de gênero dividida entre os domínios pessoal e político, não é suficiente, agora, nem mesmo mostrar como ambos os termos dessa dicotomia se constroem mutuamente na prática e na teoria. Prefiro a imagem de uma rede ideológica – o que sugere uma profusão de espaços e identidades e a permeabilidade das fronteiras no corpo pessoal e no corpo político. A idéia de "rede" evoca tanto uma prática feminista, quanto uma estratégia empresarial multinacional – tecer é

> uma atividade para ciborgues oposicionistas. [...] Entretanto, não há nenhum "lugar" para as mulheres nessas redes, apenas uma geometria da diferença e da contradição, crucial às identidades ciborgues das mulheres (p.76-77).

Vale observar que ciborgue é o termo utilizado pela autora para se referir ao que nomeia como pós humanos. Os(as) ciborgues se constituem como pós humanos por estarem marcados por tecnologias (de saúde, de comunicação, de locomoção, etc.) que desestabilizam especificidades e limites humanos.

Haraway (2009) chama a atenção para a transnacionalização que marca a vida ciborgue após o final no século XX. Nesse sentido, não é possível um ser "local", uma vez que os(as) ciborgues constituem, tecem e circulam redes que não se limitam a pequenas fronteiras. As redes apresentadas por Haraway (2009) estão sempre em disputa, como a autora apresenta "tecer é uma atividade para ciborgues oposicionistas".

Conforme foi apresentado no primeiro capítulo, desde a década de 90, após a Conferência de Beijing, a transnacionalização do movimento feminista passou a promover disputas de escalas globais por pautas, agendas e fontes de financiamento. Essa transnacionalização promove disputas desiguais entre mulheres do norte e do sul do globo, que passaram a se articular através de articulações e segmentos, conforme apresenta Alvarez (1998):

> Dichas articulaciones, con múltiplos estratos, poden percibirse como lo que Nancy Fraser (1993) denominó "contrapúblicos subalternos", los cuales, a su vez, están cada día más imbricados con los públicos dominantes. Estes públicos alternativos han contribuído a ampliar la "disputa discursiva" en torno a temas que preocupan a diferentes grupos de mujeres, que, de otra forma, hubieran permanecido excluídos de los públicos dominantes. Asimismo, como las mallas, del movimiento feminista se estructuran de forma vertical y horizontal, construyen vínculos cruciales entre los âmbitos de los movimientos y de la política institucional, lo cual há permitido que las demandas y los discursos del movimiento se traduzcan en assuntos de las plataformas de los partidos y sindicatos, así como en políticas nacionales y convenciones internacionales (p.21).

Fortalecer-se através de articulações e segmentos internos ao movimento feminista parece ter sido uma das alternativas encontradas por feministas das décadas de 1990 e

2000, sobretudo do sul do globo, para garantir relações mais horizontalizadas e conquistar maior peso nas disputas por discursos e recursos.

4.2 Sobre o surgimento de um novo segmento político

Importante resgatar que o termo juventude passa a ser utilizado no Brasil entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990 (ABRAMO, 1997). Vale observar ainda que pessoas com até 29 anos – que atualmente denominamos como pessoas jovens – militaram no movimento feminista desde seus primórdios, a exemplo de Bertha Lutz e Patrícia Galvão - Pagu. Bertha Lutz, nascida em 1984, tinha 28 anos quando participou da criação da Fundação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). Pagu, nascida em 1910, tinha apenas 25 anos quando foi presa em 1935, como militante comunista (COSTA, 2006; PONTES, 2006). Assim como estas, as atuais "feministas históricas", que militam no movimento há cerca de 30 anos, iniciaram suas atuações políticas enquanto jovens.

A partir dos anos 1970 as feministas negras passaram a provocar questionamentos sobre os sujeitos políticos do feminismo (CALDWELL, 2000), essas questões se fortaleceram nos anos 1990 com a ampliação do feminismo popular (COSTA, 2005) e se manteve atual nos anos 2000, quando jovens e transexuais questionam o movimento feminista e pleitearam legitimidade como novos sujeitos políticos do feminismo (ADRIÃO, 2008).

Maria Flor (PE) faz as seguintes considerações sobre a incorporação de novos segmentos ao feminismo e sobre a chegada das jovens:

> Maria Flor: De um modo geral eu acho que o movimento feminista, que há um tempo atrás, sei lá, na década de 80 era mais homogêneo e ele começa a ser contestado por outras, por exemplo, as negras começam a questionar e dizer que esse é um feminismo burguês, que ele não nos representa. Então uma forma desse feminismo não perder força e ao mesmo tempo se atualizar, ele vai incorporando esses segmentos dentro dele. E aí passam a ter demandas específicas das mulheres negras, por exemplo, das lésbicas e tal. E com o surgimento da categoria das jovens, acho que se for pensar numa questão etária, provavelmente já existiam mulheres até 29 anos que faziam parte desses movimentos, mas que não se identificavam como jovens feministas, mas começa a ter essa demarcação a partir dos anos 2000, quando começou a se falar em juventude como segmento.

Como observamos a partir deste trecho de fala e do resgate histórico apresentado no primeiro capítulo, embora sempre tenha havido feministas com idade inferior a 29 anos militando no movimento feminista, essas pessoas não se apresentavam como um segmento organizado. Vale registrar que até o ano de 2005, nenhum segmento do movimento feminista se organizava a partir de uma demarcação geracional.

Esta demarcação provocou tensões internas e externas, nas interfaces micro e macro das relações constitutivas desses sujeitos políticos e sobre elas irei me ater nas próximas páginas.

4.3 Sobre a trajetória individual das jovens entrevistadas até o início da militância como jovem feminista

Neste tópico apresentarei de forma sucinta as trajetórias políticas das jovens que entrevistei até o início da militância no segmento das jovens feministas. No quadro abaixo podemos observar algumas das datas que marcaram essas trajetórias.

	Síntese das trajetórias individual das jovens entrevistadas
Maria Flor (PE)	Família de militantes comunitários filiados ao PT; **2005:** participou de um projeto da BENFAM[25] na escola pública onde estudou. Este projeto pautava adolescência, protagonismo juvenil e também Direitos Sexuais e Reprodutivos; **2006:** passou a compor a Rede MAB (Movimento de Adolescentes do Brasil) através de uma parceria do Instituto Papai e com a escola onde estudou; **2006:** participou do Encontro Nacional de Adolescentes (ENA), quando conheceu Flavinha (PE), que já militava no Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco. A partir desse encontro passou a militar no Coletivo.
Silvana (CE)	**1999**: iniciou sua atuação política no movimento estudantil secundarista, militou pela União Municipal de Estudantes de Fortaleza; **2003**: filiou-se ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e passou a militar pela União de Jovens Socialistas (UJS); **2003**: militou em um movimento comunitário em Fortaleza, quando conheceu a Rede de Jovens do Nordeste e através desta Rede, conheceu a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) e a Escola de Formação Quilombo dos Palmares – PE; **2005:** trabalhou no PROJOVEM e no Projeto Diálogos Abertos, que discutia Direitos Sexuais e Reprodutivos;

[25] Todas as instituições citadas pelas jovens feministas ao longo das quatro entrevistas estão catalogadas no Anexo V.

	2007: participou da Conferência Municipal de Política para Mulheres através do Instituto de Juventude Contemporânea e como militante do PCdoB; **2007:** participou da Conferência Nacional de Política para Mulheres, quando conheceu as Jovens Feministas de São Paulo e passou a militar como jovem feminista no Ceará.
Gabriela (PB)	Família de militantes do Movimento Anti- AIDS; **2002**: participou de um grupo de adolescentes através de uma ONG paraibana, a CAMP (Centro de Atendimento Médico e Psicológico), que em parceria com o Cunhã Coletivo Feminista, passou a pautar discussões sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos; **2004**: conheceu as Jovens Feministas de Pernambuco e de São Paulo no Fórum Social Nordestino, em Recife. 2005/2006: Após esse Fórum criou o Coletivo de Jovens Feministas da Paraíba, junto com outras jovens feministas paraibanas.
Flavinha (PE)	**2001:** participou de um projeto da ASAS (Associação de Ação Solidária) que pautava adolescência e Direitos Sexuais e Reprodutivos como foco na discussão sobre HIV-AIDS na escola pública onde estudou; **2003**: a partir da articulação com a ASAS foi convidada a participar de um projeto daONG Grupo Curumim que discutia Direitos Sexuais e Reprodutivos; **2003/2004:** começou a participar do Fórum de Mulheres de Pernambuco; **2004:** criou, junto com outras jovens feministas, o Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco.

Diante das trajetórias apresentadas pelas jovens feministas entrevistadas, chamaram-me a atenção duas questões de início: (1) todas as quatro jovens entrevistadas foram público alvo de projetos sociais ainda enquanto jovens – adolescentes; (2) três, das quatro jovens, acessaram as discussões sobre questões de gênero através de projetos sobre direitos sexuais e reprodutivos executados por organizações do movimento de combate a AIDS.

Assim como as discussões sobre juventude, nos anos 90 as discussões sobre HIV-AIDS ganharam grande visibilidade no Brasil (CORREA, 2004; CAMARGO & BOTELHO, 2007). Não por acaso, nessa época, muitos dos recursos para projetos sociais sugeriam o imbricamento dessas pautas.

No que se refere à passagem de *jovens adolescentes público alvo de projetos sociais* para *jovens feministas organizadas* através de grupos coletivos, Maria Flor (PE) faz as seguintes considerações:

> Maria Flor: Pensando nesse contexto de surgimento da maioria dos coletivos (de jovens feministas) que eu sei, eles vêm geralmente de um projeto de uma organização feminista, que eu não sei se por uma questão de financiamento, ou por uma questão de perceber mesmo e colocar como uma prioridade trabalhar com adolescentes e jovens. Talvez por influência de Cairo[26] e Beijing, que foram Conferências que demandaram muitas coisas relacionadas a gênero e jovens.

Como podemos observar no trecho de fala acima, Maria Flor (PE) parece estar atenta as relações entre políticas locais e globais. Maria Flor (PE) sinaliza essas relações quando se refere às Conferências Mundiais organizadas pela ONU e suas influências nos debates, prioridades e financiamentos de projetos sociais locais.

Importante registrar que foi na Conferência do Cairo – 1994 – que o termo 'Direitos sexuais' foi negociado no cenário global. De acordo com Sonia Correa (2004), inserir o termo 'Direitos sexuais' não foi fácil. Esta conquista que se deu através de uma 'guerra semântica', que ficou conhecida como 'a batalha entre as feministas e o Vaticano'.

> O ponto de partida dessa saga foi a inclusão da linguagem dos direitos sexuais durante as negociações da Conferência de População, em 1994, no Cairo, quando nós, feministas, introduzimos o termo 'Direitos sexuais' – ainda não muito convencidas que a terminologia seria adotada – como uma estratégia de barganha, de negociação. O que queríamos naquele momento era reter, no texto, o conceito de direitos reprodutivos (p.8).

Como podemos observar, o termo 'Direitos sexuais e reprodutivos' resultou de discussões e negociações de âmbito internacional e representa, ao mesmo tempo, uma conquista e um retrocesso. Como apresenta Correa (2004):

> Desde 1996, quando se deu a primeira legitimação dos direitos sexuais, eles têm sido predominantemente aplicados como estando associados aos direitos reprodutivos, ou seja, como um instrumento político para tratar de questões da reprodução, e não necessariamente para assegurar prerrogativas no campo da sexualidade (p.12).

Outra questão que me chamou a atenção foi a ligação de algumas delas com dois partidos políticos tradicionais de esquerda, a trajetória de duas delas foi marcada pelo PT e pelo PCdoB. Duas das jovens feministas entrevistadas relataram ter na família pessoas militantes que as aproximaram das discussões políticas dos movimentos sociais. As outras

[26] A Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento ocorreu no ano de 1994, na cidade de Cairo – Egito, organizada pela ONU (Organização das Nações Unidas). A 'Conferência de Cairo', como ficou conhecida, assim como a IV Conferência Mundial da Mulher (que aconteceu no ano de 1995, em Beijing – China), provocou grande influência nas relações políticas globais nos anos 90 e 2000.

duas afirmaram ser as únicas militantes de suas famílias e comunidades, ambas se referem a militância como algo que as proporcionou um destino diferente das outras mulheres que conheciam – tanto porque chegaram ao ensino superior, como também por não terem casado e/ou engravidado no início da juventude.

Julia Zanetti (2010), em uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro sobre jovens feministas, encontrou contextos muito parecidos. Zanetti entrevistou quatro jovens feministas e observou que apenas uma delas era oriunda de uma família com algum tipo de envolvimento partidário (com Partido dos Trabalhadores), essa mesma jovem, por um curto período, militou no movimento estudantil pela UJS (União de Jovens Socialistas) e desse modo também teve contato com o PCdoB. Interessante observar que esses mesmos dois partidos políticos estão presentes nas trajetórias das jovens feministas nordestinas que entrevistei. Além disso, é importante registrar que historicamente o movimento feminista mantém uma forte relação com partidos políticos de esquerda (BANDEIRA, 2000; COSTA, 2005).

A partir da trajetória política individual das jovens entrevistadas apresentada acima, também podemos observar que as interlocutoras dessa pesquisa atuaram como jovens feministas em momentos diferentes e em cidades diferentes. Flavinha (PE) participou das primeiras discussões sobre as jovens feministas, Maria Flor (PE) e Gabriela (PB) participaram das discussões que antecederam a II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres e Silvana (CE) iniciou sua militância no movimento após a II Conferência.

Vale registrar, desde já, que as jovens feministas pernambucanas que entrevistei, Flavinha e Maria Flor, realizaram muitas ações em Pernambuco, através do Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco e também atuaram nacionalmente, a partir da Articulação Brasileira de Jovens Feministas. Já Gabriela e Silvana militaram prioritariamente nacionalmente, através da ABJF.

Importante registrar também que a partir de 2009, das quatro jovens entrevistadas, apenas Maria Flor e Gabriela permaneceram militando na Articulação Brasileira de Jovens Feministas. Sendo assim, alguns momentos históricos que foram resgatados durante as entrevistas foram vivenciados por algumas das jovens entrevistadas e não por outras. Desse

modo há momentos do texto em que eu me referencio em apenas uma ou duas das jovens entrevistadas.

4.4 Sobre pessoas e instituições citadas ao longo das entrevistas

Conforme apresentado no capítulo anterior, após a finalização da transcrição das entrevistas cataloguei de todas as jovens feministas citadas pelas minhas interlocutoras como pessoas de referência. Observei que ao todo foram citadas 32 jovens feministas brasileiras. Nos quadros abaixo podemos visualizar a distribuição de jovens por diferentes estados.

Estados do Nordeste	Nº de jovens feministas citadas
Alagoas	-
Bahia	04
Ceará	05
Maranhão	01
Paraíba	04
Pernambuco	09
Piauí	-
Rio Grande do Norte	01
Sergipe	-
	24

Estados do Sudeste	Nº de jovens feministas citadas
Espírito Santo	01
Rio de Janeiro	02
São Paulo	05
	08

A partir desses quadros pode-se observar uma maior concentração de jovens feministas nordestinas citadas nos estados da Bahia[27], Ceará, Paraíba e Pernambuco. Possivelmente a maior concentração de jovens citadas nesses estados está relacionada ao fato de eu ter entrevistado jovens do Ceará, Paraíba e Pernambuco. Entretanto, também é possível inferir, a partir das entrevistas completas, que os grupos de jovens feministas mais fortalecidos e/ou as jovens feministas mais atuantes no movimento nacional estavam localizados nesses estados. Interessante observar também o número expressivo de jovens feministas paulistanas citadas ao longo das entrevistas. Conforme será apresentado ao

[27] Das jovens baianas citadas, todas eram do Coletivo de Negras Jovens Feministas. Conforme apresentei no capítulo anterior, não foi possível entrevistar nenhuma dessas jovens.

longo deste capítulo, as jovens feministas de São Paulo eram consideradas referências para as jovens feministas da ABJF.

Além de registrar o nome de todas as jovens feministas brasileiras citadas durante as entrevistas, registrei todas as instituições, organizações, fundos, coletivos e grupos citados e sues respectivos locais de origem[28]. Abaixo estão organizados dois quadros que sintetizam os dois mapeamentos referidos acima.

Jovens feministas citadas	
Jovens citadas do Nordeste	**24**
Jovens citadas do Sudeste	**08**
Jovens de outras regiões do Brasil	00
	32 jovens feministas

Instituições citadas	
Instituições de abrangência nacional	17
Instituições internacionais	07
Instituições do Nordeste	**21**
Instituições do Sudeste	**06**
Instituições não localizadas[29]	02
Instituições de outras regiões do Brasil	00
	53 instituições

Interessante destacar que esses quadros parecem dialogar entre si. É possível observar uma proporção similar entre as jovens feministas citadas do Nordeste e Sudeste e as instituições citadas que são localizadas nestas mesmas regiões. Esses quadros indicam a importância que as jovens feministas e instituições do Nordeste e Sudeste têm para as jovens feministas nordestinas[30].

No que se refere às instituições citadas pelas jovens feministas observei que dentre as sete instituições internacionais, duas delas são latino americanas, duas alemães, uma americana e duas ligadas a ONU. Quando as jovens entrevistadas se referiam a estas

[28] Ver Anexo V.
[29] Não localizei o local de duas dessas instituições, desse modo, apenas 51 instituições estão referenciadas por localidade no quadro do Anexo V.
[30] Abordarei novamente essa questão ao longo deste capítulo.

instituições apresentavam estas como fontes de financiamento diretas ou indiretas dos projetos das jovens feministas. Com algumas dessas instituições a ABJF manteve contato direto, outras delas eram acessadas pelas jovens feministas indiretamente, através do intermédio de ONG parceiras.

Dentre as 17 instituições nacionais pude observar que nove delas são articulações de movimentos sociais (ligadas ao movimento feminista, ao movimento negro, movimentos juvenis e movimento sindicalista), três delas são organizações governamentais, três são partidos políticos e duas são organizações não governamentais (ONG). Através das entrevistas pude observar que a relação das jovens feministas com estas instituições se dava de diferentes formas. Com as instituições ligadas aos movimentos sociais, as jovens feministas estabeleciam, prioritariamente, relações de parcerias em ações políticas. Algumas delas, entretanto, estiveram presentes apenas na formação política das minhas interlocutoras, mas não se tornaram parceiras dos coletivos de jovens feministas. Este também foi o caso dos partidos políticos. A relação com as organizações governamentais, bem como com as ONG de âmbito nacional, se deu através de parcerias e financiamento de projetos e também custeio de passagens, hospedagem e inscrições em eventos.

No que se refere às 22 instituições localizadas no Nordeste, 11 delas são ONG ligadas aos movimentos de combate a AIDS, grupos/coletivos feministas e grupos/coletivos que trabalham com juventude; e 10 delas grupos, redes ou coletivos ligados ao movimento feminista e ao movimento de juventude. A maioria dessas ONG é considerada pelas jovens feministas entrevistadas como porta de entrada para a militância feminista. Com algumas delas as jovens mantiveram relações de parcerias durante a militância como jovens feministas. Quanto aos grupos, redes e coletivos nordestinos, a maioria destes foi importantes interlocutores das jovens feministas em vários momentos da atuação política das jovens entrevistadas.

Por fim, com relação às seis instituições citadas do Sudeste, duas delas são ONG (ambas localizadas no estado de São Paulo), uma delas é um Fundo que financia projetos, e três são grupos/coletivos. Dentre os grupos/coletivos, todos eles são grupos feministas

formados por jovens e mantiveram um importante diálogo com as jovens feministas nordestinas.

No que se refere às instituições citadas por Felix Aureliano, informante chave dessa pesquisa, todas elas tem sede em Pernambuco são ligadas ao movimento de juventude. Enquanto as ONG parceiras (todas com atuação de abrangência estadual, ligadas a movimentos sociais e findadas na década de 1980) executam projetos junto às(aos) jovens, a fundação internacional citada garante o financiamento de alguns destes projetos.

A partir desse mapeamento foi possível conhecer as(os) principais interlocutoras(es) das jovens feministas entrevistadas e iniciar a reflexão sobre a relação entre as jovens feministas e estas(es). No tópico seguinte iniciarei a apresentação das trajetórias percorridas pelas jovens feministas nordestinas.

4.5 Sobre trajetórias das jovens feministas nordestinas entre os anos de 2001 e 2004

Através das entrevistas que realizei apenas tive acesso a informações sobre acontecimentos ocorridos entre anos de 2001 e 2004 no estado de Pernambuco. Desse modo, nesse tópico do texto apresentarei exclusivamente o cenário político pernambucano deste período.

Antes de iniciar a apresentação do resgate histórico apresentado pelas jovens é importante apresentar o Fórum de Mulheres de Pernambuco[31]. Este Fórum surgiu em 1988 a partir da necessidade das mulheres se organizarem para assegurar e dar visibilidade aos seus direitos. Atualmente mais de 70 representações integram a articulação: organizações não-governamentais (ONG); fóruns; associações e grupos de mulheres; mulheres de núcleos universitários; de secretarias de mulheres; de sindicatos; de partidos políticos e feministas sem vínculos institucionais. Ao longo dos anos de atuação o Fórum de Mulheres de Pernambuco foi se tornando o grande espaço de discussão feminista do estado e pode ser considerado uma articulação de importância nacional pela força das organizações que o compõem.

[31] Informações do site: http://forumdemulherespe.blogspot.com.br/ (última visita: setembro de 2012)

O Fórum de Mulheres de Pernambuco se organiza a partir de uma coordenação tripartite. Essa coordenação é composta por mulheres e diferentes instituições. Karla Galvão, informante desta pesquisa, participou da coordenação do Fórum de Mulheres de Pernambuco entre os anos 2001 e 2003. Segundo Karla, no início dos anos 2000, as feministas do Fórum observaram que o movimento feminista no estado precisaria garantir sua manutenção. Nessa época a participação das jovens era praticamente inexistente e desse modo não poderia ser garantida a renovação no movimento feminista pernambucano. Para equacionar esta questão foi deliberado pelo Fórum, em 2001, que seria garantida a vaga de uma mulher jovem na coordenação tripartite. Esta deliberação tinha como questão disparadora uma expectativa de continuidade do movimento.

Para compor o Fórum de Mulheres de Pernambuco foram convidadas jovens que participavam de ONG e projetos sociais ligados a estas. Flavinha (PE), uma das jovens que entrevistei, era estagiária da ONG Grupo Curumim e passou a compor o Fórum no ano de 2004. Flavinha relatou que na época em que começou participar do Fórum de Mulheres de Pernambuco, outras jovens, também ligadas a ONG, passaram a compor o Fórum. Dentre as jovens contemporâneas a Flavinha, ela destaca jovens ligadas a outras três ONG pernambucanas; a SOS Corpo, a Gestos e a Graúna - como pode ser observado no trecho de fala abaixo:

> Flavinha: Mas assim, não existia um movimento de jovens feministas em Pernambuco. Existiam jovens, claro, que estavam no movimento feminista. E a gente se encontrava nos espaços e um desses espaços era o Fórum de Mulheres de Pernambuco, que é um grande Fórum que agrega várias associações feministas e de mulheres do estado inteiro, mulheres de diversos segmentos, mas não tinha o segmento de jovens organizado, mesmo existindo jovens que ali estavam. Eu, por exemplo, estava representando o Curumim. Tinham outras pessoas do Curumim também, mas o fórum não tem essa coisa fechada de ser só uma representante. Então eu tava como Curumim, Marina[32] tava como Graúna, mas tinham outras meninas, tinham meninas como Gestos, como SOS (Corpo), jovens assim como eu que trabalhavam em organizações feministas. Ou como assessoras de projetos, como oficineiras ou como outras coisas. Mas todas trabalhavam, ou como estagiárias. Eu não me lembro bem à função de todo mundo, mas de alguma forma trabalhavam. Marina coordenava um projeto de jovens na Graúna. Todas nós fazíamos alguma coisa remunerada nessas organizações.

[32] Nesta fala há trechos alterados com nomes fictícios.

Entre 2001 e 2004, no Fórum de Mulheres de Pernambuco, as jovens representavam as instituições das quais eram oriundas e, desse modo, compunham no Fórum o segmento da ONG da qual faziam parte. Desse modo as jovens garantiam uma continuidade para o movimento feminista pernambucano, mas ainda não tinham como prioridade garantir as pautas sobre juventude no Fórum. Essa questão passou a incomodar as jovens, como pode ser observado na fala de Flavinha (PE):

> Flavinha: Aí a gente começou a conversar sobre a possibilidade de fazer um grupo de jovens, porque era importante. A gente via no Fórum (de Mulheres de Pernambuco) que tinham negras organizadas, lésbicas, domésticas, que tinham vários segmentos organizados e que era importante também a gente se organizar. [...] Aí a gente conversava sobre isso, o incomodo era que a quantidade de jovens que era pouca. A outra questão era a seguinte: qualquer evento que tinha, nacionalmente, ou qualquer coisa que fosse relacionada a vagas, a distribuição por vagas no Fórum (de Mulheres de Pernambuco) era por segmento. Não sei como está hoje, mas acredito que está do mesmo jeito. Mas assim, vai ter o Fórum Social Mundial e vai um ônibus com 50 vagas. Vamos dividir, a gente tem aqui o segmento lésbica, o segmento domésticas, o segmento prostitutas, isso e aquilo outro. E aí a gente acabava concorrendo no segmento que a organização da gente ocupava. Então quem tava na Gestos concorria na vaga da organização ligada a questão do HIV e AIDS. A gente não era um segmento organizado do Fórum (de Mulheres de Pernambuco), entendeu?
> R: entendi.
> F: então agente não tava lá no segmento jovem. Então tinha essa questão também. Uma outra questão era toda uma dificuldade de fala pública, né? Éramos jovens, estávamos chegando. Todo mundo já tava no movimento há muito tempo, todo mundo já falava com uma propriedade grande, sabia do que tava falando. A gente ainda tinha dúvidas, não conhecia direito as coisas, então tinham várias questões, né? Eu acho que esses eram os incômodos que inicialmente fizeram a gente se organizar pra formar um grupo. E aí a gente formou esse grupo de jovens feministas de Pernambuco. Eu acho que eu ou outra pessoa já tinha tido contato com alguma outra jovem feminista de São Paulo, alguma jovem feminista de outro Estado. Então a gente sabia que em outros Estados estavam se organizando e que a gente não estava se organizando dessa forma. E eu não me lembro exatamente o momento em que a gente se deu conta disso, mas a gente se deu conta e foi a partir daí que a gente resolveu fundar, digamos assim, esse grupo que era de jovens feministas de Pernambuco.

Como podemos observar na fala de Flavinha (PE), foi a partir de incômodos relacionados a pouca quantidade de jovens no Fórum de Mulheres de Pernambuco e a não representatividade das jovens que impulsionaram o surgimento de um grupo. Sobre a transformação de indignações ou incômodos individuais em ação coletiva, Claudia Mayorga (s/d) faz as seguintes considerações:

> A transformação de uma indignação ou incômodo individual em ação coletiva é um processo contínuo, complexo e não linear que poderia ser resumido pela noção de identidade coletiva. Pertencer a um coletivo por vezes consiste em um

> processo de construção contínua de um "nós", cujos objetivos, definição de bandeiras, interpretações sobre a realidade vivida, ações e realizações, lugares de atuação, adversários e aliados vão ser continuamente construídos – possuem periodicidade variada e vínculos também heterogêneos. Um grupo juvenil pode realizar ações pontuais ou realizar um conjunto de ações mais a longo prazo, mas as dinâmicas interna e externa que marcam a construção dessas ações vão ser muito semelhantes em vários aspectos. Compartilhar incômodos, sonhos, olhares, saberes, idéias e conhecimento é algo que pode marcar o encontro entre esses jovens que, ao reunirem-se para atuar em redes de informação, por exemplo, podem ser bastante inventivos e criativos (p. 33).

O processo que deu origem ao Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco dialoga com que Cláudia Mayorga (s/d) apresenta sobre a construção de identidades coletivas de grupos juvenis.

4.6 Jovens feministas do Nordeste – construindo um novo segmento

Através de uma linha cronológica, que contempla os anos de 2004 a 2011, me proponho a apresentar neste tópico a consolidação do segmento das jovens feministas no cenário nacional. Nos subtópicos abaixo apresentarei as entrevistas realizadas, prioritariamente, através de eventos como encontros, fóruns e seminários - que marcaram a agenda política das jovens feministas nordestinas[33]. Alguns dos subtópicos também trazem passagens entre um evento e outro.

Como apresenta Adrião (2008), encontros - sejam eles organizados pelos movimentos sociais, pelo governo, ou pela academia - são momentos de grande relevância na medida em que são ocasiões consideradas não só legitimas como estratégicas para que sejam apresentadas novas pautas, bandeiras e demandas. Questões debatidas por meses ou anos por um determinado grupo político podem ganhar grandes dimensões em apenas poucos dias de um encontro, fórum, seminário ou conferência.

Os eventos que serão apresentados a partir do relato das jovens feministas entrevistadas são o I Fórum Social Nordestino, o 5º Fórum Social Mundial, o 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe, a II Conferência Nacional de Políticas para Mulheres, o I Encontro Nacional de Jovens Feministas, a I Conferência Nacional

[33] Durante as entrevistas as jovens feministas se referiram a eventos que eu não conhecia. Para melhor compreender a dimensão de tais eventos busquei fontes secundárias tais como sites oficiais e textos acadêmicos.

de Juventude, a Segunda Semana da Mulher Jovem de São Paulo, o 11º Encontro Latino Americano e do Caribe e o I Seminário Nacional de Jovens Feministas. Como pode ser observado, alguns desses são eventos do próprio movimento feminista (de âmbito local ou continental) e outros são eventos organizados pelo Governo Federal.

Vale observar que meu objetivo não é a analisar tais eventos, nos subtópicos abaixo os eventos serão apresentados como pano de fundo da atuação política das jovens feministas.

4.6.1 I Fórum Social Nordestino – 2004, Recife, Pernambuco

Em novembro de 2004 aconteceu em Recife o I Fórum Social Nordestino[34]. Este Fórum foi organizado a partir das experiências dos Fóruns Sociais Mundiais que haviam ocorrido no Brasil e na Índia nos anos anteriores. "Um Outro Nordeste é Possível", foi o lema do Fórum. A programação contou com quatro conferências, 33 seminários e 128 oficinas.

As jovens feministas de Pernambuco propuseram uma atividade no Fórum. Este momento foi relatado por Flavinha (PE) como marco para o fortalecimento do grupo das jovens feministas pernambucanas, conforme pode ser acompanhado abaixo:

> Flavinha: A gente já tava se organizando antes, mas esse Fórum (Social Nordestino) foi onde a gente realizou a nossa primeira atividade enquanto jovens feministas de Pernambuco. A gente escreveu uma oficina no Fórum pra discutir os Direitos Sexuais e Reprodutivos das mulheres jovens. E aí foi muito legal porque foi menino, foi menina, foi gente velha, foi gente jovem. Fugiu do nosso controle, porque a gente imaginava que não ia dar ninguém. Porque é uma coisa que ainda no Nordeste, especialmente... (pausa) Ainda não tinha nem muito sinal no Brasil, ainda mais no Nordeste. Uma oficina que era toda feita por jovem, toda coordenada por jovem, foi escrita por jovem, então a gente imaginou que não ia dar ninguém. A gente pediu uma sala pra 30 pessoas, mas assim, na ousadia. Aí quando a gente chegou lá, a sala já tava lotada. Tinha menino, menina, gente jovem, gente idosa, gente querendo saber quem eram essas jovens feministas de Pernambuco que ninguém tinha ouvido falar. Então a gente, meu Deus, a gente ficou assim, num nervoso. Mas deu tudo certo! Todo mundo adorou a oficina, a gente conheceu pessoas de outros estados do Nordeste [...]. Então foi a primeira atividade que a gente fez enquanto grupo. A gente já vinha se organizando antes, até porque a gente precisou tomar a decisão de escrever uma proposta, essa ação no Fórum (Social

[34] Informações do site: http://www.consciencia.net/arquivo/fsm-ne.html (última visita: janeiro de 2013)

> Nordestino). Então a gente já tinha reunião e coisas antes, mas eu acho que essa oficina é marca o início. A partir daí agente tinha o nosso nome no jornalzinho, né? As pessoas sabiam que a gente existia.
> Raissa: e nessa oficina tinha alguma outra jovem feminista que foi pra participar porque já se identificava como jovem feminista de outro Estado?
> F: tinha, tinha sim. Eu não vou me recordar agora o Estado. Mas eu acho que tinha do Ceará, tinha também, deixa eu ver, tinha da Paraíba. [...]
> F: Então, aí depois desse encontro a gente começou a participar do Fórum de Mulheres de Pernambuco já como grupo organizado, já como segmento.

Interessante observar no trecho de fala destacado, "Uma oficina que era toda feita por jovem, toda coordenada por jovem, foi escrita por jovem, então a gente imaginou que não ia dar ninguém", Flavinha (PE) possibilita-nos a compreensão de que essa atividade poderia não ter ganhado credibilidade por ter sido proposta por jovens. Flavinha ainda dar a entender que no Nordeste os processos de visibilidade se dão a reboque do que acontece nacionalmente, como pode ser observado no seguinte trecho de fala: "Porque é uma coisa que ainda no Nordeste, especialmente... (pausa) Ainda não tinha nem muito sinal no Brasil, ainda mais no Nordeste". Ao que parece, como se não bastasse serem mulheres, o fato de serem jovens e nordestinas provocava um sentimento de invisibilidade para Flavinha e suas companheiras de movimento.

Gayatri Chakravorty Spivak (2010) em sue texto "Pode o subalterno falar?" reflete sobre relações de poder entre o norte e o sul do globo. Spivak problematiza, especialmente, processos que invisibilizam "sujeitos do Terceiro Mundo" através de estudos ocidentais pautados em valores eurocêntricos. Como argumenta a autora:

> Relatar, ou melhor ainda, participar do trabalho antissexista entre as mulheres de cor ou as mulheres sob a opressão de classe no Primeiro ou no Terceiro Mundo está inegavelmente na ordem do dia. Devemos acolher também toda recuperação de informação em áreas silenciadas, como está ocorrendo na antropologia, na ciência política, na história e na sociologia. No entanto, a pressuposição e a construção de uma consciência, ou de um sujeito, sustentam tal trabalho e irá, a longo prazo, se unir ao trabalho de constituição do sujeito imperialista, mesclando violência epistêmica com o avanço do conhecimento e da civilização. E a mulher subalterna continuará tão muda como sempre esteve. Em um campo tão carregado, não é fácil fazer a pergunta sobre a consciência da mulher subalterna. É, portanto, ainda mais necessário, lembrar aos radicais pragmáticos de que essa não é uma digressão idealista (p.85-87).

Na medida em que compreendo que 'recuperar informações de áreas silenciadas' também é um trabalho de uma Psicologia crítica e feminista, me proponho a colocar em questão a consciência da mulher subalterna (jovens feministas nordestinas) e assim refletir

sobre silenciamentos que sutilmente, ou não, aparecem nas entrelinhas das entrevistas que realizei.

Voltando ao I Fórum Social Nordestino, Gabriela (PB) também apresenta o encontro das jovens feministas na atividade organizada pelas jovens pernambucanas como marco para a consolidação do grupo das jovens feministas na Paraíba, como pode ser observado no seguinte trecho de fala.

> Gabriela [...] Então nesse Fórum a gente teve uma reunião. A gente teve uma reunião bem grande, muito linda, super histórica, sobre as jovens feministas no Brasil. Como é que é esse processo? O que é que é isso? Como é que se deu a formação desse grupo?
> Raissa: Essa reunião foi em Recife?
> G: Foi, foi no Fórum em Recife. Dentro do Fórum tinha um GT (grupo de trabalho) que era Jovens Feministas. E aí eu tava participando dessa reunião, Ju[35] tava participando, Ciça e outras meninas da Paraíba tavam participando. Foi daí que a gente criou o grupo de Jovens Feministas lá da Paraíba.
> R: Quem tava de outros estados, tu lembra?
> G: Eu lembro que tinha gente de vários lugares, especialmente do Nordeste né? De Recife tinha muita gente. Ana Débora e Amanda Alecrim, de São Paulo, impulsionaram. Deixa eu ver. Eu tenho fotos, sabe? Tinha as meninas de Fortaleza, as meninas de Fortaleza eram bem fortes nesse processo também.

A partir de ambas as falas acima podemos observar que a oficina proposta pelas jovens pernambucanas no Fórum Social Nordestino possibilitou o encontro de feministas jovens. E, como apresentam as próprias jovens, esse encontro impulsionou a criação de grupos de jovens feministas no Nordeste - nos estados de Pernambuco e da Paraíba. Vale observar que as jovens do Ceará e de São Paulo também estavam presentes na oficina.

Podemos observar, portanto, que em novembro de 2004 as jovens já começam a se articular em rede e que o segmento político que só seria apresentado publicamente quase um ano depois, em outubro de 2005, no 10º Encontro feminista Latino Americano e do Caribe, começa a se constituir a partir de encontros despretensiosos, como foi o caso da oficina proposta no Fórum Social Nordestino. Por despretensiosos refiro-me a encontros que aconteciam sem o objetivo maior de articulação e organização de um segmento.

[35] Nesta fala há trechos alterados com nomes fictícios.

4.6.2 5º Fórum Social Mundial – 2005, Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Flavinha (PE) relatou que poucos meses depois do Fórum Social Nordestino, em janeiro de 2005, ocorreu em Porto Alegre o 5º Fórum Social Mundial[36] e que jovens feministas de São Paulo articularam uma atividade para discutir juventude no movimento feminista e a participação das jovens no 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe - que aconteceria em outubro do mesmo ano.

Como apresenta Flavinha, em janeiro de 2005 as jovens pernambucanas ainda não se organizavam a partir de um coletivo:

> Flavinha: Eu, por exemplo, fui no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, mas quando eu fui pra esse Fórum, nós não existíamos como Coletivo de Jovens Feministas, mas já existiam as jovens feministas em Pernambuco, não existia coletivo, era um grupo. Porque nessas reuniões do Fórum de Mulheres que a gente começou a participar, a gente começou a conversar e depois passou a ter uma agenda fora da reunião do Fórum. Então a gente marcava de se encontrar fora do Fórum de Mulheres, como se fosse uma reunião nossa mesmo. Olhando hoje seria isso (o Coletivo de Jovens Feministas), mas naquela época nem tinha esse nome.

Segundo Flavinha, as jovens feministas de São Paulo estavam bastante empenhadas em criar uma articulação nacional de jovens feministas e participar do 10º Encontro Latino Americano e do Caribe levando pautas próprias das jovens. Abaixo segue um trecho em que Flavinha (PE) comenta sobre uma lista de e-mails que foi criada para articular jovens latino americanas e caribenhas.

> Flavinha: Como eu te falei, eu tinha ido pra Porto Alegre e em Porto Alegre a gente realizou esse fórum, que foram as meninas de São Paulo que puxaram, que escreveram essa atividade no Fórum (Social Mundial) e eu vi na programação e resolvi participar. E já tinha uma lista rolando, uma lista virtual de conversas para o 10º Encontro (Feminista Latino Americano e do Caribe). E eu me inseri nessa lista e a gente foi pensando.
> Raissa: e que nome essa lista tinha? Não era a Articulação ainda, né?
> F: não era Articulação ainda, mas virou depois. Era alguma coisa assim: "Jovens 10º Encontro Feminista". Alguma coisa assim. Era uma lista virtual de discutir e-mails que as jovens estavam utilizando nacionalmente e também na America Latina e Caribe, conversando sobre o Encontro, sobre as pautas do Encontro, sobre o que as jovens iriam levar lá, quais seriam as principais bandeiras, as principais demandas, o que a gente ia tá reivindicando. Já vinha um debate geracional muito forte, mais das meninas de São Paulo, porque lá elas tinham um

[36] Informações do site: http://www.forumsocialmundial.org.br/(última visita: janeiro de 2013)

> dificuldade forte em relação a geração, que a gente no Nordeste, pelo menos em Pernambuco, não vivenciava.

Interessante observar que o contexto de emergência da articulação latino americana de jovens feministas assemelha-se a processos vividos por feministas da década de 1990 nos momentos preparatórios para a IV Conferência Mundial de Mulheres – Beijing (ALVAREZ, 1998).

De acordo com Flavinha, durante o Fórum Social Mundial as jovens de São Paulo apresentaram a dificuldade de relação entre as feministas mais velhas e as feministas jovens de São Paulo. Flavinha relatou ainda que a tensão entre feministas de diferentes gerações foi uma novidade para as jovens de Pernambuco.

> Flavinha: em São Paulo era assim. Então essa discussão geracional no movimento já era muito forte pra elas lá. Elas tinham um embate forte com as feministas mais velhas. E em São Paulo, no 10º Encontro (Feminista Latino Americano e do Caribe), isso ficou também mais evidente. Porque tem toda uma questão de representação desses espaços de poder, são sempre disputados. Que é uma coisa tão feia do movimento, né? Mas que tem. Que é impossível não ter. Disputa de recurso também, porque era uma coisa nova que estava surgindo no momento. Tinham coisas das agências financiadoras estarem com a proposta de apoiar a iniciativa de jovens e tal. E isso tudo divide recursos. Mas era uma coisa que acontecia lá, com elas.

Vale observar que a não homogeneidade do feminismo (COSTA, 2004) se evidencia também no que se refere ao acolhimento das jovens como novo sujeito político do movimento. Em Pernambuco as jovens foram convidadas a participar do movimento, já em São Paulo, não houve esse convite segundo seus relatos.

4.6.3 Preparação para o 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe

Segundo Flavinha (PE), foi ao retornar a Recife, após a reunião das jovens feministas que ocorreu no 5º Fórum Social Mundial, que as jovens pernambucanas se sentiram fortalecidas para pleitear vagas no 10º Encontro Feminista já como o segmento das jovens feministas.

> Flavinha: [...] Então nesse retorno pra Recife, a gente começou a participar do Fórum (de Mulheres de Pernambuco) como uma articulação, como jovens feministas, e começou a pleitear também participação no 10º Encontro

> (Feminista Latino Americano e do Caribe) enquanto segmento. Porque como eu tinha te dito antes, a gente não tava pleiteando enquanto segmento. Éramos jovens ligadas a organizações e a gente tava tentando participar enquanto essas organizações. Nesse momento a gente continua inserida nas organizações, mas pelo menos no Fórum de Mulheres (de Pernambuco) a gente tenta desvincular um pouco. A gente passa a participar do Fórum (de Mulheres de Pernambuco) enquanto grupo de jovens, como segmento, entendeu?

Flavinha (PE) relatou que se apresentar no Fórum de Mulheres de Pernambuco como um novo segmento pouco tempo antes do 10º Encontro Feminista não foi uma tarefa fácil. Entretanto, as jovens contaram com o apoio da maioria das feministas do Fórum de Mulheres de Pernambuco.

> Flavinha: E no Fórum de Mulheres (de Pernambuco) também, a gente foi muito bem recebidas, ainda mais que a gente chega num momento de muito disputa, que é a discussão pro 10º Encontro. Que tava acontecendo no Brasil, que tinha toda uma conjuntura, que todo mundo queria participar, que as vagas eram poucas, que o Fórum (de Mulheres de Pernambuco) era muito grande, muita coisa assim. Então a gente chega nesse momento. A gente chega num momento que até pelo contexto podia gerar até uma certa estranheza. "Ué, por que vocês tão chegando agora?" Mas não, pelo contrário, a gente foi bem aceita e bem recebida pelas mulheres lá. <u>É lógico que de uma ou outra a gente ouvia comentários, né? 'Ah, mais pra que? Isso é segmentar o movimento? Não tem que ter".</u> Coisas assim, mas muito pouco, a maioria das mulheres e das organizações apoiaram a iniciativa.

O trecho de fala destacado "É lógico que de uma ou outra a gente ouvia comentários, né? 'Ah, mais pra que?' 'Isso é segmentar o movimento?' 'Não tem que ter!'" evidencia que, embora tenha havido um convite para mulheres jovens participarem do movimento feminista em Pernambuco, a organização das jovens a partir de um novo segmento causou estranhamento entre algumas das mulheres mais velhas. Esse estranhamento pode estar relacionado a uma expectativa de continuidade das ações das mais feministas velhas pelas feministas mais novas que é quebrada na medida em que as jovens afirmam ter demandas próprias. Como apresenta Abramo (1997), nunca, ou quase nunca, jovens são convidados(as) a participar de espaços de discussões políticas "como sujeitos capazes de participar dos processos de definição, invenção e negociação de direitos (p.28)".

No tópico abaixo apresentarei como se deu a participação das jovens feministas no 10ª Encontro Feminista.

4.6.4 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe – 2005, Serra Negra, São Paulo

Como já foi apresentado, o 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe aconteceu em outubro 2005, em São Paulo, e contou com a presença de cerca de 1.500 mulheres. Importante registrar que 25% das participantes do 10º Encontro tinham menos de 30 anos. Desse quantitativo de jovens algumas se apresentavam como jovens feministas e outras não. Dentre as que se apresentavam como jovens feministas algumas delas faziam parte comissão organizadora do Encontro (ADRIÃO, 2008, 2011; ZANETTI, 2008, 2009).

Das jovens que entrevistei apenas Flavinha (PE) esteve presente no 10º Encontro. Sobre a recepção das jovens pelas feministas mais velhas, Flavinha relatou:

> Flavinha: não teve fala de apoio não. Ficou evidente porque, assim, como era uma coisa que eu não vivenciava em Pernambuco e lá eu vi acontecer: de jovens feministas discutirem com feministas antigas por conta do segmento; delas dizerem que não precisava, que era segmentar o movimento, que feminista era feminista, que tinha que tá todo mundo junto, num sei o quê. Meio que deslegitimando esse movimento. Então tiveram essas coisas assim.

Como Julia Zanetti (2009) comenta, baseada em Bourdieu (2004), as jovens chegam no 'campo' feminista 'sem capital', ou seja, sem os atributos valorizados para serem legitimadas tais quais as feministas mais velhas. Desse modo, as relações de poder se dão de modo que aumentam o desafio das jovens na inserção no movimento.

No que se refere à participação das jovens no 10º Encontro, Flavinha apresentou o seguinte:

> Flavinha: As disputas de início eram mais, assim, porque a programação não contemplava jovens nas mesas, eram sempre mulheres feministas adultas falando pelas jovens, os recursos pras jovens participarem que eram sempre escassos, era muito difícil conseguir bolsas, essas coisas.
> [...]
> Flavinha: mas também foi esse momento, como você bem lembrou, que foi de se mostrar pra o Brasil e pra América Latina. Porque a gente conseguiu realizar algumas atividades no Encontro (Feminista Latino Americano e do Caribe), conseguimos incluir na programação. A gente tinha conseguido colocar na programação oficial mesmo uma ou outra atividade, como jovens que estavam realizando. Mas lá a gente conseguiu fazer muitas coisas extra oficiais - extra programação - que nós jovens feministas estavam presentes, mas também muitas outras feministas participaram. A gente fez atividade sobre corpo.. (pausa) Várias coisas assim bem legais, não vou me lembrar de todos os temas agora,

> mas assim, a gente chegou a realizar muita coisa extra oficial da programação. A gente ficava fazendo cartaz na hora, chamando as pessoas. A gente fez todo um trabalho de divulgação das atividades lá mesmo no Encontro. E também a gente conseguiu no final do encontro, no último dia do Encontro e gente conseguiu ler uma carta e foi um momento, assim, bem emocionante. Todas as meninas jovens que tavam no Encontro foram pra frente, foram pra a plenária, pediram espaço pra ler aquela carta e foi um momento bem histórico mesmo. Porque aí todas as mulheres viram que nós éramos muitas, que a gente podia não estar organizada até então, mas a partir dali a carta deixou claro que a gente ia estar se organizando nacionalmente e também a nível da América latina e com pautas próprias, com demandas. E isso foi bem legal, a gente foi aplaudida.

Como apresentou Flavinha, durante o Encontro, as jovens feministas realizaram atividades oficiais e extra oficiais[37]. Dentre as atividades oficiais se destaca o Fórum de Mulheres Jovens Feministas, que contou com a presença de mais de 100 jovens da América Latina e do Caribe. Esse Fórum estimulou a realização da atividade Diálogo Intergeneracional, que não estava prevista, e contou com a presença de mulheres de diferentes gerações (ZANETTI, 2010; ADRIÃO, 2011).

De acordo com Flavinha, durante o Encontro, a principal luta das jovens foi por um feminismo menos hierárquico e adultocêntrico, que possibilitasse o acesso das jovens aos seus espaços de poder e decisão.

Quanto às jovens nordestinas, ao que parece, a partir dos relatos supracitados, embora já existisse um 'nós' em construção para as jovens feministas de Pernambuco, a ocasião do 10º Encontro possibilitou a constituição de um 'elas' - que se diferencia do 'nós'.

Chantal Mouffe (2000), autora inglesa que reflete sobre política, democracia e identidade coletiva apresenta as seguintes considerações sobre a relação entre nós/eles(as):

> A política, de fato, tem a ver com a ação pública e a formação de identidades coletivas. Seu objetivo é a criação de um 'nós' em um contexto de diversidade e de conflito. Mas para construir um 'nós', é preciso poder distingui-lo de um 'eles'. Por isso, a questão crucial de uma política democrática não é como chegar a um consenso sem exclusões, ou criar um 'nós' que não tivesse um 'eles' como correlato, mas como estabelecer essa distinção nós/eles de uma maneira que seja compatível com a democracia pluralista. Esta última supõe que o opositor já não

[37] É interessante destacar o que Adrião (2008) observou durante o 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe. Segundo a autora, as jovens participaram na organização do evento, além de ter um dia inteiro do 10º Encontro de debates sobre as jovens feministas e nos outros dois dias foram debatidas questões em torno da lesbianidade e etnia-raça.

> seja considerado como um inimigo a quem se quer destruir, mas como um adversário cuja posição seja reconhecida como legítima (p.270).

Como apresenta Karla Adrião (2011), a chegada das jovens feministas no cenário nacional tem um duplo significado, por um lado as jovens feministas enaltecem o movimento, uma vez que reconhecem sua importância e conquistas históricas e se propõem a fortalecê-lo, por outro lado, incomodam na medida em que convidam as feministas mais velhas a refletir sobre relações hierarquizadas no movimento – tal qual as negras, as lésbicas e as latinas o fizeram. As jovens, portanto, se distinguem das mais velhas e apresentam suas diferenças dentro do movimento, entretanto não se colocam no lugar de adversárias das feministas mais velhas, mas as convidam para o exercício de uma política feminista democrática.

4.6.5 Pós 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe

Flavinha (PE) apresenta que após o 10º Encontro, as jovens feministas permaneceram articuladas em rede, através de um e-mail coletivo. Como está descrito no trecho de fala abaixo, as jovens passaram a planejar atuações públicas coletivamente.

> Flavinha: então, depois do 10º Encontro a gente continuou em discussão pela mesma lista que antes a gente se articulava pra o Encontro. [...] Mas eu lembro que a gente continuou em diálogo virtualmente e a gente se encontrava muito assim em Conferência de Mulheres, ou sempre que tinha um encontro nacional. "Ah, o Instituto Patrícia Galvão em São Paulo vai fazer um encontro pra discutir mídia e comunicação, quem das jovens vai participar?" Aí as jornalistas se colocavam.. "eu vou tá participando, eu vou tá participando.." Então vamos fazer alguma coisa enquanto jovens. Então tinha meio que isso. Era assim, vai ter um evento, alguém colocava na lista e as pessoas que iriam colocavam na lista e a gente discutia as propostas. As Conferências que eram um processo bem mais discutido, porque tinha toda uma questão de sair delegadas das Conferências, de conseguir delegadas nas etapas municipal, estadual, pra poder chegar na nacional.

No que se refere às formas de organização nacional da ABJF, todas as jovens entrevistadas apresentaram que a comunicação das jovens era garantida pelos debates *on line,* através de um e-mail coletivo - que elas referem como lista. Como podemos observar, a rede das jovens se 'tece' também através de comunicações virtuais.

Como apresenta Jorge Alberto Machado (2007), a Internet tem proporcionado aos movimentos sociais novas formas de organização e atuação política:

> As tecnologias de informação, com especial atenção à Internet, proporcionaram novos horizontes para o ativismo político e o engajamento nas lutas sociais. A "apropriação" de espaços na rede mundial pelos movimentos sociais tem contribuído para o fortalecimento das demandas sociais, ao oferecer certos tipos de organização, formas de articular ações e de se fazer política, que não existiam antes. [...] Tal forma de organização e tais instrumentos têm permitido não apenas a constituição, mas também a existência de novos entes políticos (p.277).

Nesse sentido, é possivel observar que as jovens feminstas da ABJF, através do uso da Internet, atualizam antigas formas de se organizar através de redes.

Além da comunicação virtual as jovens buscavam oportunidades de se encontrar presencialmente nos espaço das Conferências proposta pelo Governo Federal para discutir política para mulheres e políticas para a juventude e também em encontros (de menor proporção) propostos por organizações não governamentais. Vale registrar que todos os encontros citados pelas entrevistadas ocorreram na cidade de São Paulo.

4.6.6 II Conferência Nacional de Políticas para Mulheres – 2007, Brasília, Distrito Federal

A II Conferência Nacional de Políticas para Mulheres ocorreu em agosto de 2007, em Brasília. Nesta Conferência estiveram presentes cerca de 2800 delegadas(os)[38]. Das quatro jovens que entrevistei, três delas estavam presentes na II Conferência Nacional de Políticas para Mulheres. Flavinha (PE), Gabriela (PB) e Silvana (CE).

Maria Flor (PE) não esteve presente na Conferência Nacional, mas esteve presente nas etapas municipal (de Recife) e estadual (de Pernambuco) e relatou como foi o processo de preparação para a ida para a Conferência Nacional.

> Maria Flor: Em 2007 teve a II Conferência de Mulheres. A estadual aconteceu em maio, aqui em Pernambuco. Eu consegui participar da municipal e da estadual, só que eu não consegui ir pra nacional. Aliás, nenhuma jovem conseguiu ir pra nacional, porque teve um racha muito grande aqui e poucas mulheres representantes do Fórum (de Mulheres de Pernambuco) conseguiram ir. Porque a secretária da época, que já era Cristina Buarque, ela meio que jogou as mulheres do interior contar as da capital. Como se as mulheres da capital

[38] Fonte: www.sepm.gov.br

> quisessem se sobrepor a um movimento rural. Pelo contrário, o Fórum (de Mulheres de Pernambuco) já tem toda essa articulação com as mulheres rurais e já tinha toda uma presença muito forte das mulheres do interior no Fórum. Enfim, resumindo, não consegui ir pra a Conferência Nacional, mas Flavinha conseguiu ir por um financiamento que eu não lembro de onde foi. E aí ela foi, não lembro a data, mas foi no segundo semestre do ano de 2007. Então ela participou e voltou pra as reuniões do Coletivo (de Jovens Feministas de Pernambuco) contando sobre esse reencontro que ela teve com essas meninas e desse encontro as meninas tavam falando de ter uma articulação permanente. Porque elas já tinham se encontrado e eventualmente se reencontravam, umas ou outras. E nessa Conferência Nacional de (Política para) Mulheres ela não só se reencontraram, mas conseguiram te rum momento de reunião com a ministra daquela época, que eu acho que era Nisseia Freire.

As disputas internas por vagas e segmentos que almejam participar de espaços decisórios são antigas para o feminismo (ALVAREZ, 1998). Como pode ser observado a partir do trecho de fala destacado, nessa época, em Pernambuco, existiam fortes tensões entre as mulheres do movimento e do governo. As relações internas ao movimento, entretanto, parecem ter sido preservadas no que se refere a diferentes gerações.

Silvana (CE), que esteve presente na II Conferência, comenta sobre o reduzido número de jovens cearenses que chegaram à etapa nacional e sobre o encontro de jovens feministas durante a Conferência.

> Silvana: De mais de 40 delegadas, só foram três jovens mulheres pra a Conferência Nacional. E aí a gente entrou em contato com a Fernanda Papa (SP)[39], aí a Fê disse: "Olha, vamos fazer uma oficina com as jovens mulheres sobre feminismo, sobre a nossa participação". Aí a Fê teve essa sacada linda, genial, e aí a gente foi e com isso a gente conseguiu criar força dentro da Conferência. Olha só, nós tivemos uma pauta feminista no meio da Conferência, quase que a gente pára a Conferência porque a gente vai conversar. E isso pra gente foi, assim, nós saímos de lá bombando.

Gabriela (PB) também comenta a participação das jovens:

> Gabriela (PB): Mas eu acho mesmo que de marco histórico a gente foi pra II Conferência de (Política para as) Mulheres que foi extremamente importante pras jovens feministas, onde a gente se mostrou pro movimento, quando a gente já tava, já tinha uma coisa muito sólida, um grupo altamente sólido, altamente forte, quando as mulheres feministas já conheciam esse segmento de jovens feministas, então a gente teve uma participação fenomenal, assim, a gente

[39] De acordo com as jovens entrevistadas, Fernanda Papa não era uma das jovens feministas da Articulação Brasileira de Jovens Feministas. Fernanda trabalhava na Fundação Friedrich Ebert (FES), em São Paulo, e é considerada uma grande parceira. Segundo Zanetti (2008) a FES articula ações com mulheres jovens desde o ano de 2001.

> conseguiu inserir. Dentro de todas as propostas tinha jovens, dentro dos textos. Por isso foi uma coisa histórica, até então ninguém ia falar sobre jovens, se não tivesse um coletivo de jovens muito formado, muito bem embasado na Conferência. Foi um marco muito forte.

Podemos observar, a partir das falas acima, que dois anos após o 10º Encontro Feminista o grupo das jovens feministas permanecia em processo de formação e a II Conferência proporcionou para as jovens feministas um (re)encontro de âmbito nacional que contribuiu com o fortalecimento do grupo.

Quanto às conquistas da II Conferência, estas foram de relevância. As pautas apresentadas pelas jovens feministas garantiram que, pela primeira vez numa política pública para mulheres, as jovens conquistassem um capítulo especial. Além disso, a atuação das jovens feministas na II Conferência se tornou um marco no que se refere à abertura de canal de diálogo como Governo Federal, em especial, com a Secretaria de Política para as Mulheres (SPM) (ADEVE, 2009). O canal de diálogos com o Governo Federal proporcionou a realização do I Encontro Nacional de Jovens Feministas, o qual será apresentado no subtópico abaixo.

4.6.7 I Encontro Nacional de Jovens Feministas – 2008, Maracanaú, Ceará

Conforme já apresentado, o I Encontro Nacional de Jovens Feministas aconteceu no Ceará e contou com a presença de cerca de 100 jovens de diferentes estados do Brasil. No que se refere aos financiamentos para a realização do I Encontro, Maria Flor (PE) apresenta o seguinte:

> Maria Flor: teve essas etapas de conferências em 2007, as Conferências de Mulheres, que terminaram em 2007 e no final de 2007 começaram as Conferencias de Juventude e aí essas jovens que conseguiram um acordo político e também financeiro com a SPM e também com a Fundação Friedrich Ebert, que a parte de gênero e juventude era representada por Fernanda Papa (SP) - que era muito parceira da articulação nessa época. Então elas conseguiram grana pra fazer o Encontro Nacional de jovens feministas, em março de 2008.

Conforme apresentado no primeiro capítulo o I Encontro Nacional de Jovens Feministas teve como parceiros a Secretaria de Política para as Mulheres, a Secretaria

Nacional de Juventude, a ONU Mulheres e a Fundação Friedrich Ebert (FES) (ADEVE, 2009).

Para além dos financiadores, interessante observar que no trecho destacado Maria Flor se refere às jovens feministas como ‘estas jovens’ e não como ‘nós’, como fez em boa parte da entrevista.

Flavinha (PE) também comenta sobre questões relacionadas aos financiamentos do I Encontro:

> Raissa: E como foi a participação das jovens de Pernambuco na organização do Encontro do Ceará?
> Flavinha: ó, esse Encontro no Ceará, ele foi meio, assim, eu não sei até hoje de que forma ele aconteceu, de onde veio o recurso. Eu sei que as meninas de São Paulo tavam, como sempre, mais a frente na capitação de recurso e tal. A gente de Pernambuco participou, mas no diálogo virtualmente e articulando as discussões e as jovens pra participar. A nossa participação foi mais efetiva lá, mas no processo de organização não. A gente tinha diálogo com as meninas do Ceará virtualmente. Por e-mail, sabia o que tava acontecendo. Mas a gente não participou, por exemplo, da negociação como governo. Elas conseguiram as bolsas todas do Encontro, os kits que distribuíram no Encontro foi a sobra das Conferencias de Mulheres. É, recurso também que elas conseguiram. Não me lembro se foi com a IWHC[40] que elas conseguiram recurso[41]. A gente não participou desse processo de negociação. Pós-encontro também a gente também não participou do processo de prestação de contas, nada disso.

Assim como Maria Flor (PE), Flavinha (PE) atribui às jovens de São Paulo os méritos pelos financiamentos conquistados. Ainda que sutil, pude observar nas entrevistas uma disparidade no que se refere à construção do ‘nós’ das jovens feministas. Ao longo das entrevistas, ora as jovens feministas de todo o país constituem um único ‘nós’, ora existe um ‘nós’ constituído pelas jovens feministas nordestinas e um ‘elas’ formado pelas jovens feministas de São Paulo.

Nos trechos de fala acima destacados Maria Flor (PE) e Flavinha (PE) apresentam que não se sentiram responsáveis pela realização do I Encontro. Entretanto, como pode ser

[40] IWHC (International Women's Health Coalition) – Coalizão Internacional em Prol da Saúde da Mulher – é uma organização internacional que trabalha com questões relacionadas a saúde e direitos sexuais e reprodutivos com mulheres e jovens, especialmente na África, Ásia e América Latina. Fonte: http://www.iwhc.org/

[41] A IWHC não financiou este Encontro.

observado abaixo, as jovens pernambucanas contribuíram com realização deste, na medida em que proporcionaram espaços de diálogo e formação para o Encontro.

> Flavinha: Anterior ao Encontro a contribuição que a gente deu foi mais de preparação localmente. Então a gente articulou as meninas de Pernambuco e fizemos algumas conversas sobre feminismo jovem, essas coisas, meio que pra preparar achegada no Ceará, pra que também as meninas que iam não chegassem sem saber o que tava acontecendo. A gente não conseguiu fazer isso com todo mundo, vale ressaltar. Nesse período as jovens negras já tavam se organizando e a gente não conseguiu encontrar com elas.

Sobre a escolha do local do I Encontro Maria Flor (PE) comenta o seguinte:

> Maria Flor: foi um acordo político, mas foi também uma exigência das jovens do Nordeste, que era que esse encontro nacional não deveria acontecer no Sudeste, que ele deveria fortalecer as jovens feministas do Nordeste, porque geograficamente as jovens feministas de São Paulo, do Rio de Janeiro, principalmente, de Brasília. Elas seriam mais estruturadas, porque as principais ONG e fundos estrangeiros se situam no Brasil nessas cidades e por essa questão elas geralmente conseguem mais fomento, conseguem mais visibilidade, conseguiam desenvolver mais projetos.

Maria Flor, portanto, atribui a escolha pelo Nordeste à necessidade de garantir uma maior visibilidade às jovens feministas nordestinas, uma vez que estas encontram mais dificuldades em conquistar recursos. Esse trecho de fala dialoga com o que Adeve (2009) apresenta quando afirma que esta escolha do Ceará para sediar o Encontro se deu pelo "desejo de potencializar o Nordeste" (p.38).

Sobre a abrangência do Encontro, no que se refere a diferentes grupos do movimento feminista, Silvana (CE) faz as seguintes considerações:

> Silvana: A gente conseguiu um ótimo encontro, com mais de 100 mulheres, com muita representatividade. [...] Muito bacana. A gente conseguiu, com muito esforço, depois de muita conversa conseguiu trazer uma menina da Marcha (Mundial das Mulheres). Uma só, né? Porque elas disseram que não era a prioridade, não queriam, num sei o que, parará parará parará.. elas tinham a agenda delas. Mas foi um encontro que a gente conseguiu trazer as meninas da UBM (União Brasileira de Mulheres), nós conseguimos trazer representação de quase todo o país. Isso com muito convencimento, mas com muito convencimento. A gente conseguiu trazer o pessoal do Norte, o Nordeste em peso estava aqui, São Paulo em peso, Brasília, Rio Grande do Sul. Então isso pra gente foi muito bacana.

Interessante registrar que, a partir dos relatos das entrevistadas, foi possível observar que a relação das jovens feministas nordestinas com mulheres da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) se deu de forma mais amistosa quando comparada às relações com as mulheres da Marcha Mundial das Mulheres (MMM) e da União Brasileira de Mulheres (UBM). Entretanto, as jovens feministas conseguiram garantir a presença de jovens mulheres dos três grupos no I Encontro Nacional de Jovens Feministas. Esses são os três maiores grupos feministas de âmbito nacional e, por vezes, disputam força nos espaços internos do movimento.

Conforme apresenta Adrião (2008), a Articulação de Mulheres Brasileiras articula nacionalmente os diversos Fóruns de Mulheres estaduais, trabalhando, dessa forma, com distintos grupos de mulheres e com ampla representatividade. A Marcha Mundial das Mulheres, assim como a União Brasileira de Mulheres, também articulam distintos grupos, mas há uma nítida tensão no campo que afirma que a partidarização da MMM e da UMB leva estes dois grupos a deixarem questões feministas em segundo plano para que sejam garantidos interesses partidários. Este debate remete aos anos 1980, quando os partidos políticos de esquerda e as lutas feministas se encontraram, mas que as questões de classe terminavam por serem consideradas mais importantes que as de gênero. A presença desses três grupos no I Encontro pode indicar a dimensão do respaldo político que as jovens feministas haviam conquistado dentro do movimento feminista mais amplo.

Sobre a construção do I Encontro a partir do próprio encontro das jovens no Ceará Flavinha (PE) comenta o seguinte:

> Flavinha: Mas também foi um Encontro que foi muito construído lá, assim, a parte de pautas de programação, essas coisas assim. Isso, realmente, lá a gente deu todo gás, porque a gente se dividiu em comissões com todas as meninas que estavam lá. Agente se dividiu em comissões de planejamento, de comunicação e a gente conseguiu fazer vários debates legais.

Como podemos observar a articulação entre jovens feministas brasileiras se fortaleceu durante este Encontro. Entretanto, conforme apresenta Maria Flor (PE) no trecho de fala abaixo, as jovens que pensaram o Encontro com o objetivo de consolidar uma articulação nacional de jovens feministas se viram diante de algumas dificuldades, como pode ser acompanhado no trecho de fala abaixo.

> Maria Flor: O problema desse encontro e de nomear de Encontro de Jovens Feministas, foi que nem todas as jovens que foram pra esse encontro entendiam o contexto que era de formação de uma articulação, né? Algumas jovens não tinham participado das reuniões anteriores, ou tinham participado e não tinham sacado tanto a formação dessa articulação, por exemplo, as jovens da União Brasileira de Mulheres. E aí elas foram pro Encontro pra discutir as demandas das jovens, mas não necessariamente com esse objetivo final de consolidar essa articulação.

Além dessa questão, ocorreram algumas tensões entre jovens de diferentes regiões do país. Sobre essas tensões Gabriela (PB) e Flavinha (PE) relataram:

> Gabriela: Então foi muito complicado assim, e em relação a pautas, a gente tinha pautas quando a gente construiu a nossa carta de propostas no encontro do Ceará. A gente, tipo, as meninas do Nordeste escreveram coisas como, sei lá, trabalhar com mulheres ribeirinhas, trabalhar com mulheres que, tipo, moram em comunidades indígenas, trabalhar com mulheres que, tipo, sofrem violência doméstica. Era uma pauta muito específica que as meninas do Sudeste, ficavam: "e isso existe? Como é? como é que vocês podem trabalhar com isso?" Porque é uma coisa muito específica, sabe? Eu acho que é meio complicado, a gente tava querendo se inserir na discussão da transposição do Rio São Francisco, por exemplo. Era uma coisa altamente Nordeste e o Sudeste pouco tava entendendo, pouco sabia sobre isso, então foi complicado. Foi um pouco tenso às vezes. Às vezes foi muito, muito tenso, no Encontro Nacional de Jovens Feministas foi bem tenso essa coisa do Nordeste versus Sudeste. Mas de todo modo a gente tinha muito apoio das meninas sabe? O Encontro aconteceu no Ceará, aconteceu no Nordeste, porque? Porque a gente tinha uma quantidade enorme de meninas no Nordeste que iam ter que ir pra São Paulo, a gente ia gastar muitos mil reais de passagens aéreas. Porque as meninas de São Paulo não poderiam vir pro Nordeste, sabe? Porque a gente não fez o inverso? Porque que as nossas referências sempre eram São Paulo, Rio de Janeiro? Porque nunca era Paraíba, Pernambuco e tal? Então a gente discutiu muito isso, a gente mudou muito, porque a gente tava muito aberta a fazer uma coisa certa, a fazer uma coisa bem ética, mas sempre foi muito complicado sabe? Sempre teve essa tensão. Poxa, as meninas do Nordeste vão reclamar, as meninas do Sudeste não tão fazendo, então sempre foi tenso, pra ser bem sincera.
> Flavinha: E por outro lado também nas dificuldades em relação ao Nordeste, por a gente entender que a cultura machista, patriarcal ela não estava completamente superada no Nordeste, como não está no Brasil inteiro, mas eu acho que pras outras meninas isso era mais tranqüilo, elas sentiam menos próximo delas. E a gente não, no Nordeste a gente sente isso próximo o tempo todo. Até você sair de casa e morar sozinha você sente essa reprodução do patriarcado, do machismo, mesmo que você more com mãe, com tia, ou com mulher, você sente isso.

Foi a partir do encontro entre as jovens para discutir sobre bandeiras, prioridades e locais de atuação das jovens feministas que se tornou possível a constituição de um 'nós'. Foi também neste momento que as jovens feministas puderam perceber que existiam diferenças internas no grupo das jovens feministas. Conforme apresentado anteriormente, a constituição desse 'nós', bem como das bandeiras, prioridades, aliados e adversários é

contínua (MAYORGA, s/d). Sendo assim, o I Encontro Nacional de Jovens Feminista parece ter sido mais um espaço de formação do que seria 'nós' e 'eles/elas' (MOUFFE, 2000), para as jovens feministas brasileiras e em especial para as jovens feministas nordestinas.

No que se refere às conquistas do I Encontro Maria Flor (PE) apresenta o seguinte:

> Maria Flor: Mas, desde lá (do Encontro), a gente montou os grupos gestores, que eram espécies de GT (grupos de trabalho) nas regiões Nordeste e, assim, era uma articulação nacional, mas que também tinha uma preocupação regional, então cada grupo gestor definiu quais eram suas prioridades, suas bandeiras de luta, sua articulação e dessas cinco regiões, definiu a nacional. Tudo nesse encontro. E assim teve a consolidação dessa Articulação (Brasileira de Jovens Feministas). [...] E aí depois desse I Encontro Nacional a gente voltou como uma forma de organização e com algumas demandas nacionais e regionais. Não tinha nenhuma representação da região Sul, então ficamos divididas em quatro regionais. Cada regional foi levantar quais eram seus problemas específicos, quais as suas bandeiras de atuação e quais seriam as suas representantes – no sentido de ter facilitadoras nos estados, que iriam compor essa regional. Aqui de Pernambuco saíram quatro facilitadoras; eu era uma, Raquel[42] que era da Zona da Mata era outra. Vale observar que ela era a única representante do meio rural no evento.

Como pode ser observado a partir da fala acima, o grande saldo do encontro parece ter sido a criação da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) e, consequentemente, o fortalecimento das jovens enquanto segmento legítimo do movimento feminista.

4.6.8 Organização e atuação da ABJF após o I Encontro Nacional de Jovens Feministas – do ponto de vista das nordestinas

Apresentarei abaixo algumas questões trazidas pelas jovens que entrevistei sobre principais bandeiras de luta da ABJF, sobre as formas de organização interna, sobre a relação entre jovens feministas de diferentes regiões do país e a relação com fontes de financiamento.

No que se refere às principais bandeiras de luta das jovens feministas, Flavinha (PE) apresenta as seguintes considerações:

[42] Nesta fala há trechos alterados com nomes fictícios.

> Flavinha: além da questão geracional, todas as bandeiras do movimento feminista eram bandeiras que a gente abraçava e apoiava e eram bandeiras nossas também, em relação aos direitos sexuais e reprodutivos, à questão do aborto, da livre orientação sexual. Só que a gente sempre trazia um recorte geracional pra essas discussões. Então, por exemplo, se tava discutindo a questão da autonomia sexual da mulher, a gente sempre trazia a questão das jovens como um ponto também difícil, porque se as mulheres estavam mais vulneráveis a violência porque dependiam do marido, ou muitas até trabalhavam, mas ainda assim estavam submetidas à questão da violência, as mulheres jovens também estavam nesse lugar, seja pela dominação do pai, seja pela dominação do marido, do namorado, mas a questão da independência financeira era mais difícil pras jovens.

Sobre essas questões Gabriela (PB) também comenta:

> Gabriela: Então, tipo, vou falar objetivamente quase. Primeiro a questão do aborto, direitos sexuais e reprodutivos e o recorte geracional, né? [...] Acho que esses eram os pontos principais, mas o aborto sem duvida. Toda vez que a gente conseguia uma inserção num espaço de uma conferência, ou quando a gente conseguia uma proposta aprovada, sempre era uma coisa relacionada ao aborto e até hoje a gente não conseguiu. Era uma luta que precisávamos.

Assim como podemos observar na literatura já produzida pelas jovens feministas brasileiras (ADEVE, 2009; ADRIÃO, 2008, 2009, 2011; SILVA, 2009; ZANETTI, 2008, 2009, 2010, 2011), as jovens que entrevistei reforçam a questão de que as jovens não buscam mudar as pautas do movimento feminista, mas sim incluir o debate sobre juventude no interior do movimento feminista.

Quando perguntei sobre a relação das jovens feministas com as fontes de financiamento, Maria Flor (PE) respondeu o seguinte:

> Raissa: Tu me falasse que os órgãos financiadores, os órgão de fomento, de um modo geral, de alguma forma instigavam a discussão sobre direitos sexuais e reprodutivos. Na tua avaliação pessoal, existia, de alguma forma, um enviesamento das bandeiras de luta no sentido de vocês acabarem tendo que priorizar, porque era a única forma de financiamento, dos direitos sexuais e reprodutivos. De repente vocês podiam levantar outras bandeiras, mas como não tinha possibilidade de dar continuidade, não, não acontecia.
> Maria Flor: [...] então, isso acaba determinando sim, em certo sentido, a depender da flexibilidade, mas como a maioria desses editais já traziam justamente as nossas preocupações. Sei lá, a maioria deles queria o fortalecimento da juventude, queriam que trabalhassem as questões dos direitos sexuais e reprodutivos e, sei lá, políticas públicas, por exemplo. Então já eram questões que a gente já trabalhava, então pra gente era muito bom. A gente não precisava se adaptar pra conseguir esse financiamento. Parecia que esse financiamento já era feito pra gente, já era adaptado pra gente, entendeu? Porque já éramos um grupo de jovens que queria ser fortalecido por esses mecanismos, por esses fundos. Então, de certo modo, privilegiava a gente. Mas eu acho que não chegou a atravessar, porque essas já eram umas das nossas prioridades.

Importante retomar reflexões apresentadas em um tópico deste capítulo, no qual apresento as trajetórias individuais das jovens entrevistadas até o início da militância como jovem feminista. Interessante observar que as discussões sobre direitos sexuais e reprodutivos estiveram presentes na formação política destas jovens e se mantiveram presente na atuação política destas. Como Maria Flor apresenta no trecho de fala destacado, os editais de financiamento estimulavam a manutenção das discussões sobre direitos sexuais e reprodutivos pelas jovens mulheres.

Como principais parceiras da ABJF, as jovens entrevistadas apresentaram as seguintes instituições: UNIFEM (atual ONU Mulheres), Fundo Ângela Borba (atual Fundo Elas), Fundação Friedrich Ebert, Fundo de População das Nações Unidas e Secretaria de Política para as Mulheres. Interessante observar que todas estas instituições tem seus escritórios sediados nas regiões Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) e Centro –Oeste (Brasília).

Sobre a relação das jovens feministas nordestinas com organizações que financiavam os projetos da ABJF e sobre comunicação interna da ABJF, Gabriela (PB) apresenta o seguinte:

> Gabriela: A gente tinha essa lista[43]. Essa lista era uma coisa de discussão, né? Onde a gente entrava nos consensos, onde a gente fazia as articulações internas, era através da lista. Então, ó, surgiu um encontro em tal lugar e aí a gente achava que a UNIFEM podia financiar, se dividia, um grupo de três ou quatro pessoas que escrevia o projeto e jogava na lista pra discutir se tá bom, se num tá, num sei o quê. A gente trabalhava mais ou menos dessa forma, mas pra ser bem sincera, muito mais as jovens de São Paulo é que faziam esse processo de escrever projeto, de se articular com os órgãos financiadores. Até porque São Paulo tá extremamente ligado. É muito difícil eu ligar pra Brasília da Paraíba, do que, tipo, alguém que já tá em Brasília. E tem um escritório da UNIFEM em São Paulo, ela pode ir lá e conversar, sabe? É uma questão de regionalidade também.

Interessante observar nesta fala a forma que Gabriela constrói seu argumento no sentido de delegar as jovens feministas de São Paulo a tarefa de garantir a articulação política com as instituições que financiavam os projetos da Articulação Brasileira de

[43] Neste momento Gabriela se refere ao e-mail coletivo através do qual as jovens feministas se comunicavam.

Jovens Feministas. Este argumento parece ter o objetivo de desresponsabilizar as jovens feministas nordestinas dessa tarefa.

Conforme apresentado anteriormente, as jovens entrevistadas fizeram menção a diferentes possibilidades de atuação política entre as jovens do Nordeste e do Sudeste e Centro-Oeste. Flavinha (PE) atribuiu essas diferentes possibilidades de ação política das jovens feministas nordestinas ao "acesso restrito a bens educacionais e culturais", conforme podemos acompanhar no trecho de fala abaixo.

> Flavinha: eu não sei se também por estar no centro do país elas tinham mais facilidade de participar dos eventos. A maioria dos eventos aconteciam nesse eixo Rio - São Paulo - Brasília e era mais fácil pras elas participarem. A questão da língua, do inglês. Falar inglês favorecia muito nos eventos internacionais. Em sua totalidade, não é nem em sua maioria, porque a gente não chegou a participar. Só de um evento, que foi no Uruguai, que foi até eu que participei, mas a questão da língua foi bem complicada. Mas a maioria dos encontros que aconteciam em outros países exigia que falasse inglês fluente. Varias coisas que a gente não podia porque ninguém do grupo sabia falar inglês. Então também tá aí a questão do acesso a educação, que pra gente do Nordeste era sempre uma coisa que a gente faltava.
> Raissa: e aí, no caso, tu tinha colocado também que a maioria de vocês era de classe popular.
> Flavinha: é, tem isso também, que eu acho que isso nas discussões nacionais a gente nem chegou a fazer. A gente falava, mas assim, nesse âmbito do acesso mesmo aos bens culturais, aos bens educacionais.

Portanto, Flavinha (PE) argumenta que o limitado acesso a bens educacionais e culturais, de alguma forma, restringia as possibilidades de atuação política das jovens feministas nordestinas. Silvana (CE) também comentou sobre especificidades da atuação política no Nordeste:

> Raissa: mas assim, pensando as próprias mulheres jovens da Articulação (Brasileira de Jovens Feministas). Existe alguma peculiaridade da militância das nordestinas que as diferenciam, ou marcam?
> Silvana: sem dúvida, sem dúvida! Enquanto as meninas (de São Paulo) já estavam conhecendo o que era, já tinham skype, já tinham viajado pra Rússia, pra Argentina, pro Uruguai, eu tinha ido pra Pernambuco. [...] As meninas eram um trator de estudos sobre o feminismo. As meninas tinham um leque de informação e de vivência em outras culturas, que era gritante. Enquanto a gente continuava ali, no nosso quintal.

Como pode ser observado a partir desse trecho de fala, quando pergunto sobre alguma especificidade da militância das nordestinas a Silvana, imediatamente a jovem entrevistada comprara a atuação política das jovens nordestinas com as das jovens de São

Paulo e coloca as jovens nordestinas como aquelas que têm menos instrumentos para atuar politicamente fora do próprio 'quintal'.

Ao longo das entrevistas senti necessidade de perguntar sobre a relação entre as jovens nordestinas e as jovens de São Paulo. Sobre essa questão Gabriela (PB) me apresentou que houve momentos de muita tensão, mas que, de um modo geral, essa era uma relação de parceria – conforme pode ser observado abaixo.

> Gabriela: Era muito, muito, muito difícil. A gente teve até em determinado momento uma certa tensão entre jovens nordeste versus jovens sudeste e centro-oeste e tal. Porque é tudo altamente complicado, primeiro por uma questão social, verdadeiramente as jovens do Nordeste são muito mais pobres do que as meninas do Sudeste, a gente não tinha acesso a informação que as meninas do sudeste tinham, tipo, as coisas muitas vezes chegavam e eu pensava: como é que essas meninas sabem disso, sabe? Como é que ela sabem que esse edital tá aberto? Como é que elas sabem que vai ter esse encontro e tal? Porque a gente não tinha essa informação. As meninas do Nordeste durante algum momento foram em maior quantidade. As meninas do Nordeste foram uma quantidade muito maior em determinado momento, mas a gente não tinha recursos. Se a gente quisesse fazer o encontro nordestino de jovens feministas, por exemplo. Nunca aconteceu, porque a gente não tinha dinheiro pra isso. As organizações que financiavam o Nordeste sempre eram muito menores, tinha muito menos dinheiro que quem financiava o Sudeste, por exemplo, então tinha muita diferença. Foi muito difícil militar no Nordeste, tipo, ser do Nordeste e militar nacionalmente, sempre foi uma barreira muito forte.

Como pode ser observado no trecho de fala destacado, por algum momento, houve o desejo entre algumas das jovens feministas nordestinas de propor uma articulação mais fortalecida entre as nordestinas e até organizar um encontro entre elas – que não ocorreu por falta de recursos. Entretanto, ao longo de todas as entrevistas ficou evidente que, embora houvesse algumas tensões, a relação de parceria entre as jovens de diferentes regiões, até então, era de interesse das jovens feministas da ABJF e que uma possível articulação entre as nordestinas não tinha por objetivo o distanciamento destas da ABJF.

4.6.9 I Conferência Nacional de Juventude – 2008, Brasília, Distrito Federal

A I Conferência Nacional de Juventude aconteceu no ano seguinte à II Conferência Nacional de Políticas para Mulheres. Todas as jovens que entrevistei disseram estar presentes na Conferência de Juventude.

> Maria Flor: E aí teve esse encontro em março de 2008, um mês antes da Conferência Nacional de Juventude, onde a gente conseguiu marcar uma forte presença. Acho que boa parte das lideranças que estavam no I Encontro (Nacional de Jovens Feministas) tavam nessa Conferência. A gente inclusive fez um esforço pra passar a proposta inicial do debate sobre o aborto, não era nem sobre legalização, mas era sobre instituir obrigatoriamente o debate sobre o aborto e sobre os direitos sexuais e reprodutivos na política de juventude.

Conforme apresentado anteriormente, as jovens feministas se empenhavam para levar pautas da juventude para os espaços de discussão sobre as mulheres e levavam as pautas do feminismo para os espaços de discussão sobre juventude (SILVA, 2009).

Flavinha, jovem feminista de Pernambuco, relatou que as jovens feministas estiveram presentes na construção da Conferência Nacional de Juventude, conforme pode ser acompanhado abaixo.

> Flavinha: As jovens feministas estiveram presentes também no processo na construção da Conferencia de Juventude, que a gente também teve muito destaque. A gente participou. Eu participei enquanto Coletivo (de Jovens Feministas de Pernambuco) de toda a discussão no estado, em Pernambuco, da organização da primeira Conferencia Estadual de Juventude. Então existia um grupo, não tinha Conselho Estadual de Juventude, que se tivesse seria o grupo que organizaria a Conferência. Como não tinha Conselho, o Estado convocou vários segmentos de atuação e um deles era o segmento das mulheres jovens. Então desses representantes desses segmentos se formou esse grupo que deu início ao diálogo com o governo pra a realização da I Conferência de Juventude. Só após a I Conferência de Juventude foi que a gente conseguiu estabelecer o Conselho Estadual de Juventude[44].

A partir desse trecho de fala podemos observar o papel de destaque que as jovens feministas passaram a ocupar no que se refere à relação com o Estado e formulação de políticas públicas. Além disso, Flavinha (PE) destaca:

> Flavinha: Mas eu acho que uma coisa que a gente fazia, que também foi muito importante e que a gente fazia sem recurso nenhum, era a articulação política e a militância que a gente fazia bem. Então a atuação da gente nas Conferências de Mulheres, desde a etapa municipal, estadual e nacional [...] e também no processo na construção da Conferência de Juventude, que a gente também teve muito destaque, a gente participou.

Flavinha apresenta orgulhosa que a militância política das jovens feministas em diálogo com o Estado era realizada com muita qualidade. Interessante observar que no

[44] As jovens feministas passaram a compor o Conselho Estadual de Juventude. Apresentarei esse ponto no subtópico 4.8.1. - Ações do Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco.

trecho de fala destacado Flavinha faz questão de pontuar que esta era uma atividade realizada pelas jovens feministas apesar de não terem subsídios financeiros. Esta fala pode sugerir quase que uma naturalização dos subsídios financeiros para a atuação política feminista[45].

4.6.10 Segunda Semana da Mulher Jovem – 2008, São Paulo, São Paulo

Maria Flor (PE) relatou que no final no ano de 2008 as jovens feministas da ABJF entenderam que precisavam se reencontrar para a avaliarem o primeiro ano de atuação política da Articulação e planejar novas ações para o ano seguinte. A alternativa que as jovens encontraram foi agregar as pautas da ABJF à Segunda Semana da Mulher Jovem, um evento organizado pelas jovens feministas de São Paulo. Sobre a Semana, Maria Flor apresentou o seguinte:

> Maria Flor: Só que, embora a gente conseguisse manter contato e até colocar a questão das mulheres jovens e colocar a questão das mulheres jovens e dos direitos sexuais e reprodutivos na Conferencia Nacional de Juventude, a gente tava no final do ano e tava chegando à conclusão que alguma coisa não tava dando tão certo, porque a gente não tava conseguindo cumprir aquele plano de ação que tinha estabelecido nesse Encontro (Nacional de Jovens Feministas). E aí, precisávamos avaliar. E aí as jovens feministas de São Paulo tavam organizando a Segunda Semana da Mulher Jovem – que foi um conjunto de atividades que aconteceu na mesma época. E aí foi mais que uma semana, porque seria o encontro dessa Rede Latino Americana (REDLAC[46]), que as jovens feministas de São Paulo faziam parte. Teve também o lançamento de um CD, que era Mulheres Jovens e Direitos Humanos - que era um conjunto de documentos que elas tinham juntado e aí lançaram um CD-rom sobre isso. Teve também o encontro das Negras Jovens Feministas, que é uma articulação montada por pessoas que também faziam parte do IJS (Instituto de Juventude Contemporânea) e que queriam sair, ou não, e que tinham ligação com o CEM, que é o Coletivo de Entidades Negras. E aí elas tavam formando essa articulação e queriam fazer o primeiro encontro delas. E aí, seria também o reencontro das meninas da ABJF. Só que, como algumas dessas jovens estavam no local desse encontro há mais tempo, quando chegou nos últimos dias, que foi o encontro da ABJF elas já estavam bem desgastadas. Talvez tenha sido um dos fatores que influenciou uma briga, ou uma tensão entre as meninas da ABJF nesse encontro. [...] Mas aí quando começou o encontro propriamente das jovens da Articulação (Brasileira de Jovens Feministas), na Segunda Semana da Mulher Jovem, já começou a rolar algumas tensões e acabou que teve uma briga mesmo e as

[45] Voltarei a abordar essa questão no capítulo das Considerações Finais.
[46] REDLAC (Red de Fondos Ambientales de Latinoamérica y el Caribe). A REDLAC é uma rede que tem como missão promover a relação e o fortalecimento de fundos ambientais da América Latina e do Caribe em um sistema de aprendizagem em prol da conservação do patrimônio natural e do desenvolvimento sustentável da região. Fonte: http://www.redlac.org/

> pessoas se irritavam, e brigavam e gritaram. Até foram seguradas pra não sair a tapas, assim. Foi bem feio! E aí saíram do local e a gente não conseguiu sair com uma avaliação nem como um novo plano de ação amarrado. Isso fragilizou muito a Articulação, depois desse evento. E deve ser por isso que não consta oficialmente, formalmente, pra as meninas, como um segundo encontro da ABJF.

Como podemos observar, muitas expectativas foram depositadas para esse mesmo momento. Esse soma de expectativas possivelmente prejudicou os objetivos de reencontro das jovens feministas. Importante registrar, assim como indica Maria Flor no trecho de fala destacado, que, possivelmente, os desencontros que ocorreram entre as jovens feministas nesta Semana provocaram que esta não tenha sido considerada um encontro oficial das jovens feministas da ABJF.

Vale observar que além do cansaço de algumas jovens durante os dias da Semana da Mulher Jovem, havia ocorrido uma situação de desgaste entre as jovens. Sobre essa tensão Maria Flor (PE) relatou o seguinte:

> Maria Flor: [...] antes mesmo de chegar ao evento, teve umas discussões por conta de passagens e quem seriam as representações, porque a SPM (Secretaria de Política para as Mulheres), que tinha se comprometido a comprar as passagens, ela voltou atrás com o apoio e nos dias que antecediam esse evento as pessoas achavam que não iam mais poder participar dele, por essa questão de financiamento. E aí um número menor de lideranças ia ter que ser escolhida pra poder ir e algumas não iriam mais. E tava todo mundo ansioso pra poder ir pra esse evento, então meio que rolou uma briga interna por conta disso e isso se refletiu no momento em que estávamos lá presencialmente reunidas.

Além das tensões entre as próprias jovens feministas, na Segunda Semana da Mulher Jovem houve tensões entre pessoas que foram convidadas para debates. Flavinha (PE) apresenta suas impressões abaixo.

> Flavinha: Foi um evento que elas (as jovens feministas de São Paulo) organizaram e na pauta do evento tinha um debate intrageracional, que foram mulheres feministas mais velhas, que participaram desse debate. Elas não participaram da semana toda do evento, porque era um evento pra jovens, mas participaram dessa atividade específica da programação. E foram mulheres que apoiavam o movimento das jovens, mas também foram mulheres que não apoiavam e que deu briga e saiu gente brigada com outra, que não queriam mais se ver. E isso tudo lá de São Paulo. Assim, eu fiquei até um pouco assustada no início, porque era uma realidade que a gente não vivenciava aí em Pernambuco, essas disputadas entre gerações.

Maria Flor (PE) refere que uma das consequências de todas essas tensões foi a interrupção de uma das principais parcerias de financiamento das jovens feministas.

> Maria Flor: Mas a partir desse racha, como ela (Fernanda Papa, da Fundação Friedrich Ebert) era amiga de algumas meninas que faziam parte da Articulação, ela ficou sabendo dessa briga e foi muito ruim pra gente e, meio que, no ano seguinte a Articulação (Brasileira de Jovens Feministas) não entrou nas prioridades dos recursos da Fundação, mesmo porque as jovens não conseguiram se sentar com a Fundação pra definir atividades.

A partir das falas de Maria Flor e Flavinha, é possível avaliar que a Segunda Semana da Mulher Jovem marcou o início de uma nova fase da ABJF. Os desgastes que ocorreram nessa semana dificultaram o planejamento de novas ações das jovens feministas.

A pesar desse episódio, ao final do ano de 2008 a ABJF era reconhecida como uma importante articulação da América Latina, por esse motivo foi feito um convite a ABJF para escolher quais seriam as quatro jovens feministas brasileiras que estariam presentes no 11º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe com passagem, hospedagem e inscrição garantidas pela organização do 11º Encontro, que ocorreria em março de 2009. Apresentarei no subtópico abaixo a participação das jovens feministas neste Encontro.

4.6.11 11º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe – 2009, Cidade do México, México

O 11º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe foi o primeiro encontro latino americano do movimento feminista após a primeira aparição pública das jovens como segmento organizado. Este Encontro aconteceu na Cidade do México, em 2011. Das quatro jovens feministas entrevistadas, duas estiveram presentes no 11º Encontro, Maria Flor (PE) e Gabriela (PB).

Conforme apresentado acima, as jovens brasileiras conquistaram quatro bolsas[47] através da organização do 11º Encontro. Vale observar que essas bolsas haviam sido prometidas às jovens desde o Encontro de 2005, quando foi firmado o compromisso de garantir a participação das jovens nos encontros latino americanos e caribenhos. Das quatro jovens brasileiras presentes no 11º Encontro, duas eram nordestinas e duas

[47] Essas bolsas correspondiam a passagens, hospedagens e inscrições de quatro jovens feministas brasileiras no 11º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe.

paulistanas. A decisão de metade das vagas para as jovens feministas nordestinas e a outra metade para as jovens feministas de São Paulo parece revelar que nesse momento havia duas forças políticas regionais internas à ABJF.

Maria Flor comentou que as jovens feministas brasileiras viajaram para o México dias antes do 11º Encontro, para participar de uma reunião da REDLAC. A articulação com a REDLAC aconteceu a partir da Semana da Mulher Jovem, que havia acontecido em São Paulo, em 2008.

> Maria Flor: E eu também tinha falado sobre a REDLAC, que é uma rede latino-americana que trabalha com direitos sexuais e reprodutivos que trabalha com jovens. E aí tem muitas lideranças feministas, não só meninas, mas também meninos, rapazes. E aí por meio deu uma das integrantes dessa rede, que era Paloma[48], que participou da Segunda Semana da Mulher Jovem, que aconteceu em São Paulo, no final de 2008. Eu a conheci lá.

Conforme podemos observar a partir dessa e de outras falas, as jovens feministas de São Paulo cumpriam na ABJF o papel de articulação com diferentes redes nacionais e internacionais.

Sobre a experiência no 11º Encontro Maria Flor (PE) apresentou o seguinte:

> Maria Flor: e aí a gente foi pra esse evento e conseguimos fazer várias intervenções com aquela campanha que as meninas sempre faziam aqui que é "Jovens Feministas Presentes". Produzimos uma mega faixa e fizemos parte da mobilização final das jovens que fizeram uma carta que foi lida no final do evento criticando a postura da maioria das feministas mais velhas e muitas pessoas que estavam no evento e colocavam o feminismo como único, como se não tivesse a questão das jovens feministas, a questão das feministas negras e mesmo contrárias a participação de transexuais no evento – o que pra gente estava muito claro que seria um retrocesso por tudo que tinham conquistado no evento de 2005. Tavam querendo retroceder nisso. Então no final do evento teve uma reiteração dessas bandeiras e dessas especificidades através de cartas apresentadas por diversos segmentos de mulheres que se organizavam pra fazer isso. [...] Então rolou isso, assim, no final. E aí a gente conseguiu participar também, no final, no último ato político do evento, grafitando através de uma forma que criávamos com várias frases "feminismo não combina com machismo", por exemplo, "jovens feministas presentes", que era o nome de nossa campanha. Tínhamos várias plaquinhas com aquele material de raio-x e grafitávamos nas camisas das pessoas – o que fez até um certo sucesso.

Embora estivessem em bem menor número – se comparado à participação no 10º Encontro - as jovens feministas brasileiras esforçaram-se para manter uma atuação pró

[48] Nesta fala há trechos alterados com nomes fictícios.

ativa, similar a atuação das jovens feministas presentes no Encontro de 2005. Maria Flor e Gabriela não se referiram a nenhuma atividade da programação oficial proposta por jovens feministas, mas se referiram a articulações extra oficiais com jovens feministas de outros países – Peru, Chile, Honduras e, sobretudo, do México. Ao que parece, a partir do relato de ambas, a participação das jovens feministas no 11º Encontro foi marcada pela necessidade de consolidar internamente no movimento a importância das jovens como segmento.

Maria Flor e Gabriela relataram que, assim como no 10º Encontro, a participação das jovens feministas no 11º Encontro foi marcada por tensões entre mulheres de diferentes gerações. Elas apresentaram que houve algumas tentativas de feministas mais velhas de voltar atrás com relação à participação das jovens como segmento do movimento feminista. Sobre essa questão Maria Flor comentou o seguinte:

> Maria Flor: Foi um conjunto de questões. Aconteceu uma espécie de repressão até mesmo contra as feministas autônomas, assim. Eu lembro que tinha um conjunto de feministas que eram de uma identidade mais anarquista, que mesmo sendo um grupo de mulheres mais velhas, mas que tinham uma forma de organização diferente da maioria, que tinha a questão de ONG e tal. Então eram consideradas feministas autônomas. Eu não sei de onde partiu isso, mas a todo tempo chegavam comentários pra gente de pessoas que condenavam essa pluralidade de feminismos. Como se fosse uma fragmentação do próprio feminismo, como se o feminismo fosse uno. E por isso a contestação as jovens, as mulheres negras e todos os outros segmentos do feminismo. E, quanto às jovens, tinha muito essa questão. Isso é inclusive uma tensão que as jovens feministas provocam nesse feminismo mais histórico, digamos assim, mais clássico.. (risos) é justamente a participação de homens dentro do movimento. E, não necessariamente que esse Encontro tenha implicado nisso, mas pra as feministas mais velhas, as jovens feministas tinham se contaminado porque uma semana antes desse encontro Latino Americano, as jovens feministas estavam reunidas com os meninos e as demais jovens que faziam parte da REDLAC justamente pra discutir algumas coisas que iam acontecer no evento e também suas próprias bandeiras, porque eles sempre fazem suas reuniões anuais. Então tava tendo essa reunião antes do Encontro e por parte de algumas mulheres rolou esse tipo de comentário, que a gente estava reunidas com os homens e que teria uma contaminação pra um "feminismo puro", que não existe, ao meu ver.

A partir desta fala é possível observar que para algumas das feministas mais velhas presentes no 11º Encontro, as jovens feministas apresentavam uma ameaça para o movimento feminista, dentre outras questões, porque "fragmentavam o movimento" e dialogavam com homens.

A polêmica questão da relação das feministas com os homens é antiga para o movimento feminista. Para algumas feministas os homens são considerados inimigos, outras os consideram aliados estratégicos e outras ainda (em bem menor número) consideram a possibilidade de alguns homens serem legítimos militantes do movimento.

Como foi revelado no 10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe, a presença de transexuais nos espaços de grande importância política para o feminismo provoca tensões no movimento como um todo (ADRIÃO, 2008; ADRIÃO & TONELI, 2008). A problemática relacionada à militância das transexuais no movimento revela a dificuldade do feminismo de considerar legítimas sujeitos políticos do feminismo as pessoas que não nasceram com corpos do sexo feminino.

Importante lembrar que a participação nos Encontros Feministas Latino Americanos e do Caribe traz legitimidade para os distintos segmentos de mulheres, tendo em vista que nestes espaços se reatualizam as disputas internas e externas e as pautas políticas importantes a serem seguidas (ALVAREZ, 2003). Dessa forma, mesmo que as jovens tenham estado em minoria e sem muito espaço de debates institucionalizados, elas estavam presentes e podiam articular nos interstícios do encontro, nos espaços informais, relações e pautas.

4.6.12 ABJF entre os anos de 2009 e 2011

Maria Flor (PE) comentou sobre os anos seguintes à Segunda Semana da Mulher Jovem e ao 11º Encontro Feminista. Ela apresentou que em 2009 as jovens observaram que precisavam se encontrar novamente para refletir sobre o momento da ABJF e planejar novas ações. As jovens feministas se reencontraram no Encontro Mulher e Mídia, em São Paulo, e deliberaram que fariam uma nova tentativa de fortalecer a Articulação, conforme pode ser acompanhado no trecho de fala abaixo.

> Maria Flor: Então, depois desse racha (na Segunda Semana da Mulher Jovem) muitas meninas começaram a sair, seja porque estavam mais velhas, seja porque não se identificavam com o espaço. E aí a mobilização pra participar desse Encontro (Feminista) Latino Americano (e do Caribe) de 2009 possibilitou o reencontro dessas meninas. E nessa época também, eu lembro que em março de 2009, tava tendo o Encontro Mulher e Mídia, em São Paulo, e tinha muita jovem feminista do Ceará, por exemplo. E aí a gente acabou fazendo uma reunião lá e

> meio que se comprometeu a tentar fortalecer novamente a Articulação (Brasileira de Jovens Feministas).

Como um fruto desse comprometimento, as jovens feministas da ABJF se organizaram para lançar uma campanha. Abaixo Maria Flor comentou sobre a campanha 'Jovens Feministas pelos Direitos Sexuais e Reprodutivos', que foi financiada pelo Fundo Elas.

> Maria Flor: Sim, aí depois de 2009, desse Encontro (Mulher e Mídia), a gente tentou se reestruturar. Aí essas jovens que ficara, digamos assim, eu, Gabriela (Paraíba), a Laura, a Rosa, a Lila[49] (de São Paulo) e tinha também a Ana Regina (Espírito Santo), que já não era mais tão jovem, tava quase chegando aos 30, mas foi sempre muito parceira. Ela tava no momento embrionário da Articulação (Brasileira de Jovens Feministas). E aí começamos a reestruturar a Articulação pensando em projetos e tal. Em 2010 teve um projeto, que foi uma campanha com o Fundo ELAS, que foi sobre os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres jovens. E aí a gente conseguiu produzir uns adesivos, uns cartazes. E até circulou em larga escala nas organizações feministas do Brasil. Então a gente conseguiu distribuir, quando ia pra um evento falava sobre essas questões, levava o material da campanha e a gente também chegou a ter um site pra campanha rolando por um tempo. Mas aí quando acabou o financiamento do projeto a gente acabou não mantendo esse site. E aí isso foi em 2010.

Em 2011, após a elaboração e lançamento da campanha 'Jovens Feministas pelos Direitos Sexuais e Reprodutivos' e da avaliação do momento político da ABJF, Maria Flor (PE) e Gabriela (PB) observaram que seria estratégico propor um novo encontro com as jovens da ABJF e também fortaleceram as articulações locais entre jovens feministas. Ao apresentarem suas propostas para as demais jovens atuantes na Articulação, Maria Flor e Gabriela não encontraram parcerias. Nesse momento as jovens feministas de São Paulo estavam focadas em outro projeto.

> Maria Flor: Em 2011, Gabriela (PB) e eu estávamos tentando retomar com a Articulação (Brasileira de Jovens Feministas) e aí a gente tava tentando pensar em estratégias pra isso. Nos bastidores rolavam alguns comentários de frustração de alguns financiadores nossos, o UNFPA e a ONU Mulheres, de que a gente só pleiteava passagem pra participar de eventos, mas que a articulação não tinha conseguido se estabelecer localmente nas regiões e em alguns estados. Então a gente só marcava presença em alguns eventos nacionais e aí, enfim, houve essa crítica. E aí Gabriela e eu pensamos em um projeto que talvez fosse mais local, que a gente conseguisse dar conta com as nossas próprias pernas, porque tinham as nossas demandas pessoais e profissionais, com o aprimoramento profissional em andamento, eu terminando a faculdade e Gabriela já tinha terminado. E aí a gente queria pensar nesse projeto. Nessa mesma época a gente apresentou essa

[49] Nesta fala há trechos alterados com nomes fictícios.

> proposta de tentar fazer um reencontro das meninas da Articulação pra algumas meninas de São Paulo, Lila e Rosa[50].
> Raissa: e elas já eram a renovação das jovens de São Paulo? Não eram as mesmas que tavam no início, né?
> Maria Flor: sim. As jovens que tavam inicialmente, naquela época que comecei a fazer parte da articulação era Amanda Alecrim, Ana Débora e Shirley Helena. [....] mas quando a gente foi apresentar (a proposta de um reencontro da ABJF) pra Lila e pra Rosa, elas falaram pra gente segurar um pouco as pontas e disseram que ia ter uma surpresa e inicialmente foi essa a conversa, aí depois a gente ficou insistindo pra que elas falassem sobre o que se tratava - já na desconfiança que poderia ser um encontro nacional. Mas na verdade não era um encontro, era um seminário. E aí depois elas acabaram dizendo que era um seminário que elas organizariam e a gente ficou na maior expectativa que esse seminário pudesse ser um espaço de rearticulação de jovens, um espaço que iria trazer novas lideranças pra a ABJF. Mas aí elas falaram que esse não seria o espaço pra isso, de rearticulação dessas jovens, porque a proposta era fazer uma reunião de formação com jovens feministas do Brasil que se candidatariam e seriam selecionadas pra poder participar desse evento, que seria fechado e restrito por uma questão orçamentária.

A partir da fala de Maria Flor torna-se evidente que em 2011 houve ruídos na comunicação interna da ABJF e a relação entre as jovens das diferentes regiões, Nordeste e Sudeste, ficou bastante fragilizada. Este parece ter sido um novo momento de reconfiguração do que seria o 'nós' e o 'elas/eles' (MOUFFE, 2000) para as jovens feministas nordestinas. Nesse momento as jovens feministas de São Paulo, além de constituírem o 'nós' - no que se refere às jovens feministas como um todo - passaram a ser também 'elas' para as jovens feministas do Nordeste na medida em que as divergências entre esses grupos se evidenciaram. Enquanto as jovens feministas nordestinas almejavam um reencontro da ABJF para o fortalecimento interno da Articulação, as jovens feministas de São Paulo vislumbravam a realização de um evento cujo objetivo era a formação política de novas jovens feministas brasileiras que seriam selecionadas pelas jovens feministas de São Paulo.

Vale observar que em 2011 ocorreram três eventos importantes para a agenda das jovens feministas; a III Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, a II Conferência Nacional de Juventude e o 12º Encontro Latino Americano e do Caribe e que nenhuma das entrevistadas as jovens fez menção a esses eventos. Possivelmente as jovens feministas não estiveram presentes nesses eventos. Essa questão aponta para uma possível desmobilização da ABJF a partir deste ano, uma vez que estes podem ser considerados os

[50] Nesta fala há trechos alterados com nomes fictícios.

três espaços de maior importância política para as jovens feministas por serem os espaços legítimos de discussão com o Governo Federal, no que se refere às políticas para as mulheres e políticas para juventude, e de discussão de pautas e prioridades dos movimentos feministas latino americanos e caribenho.

4.6.13 I Seminário Nacional de Jovens Feministas - 2011, São Paulo, São Paulo

Conforme apresentado anteriormente, o I Seminário Nacional de jovens feministas foi organizado pelas Jovens Feministas de São Paulo e aconteceu na cidade de São Paulo em Agosto de 2011. Maria Flor (PE) comentou sobre os momentos que antecederam o I Seminário Nacional de Jovens Feministas e sobre a relação entre as jovens feministas nordestinas e as novas militantes de São Paulo.

> Maria Flor: Elas optaram por fazer esse evento numa estrutura de um hotel durante alguns dias na cidade de São Paulo e aí isso impossibilitava que fosse aberto pra todas as jovens. Então elas teriam que selecionar quais seriam essas jovens que estariam nesse evento. Então acabou sendo de uma forma atravessa, assim. Então, o curioso pra mim e que, de certa forma representou uma tensão entre Gabriela e eu - que estávamos representando o Nordeste naquela época - e Rosa e Lila, de São Paulo. E teve uma parte do evento... (pausa) Porque a Gabriela foi, mas eu não fui selecionada. Teve uma parte do evento que elas trataram, numa maior parte inclusive, sobre a ABJF, desde contando a história da articulação, até as intervenções que a gente fez, inclusive nesse Encontro Feminista, do México. Trataram muito tempo da Articulação, lançaram pra as meninas a proposta de demarcar mais essa questão de jovens feministas e de manterem contato, digamos assim. O que é muito estranho. É como se elas quisessem fazer uma articulação, mas sem ser através da ABJF. Mas a questão é justamente que elas reapresentaram a ABJF. Dos bastidores, das meninas que participara, eu ouvi alguns comentários depois. É como se elas tivessem dominado o processo, nesse sentido. [...] Por uma conversa que eu tive com Gabriela, ela disse que foi selecionada porque foi a única menina da Paraíba que se inscreveu.

Conforme pode ser observado nos trechos de fala destacados, tensões que estavam até então atenuadas tornaram-se mais evidentes a partir deste episódio. Vale lembrar que o campo interno aos movimentos é um espaço de busca por legitimidades e, portanto, é pautado por contínuas tensões (ADRIÃO, 2008; MAYORGA, s/d).

Gabriela (PB), citada na fala anterior, comentou sobre sua participação no I Seminário Nacional e sobre momento atual da ABJF.

> Gabriela: E aí, o ano passado teve esse Seminário (Nacional de Jovens Feministas), depois de muito tempo que a gente não tinha encontro nacional, teve um encontro nacional de jovens feministas lá em São Paulo. Mas aí foi uma coisa bem diferente, porque as personagens de antes não estavam mais inseridas e tipo só tava eu e mais umas duas ou três meninas, que militavam na Articulação (Brasileira) de Jovens Feministas. [...] E aí foi uma coisa muito São Paulo, sabe? São Paulo tá tentando resgatar esse movimento, São Paulo tá tentando retomar esse processo, com novas meninas e tal.

A partir do trecho de fala destacado é possível observar que tensões entre as jovens feministas nordestinas e as paulistanas - evidenciadas desde o planejamento do Seminário - ganharam maior força durante este evento. Desse modo, é possível concluir que não só a forma que foi planejado, mas a forma que conduzido o I Seminário fragilizou ainda mais o momento da ABJF.

4.7 Momento atual da ABJF

Em mais de uma entrevista as jovens feministas se referiam aos momentos finais da ABJF. Perguntei para todas elas se avaliavam que a Articulação não existia mais. Todas pareceram ter ficado embaraçadas com a pergunta e algumas delas comentaram que não haviam pensado sobre esse aspecto, apesar de utilizarem expressões como ‘ nos momentos finais’, ‘mais para o fim’, etc. Sobre essa questão, segue abaixo um trecho de fala de Maria Flor (PE).

> Maria Flor: A Articulação (Brasileira de Jovens Feministas) conseguiu ser bem sucedida em 2008, 2009, mas em meados de 2010 já começou a ter problemas pra manter a articulação dessas jovens. Tanto porque a maioria dessas jovens tavam ficando mais velhas e começaram a sair e a gente não teve pernas pra oxigenar novas jovens participando. Enfim, por diversos fatores.

Gabriela (PB) se referiu ao esforço que ela, Maria Flor e outras poucas jovens fizeram para manter a Articulação ativa.

> Gabriela: A gente tá em 2012.. (pausa) Acho que em 2010, comecinho de 2011 a gente meio que acabou né? Em relação ao âmbito nacional, de um coletivo forte, nacionalmente, sei lá, acho que até 2010, mais ou menos. Pra mim, pessoalmente, durante muito tempo eu segurei muito a Articulação, sabe? Eu e Maria Flor, de Recife, e Laura, de São Paulo. Laura ninguém mais acha, ninguém mais sabe onde ela tá, mas ela foi uma peça fundamental dentro desse processo. Acho que nós três, a gente segurou muito. E também Ana Regina, do Espírito Santo. [...] Eu acho que o momento atual é esse, é um momento de, tipo, muito saudosismo. Sinceramente falando, é muito saudosista falar sobre isso. Mas eu não acho que a gente existe mais coletivamente forte. Eu não tenho mais

> coragem de me colocar - eu nem tô no Brasil - de me colocar num espaço político dizendo que eu faço parte da ABJF, porque não existe mais, de verdade, assim. E aí pra te falar o que tá acontecendo nesse momento, pelas feministas de São Paulo, que ainda resistem, elas tão com, tipo, três meninas. Duas que fizeram parte há anos atrás e duas novas. São quatro. E aí elas tão tentando recriar, elas tão tentando reimpulsionar essa coisa do coletivo de jovens e essa identidade política de jovem. Mas, pra te falar sinceramente, eu acho que não existe mais muita coisa, sabe?

No trecho de fala destacado Gabriela afirma que grupos de diferentes estados sentiram dificuldade de renovar o movimento das jovens feministas e evidencia que apenas Coletivo de Jovens Feministas de São Paulo está conseguindo manter – ainda assim, com um grupo reduzido se comparado a momentos anteriores do próprio Coletivo paulistano.

Através das entrevistas realizadas foi possível identificar que a ABJF não tem mais atuado como articulação que aglutina jovens feministas brasileiras. A campanha 'Jovens Feministas pelos Direitos Sexuais e Reprodutivos', lançada em 2010 com o Financiamento do Fundo Elas, parece ter sido a última ação da ABJF até então. Entretanto, apesar do momento atual ser de paralisação das ações políticas das jovens feministas, não é possível apontar um fim da ABJF. Importante destacar que não só as jovens feministas, mas também outros segmentos do movimento feminista e grupos dos demais movimentos sociais passam por momentos de diminuição ou paralisação das atividades e isso pode não significar a extinção dos segmentos ou grupos (COSTA, 2005).

4.8 Contribuições das jovens feministas para o feminismo brasileiro

Dentre as contribuições das jovens feministas para o movimento feminista, Flavinha (PB) se refere à novidade de pensar sobre diferentes gerações. A fala abaixo aborda essa questão.

> Flavinha: [...] porque antes das jovens eu acho que não se discutia geração no feminismo – não que eu lembre. E aí eu tô falando de uma forma geral. Porque, por exemplo, discutir a questão da velhice, das mulheres idosas, também é uma coisa nova e surge com essa discussão da geração. E não era a nossa proposta e nem foi a gente que veio discutir isso não. Eu não tô dizendo que foi a gente que foi colocar em pauta a questão da terceira idade, não é isso. Mas as jovens trazem a discussão da geração e eu acho que isso estimula as mulheres mais velhas a se colocarem como tal.

Conforme Flavinha apresenta, as jovens feministas foram o primeiro segmento do movimento feminista a se apresentar a partir de uma marcação geracional. Esse alerta das jovens indicou que apesar dos esforços após a década de 1990 para que a pluralidade de segmentos fosse viabilizada no movimento feminista, nos anos 2000 ainda havia hierarquizações internas ao movimento e estas, além de passar por questões de raça, classe e orientação sexual, também passavam por questões geracionais.

No que se refere às contribuições das jovens feministas para o próprio segmento das jovens feministas, Gabriela (PB) faz as seguintes considerações:

> Gabriela: Eu acho que agora o que a gente tem concretamente são os frutos, sabe? Porque a gente conseguiu impulsionar muitos coletivos, muitas meninas que escreviam blogs começaram a usar o termo jovem feminista. Esse termo jovem feminista foi a gente que criou, sabe? Aconteceu depois desse processo e tal, então eu acho que a gente tem esses frutos, a gente tem essa categoria de jovem feminista posta no movimento. A gente tem muitos grupos que vieram depois, até do fim da Articulação e que se colocam como jovem feminista sabe? A gente tem ainda essas meninas que.. Uma lá no Rio de Janeiro, a outra lá em São Paulo, no Espírito Santo ainda tem esses grupos de base, locais, que tem identidade política de jovem feminista e tal. Concretamente pra mim o mais importante foi a gente conseguir criar uma identidade de jovem feminista, sabe? Eu acho que, sinceramente, se tem alguém que se coloca como jovem feminista dentro do Brasil, que se acha uma jovem feminista, veio desse processo da Articulação, veio dessa nossa criação de redes, dessa nossa criação política e tal, eu acho que esse é o momento atual das jovens.

Desse modo podemos observar que a articulação das jovens feminista possibilitou o fortalecimento de grupos de jovens feministas de diferentes regiões do Brasil. Além disso, segundo Maria Flor (PE), alguns grupos de jovens feministas puderam apresentar ao movimento formas mais leves de militar pelo feminismo, como pode ser observado no trecho de fala abaixo.

> Maria Flor: eu acho que essas meninas do Ceará não devem estar também tão atuantes como coletivo de jovens feministas, mas algumas integrantes formaram o Tambores de Safo, que é um grupo percursionista, mas também trabalha feminismo. Então eu acho que foram encontrando formas mais leves de trabalhar feminismo, do que aquelas formações e encontros estritamente políticos que a gente tinha antes.

Como podemos observar a partir das falas acima o segmento das jovens feministas apresenta contribuições para o movimento feminista como um todo uma vez que propõe

continuidade para o movimento, contribui com reflexões sobre questões geracionais e apresenta novas possibilidades ação política.

4.9 Ações das jovens feministas em Pernambuco, na Paraíba e no Ceará

4.9.1 Ações das jovens feministas de Pernambuco

Conforme apresentado no segundo capítulo, desde o ano de 2011 tive oportunidade de me aproximar do Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco como jovem feminista e pesquisadora. Em uma das reuniões em que estive presente, as jovens me entregaram um painel onde estavam registrados todos os momentos que elas consideravam importantes na trajetória política do Coletivo. A partir desse painel, construí o quadro do Anexo IV.

Como pode ser observado no quadro acima referido, o Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco teve uma agenda permanente de ações entre os anos de 2004 e 2010. Abaixo apresentarei algumas questões sobre o Coletivo trazidas durante as entrevistas pelas jovens pernambucanas Flavinha e Maria Flor.

No que se refere às formas de organização interna do Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco, ambas me relataram que o Coletivo passou por diferentes fases. Algumas jovens feministas participaram pontualmente do coletivo, outras permaneceram mais tempo e vivenciaram diferentes fases. Flavinha e Maria Flor comentaram que este nunca foi um grupo formado por muitas pessoas e que as jovens feministas se organizavam através de um grupo colegiado, ou seja, sem nenhuma liderança, representante ou coordenadora. Sobre a dinâmica do grupo das jovens feministas Flavinha (PE) comentou o seguinte:

> Flavinha: a gente tentava fazer as agendas de acordo com as demandas. Teve um momento que a gente se encontrava semanalmente, toda semana a gente tinha reuniões pra discutir as questões internas do grupo e as nossas ações. Tanto pra discutir os espaços de representatividade que a gente tava, no Fórum de Mulheres (de Pernambuco) e outros espaços, como também pra discutir futuras ações, os projetos dos encontros nacionais e projetos nossos mesmo. Mas isso também variava, teve momentos que a gente se reunia de 15 em 15 dias. Isso dependia muito das demandas que a gente tinha enquanto grupo e também das agendas de todo mundo, quando todo mundo tava podendo, ou não. Nós nunca fomos um grupo de muitas pessoas, de muitas jovens. Fora os encontros que a

> gente realizou, que foram dois, foram muitas pessoas, que a gente tava esperando, né? Nossas reuniões mesmo, raramente chegaram a ter 10 pessoas.

Quando perguntei sobre principais ações do grupo, Flavinha e Maria Flor se referiram aos projetos realizados pelas jovens. Flavinha comentou sobre essa questão:

> Flavinha: as ações dos projetos foram importantes, sim, claro, até porque deu um gás no grupo, mesmo sendo pouco recurso e muito trabalho, conseguir aprovar um projeto num fundo concorrido que muita gente tava concorrendo, era uma vitória pra gente. A gente comemorava e tal, era uma coisa legal. Mesmo a gente penando depois pra prestar contas, fazer tudo nos conformes dentro de todos os formulários que eles exigiam. Então foram conquistas e foram ações importantes pra o grupo e pras ações do Coletivo.

Dentre os principais projetos realizados estão o Encontro "Juventude: feminismo no exercício da autonomia", em parceria com o SOS Corpo[51], que ocorreu no ano de 2006 e reuniu cerca de 100 jovens pernambucanas; o Projeto "O impacto da Lei Maria da Penha sobre a vida das jovens mulheres das regiões periféricas de Recife", que aconteceu no ano de 2008, com o apoio do Fundo Ângela Borba; o Projeto "Discutindo e articulando as juventudes numa perspectiva feminista", que foi realizado no ano de 2009 e contou com o apoio do Fundo de Apoio das Organizações Juvenis da Rede de Jovens do Nordeste; e o Projeto "Trilha dos Direitos: uma reflexão sobre gênero, saúde e direitos sexuais e reprodutivos", que aconteceu no ano de 2010 e contou com o apoio da ONG FASE.

Quanto às principais parcerias do movimento feminista, Flavinha e Maria Flor se referem ao Fórum de Mulheres de Pernambuco, às ONG SOS Corpo, Grupo Curumim, Gestos e Graúna[52]. Ambas destacam, sobretudo, as parcerias com o SOS Corpo e o Grupo Curumim, que cediam suas sedes e CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) para que

[51] Vale lembrar que foi o SOS Corpo que em 2009 promoveu o curso "Feminismo: da intenção ao gesto", onde conheci o Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco.

[52] Conforme apresentado anteriormente o Fórum de Mulheres de Pernambuco articula diferentes grupos feministas e de mulheres do estado de Pernambuco. O SOS CORPO - Instituto Feminista para a Democracia, que se propõe a contribuir para a democratização da sociedade brasileira por meio da promoção da igualdade de gênero com justiça socioambiental. O Grupo Curumim é uma organização feminista que desenvolve projetos de fortalecimento da cidadania das mulheres e atua, principalmente, nas áreas de direitos humanos, saúde integral, direitos sexuais e reprodutivos, lutando pela igualdade étnico-racial e de gênero, pela justiça social e pela democracia. A Graúna - Juventude, Gênero, Arte e Desenvolvimento é uma organização feminista que atua nos campos da educação e da cultura. A ONG Gestos tem por objetivo defender os direitos humanos das pessoas soropositivas para o HIV e das populações vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis e ao vírus que provoca a AIDS. Ver Anexo V.

o Coletivo pudesse realizar ações e disputar financiamentos. Sobre a relação das jovens feministas com essas ONG Flavinha apresentou o seguinte:

> Flavinha: a gente chegou a utilizar o CNPJ do Curumim, porque era mais fácil o diálogo, porque eu tava lá, trabalhava no Curumim. A gente chegou a utilizar o CNPJ do Curumim pro Fundo Ângela Borba. A gente teve poucos projetos financiados, dois ou três projetos mesmo que a gente escreveu, submeteu e foi aprovado. Um foi o que eu te falei do feminismo e direitos sexuais e reprodutivos, com grupos de jovens que não discutiam a questão, o outro com o Fundo Ângela Borba, que foi sobre a lei Maria da penha. A lei tinha acabado de ser aprovada e a gente escreveu um projeto pra divulgação e discussão nos espaços escolares, onde tinham jovens e a gente fez um vídeo também, um documentário sobre a lei Maria da Penha. E um outro projeto, que foi um fundo da Rede de Jovens do Nordeste, que esse a gente não precisou de CNPJ. Porque foi do fundo da rede de jovens do Nordeste e eles já sabiam de todas as dificuldades pra um grupo de jovens que não tinha CNPJ e não tinha sede conseguir financiamento. Então o recurso chegava direto na conta de uma das integrantes, que eu acho que foi na conta de Marina[53], mas a gente teve que ralar. A gente não entendia nada e a prestação de contas era muito burocrática, muitos documentos eles não aceitavam a nota fiscal. Era bem difícil mesmo e a gente não tinha experiência, foi fazendo na maluquice.

Interessante observar que, por mais que tenha havido um maior incentivo por parte do Governo Federal e de fundos internacionais para ações que estimulassem a atuação política de jovens, estes incentivos ainda podem ser considerados frágeis, na medida que não se adaptaram às formas de organizações juvenis. Por exemplo, a maioria dos editais para projetos exigem CNPJ e essa exigência inviabiliza a autonomia das(os) jovens que querem submeter projetos a editais e passam a depender do 'empréstimo' do CNPJ de uma instituição parceira.

Sobre o Encontro "Juventude: feminismo no exercício da autonomia" e a relação com o SOS Corpo, Maria Flor comentou o seguinte:

> Maria Flor: Aí, nesse ano que eu entrei (2006), o SOS corpo.. (pausa) Porque as meninas acabavam se reunindo lá, né? Aí a gente tinha a idéia de ir se reunindo em lugares diferentes, mas como nem sempre as agendas batiam, aí então a gente definiu que iam ser encontros quinzenais, aí a gente decidiu que iam ser encontros no SOS Corpo, já que disponibilizavam um espaço pra gente se reunir. Aí, mais uma vez o SOS tinha um recurso e queriam fortalecer as jovens, porque queriam sempre estar oxigenando o Fórum de Mulheres, né? E eu acho que naquela época as mulheres de bairro começaram a participar, o que mudou um pouco o perfil do Fórum. Tavam querendo diversificar esse perfil do Fórum e com isso também investir nas jovens. E aí tinham um recurso pra fazer um encontro e apresentaram uma proposta pras as jovens feministas. E aí deram esse

[53] Nesta fala há trechos alterados com nomes fictícios.

> recurso pra gente, pra gente fazer um encontro. Aí assim, não era um encontro que foi tutelado, foi um encontro realmente organizado pelas jovens feministas, mas que teve o acompanhamento do SOS, que era quem tava repassando o recurso. Aí a gente decidiu tudo do encontro; a metodologia, quem ia facilitar as oficinas que iam ter. E a gente também queria diversificar, já tinha aquela idéia de feminismo múltiplo. Então tinha uma atividade de gênero e hip hop, por exemplo, que aí já tinha um grupo aqui em recife, as rosas urbanas, que trabalhavam com mulheres e a gente achou interessante. Gênero e política, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. Aí a gente trabalhava com essas pautas que a gente achava interessante. Aí a gente bolou a estrutura, corremos atrás de alimentação, porque era um encontro que aconteceu em Camaragibe, num convento que tem lá em Camaragibe. Aí tinha alimentação, tinha passagem...
> Raissa: tinham quantas pessoas nesse encontro?
> Maria Flor: eu acho que no encontro chegaram a ir quase 100 meninas.

Da forma que Maria Flor apresentou este Encontro parece que a própria idéia de realizar um evento partiu do SOS Corpo. Maria Flor comenta que não foi uma atividade organizada pelas feministas do SOS Corpo e por esse motivo não se configura uma relação de tutela. Por outro lado, a própria jovem se refere a um monitoramento da organização que financiou o Encontro o que sugere uma relação hierarquizada. Esta relação nos remete mais uma vez a realidade geral que já foi relatada. As questões de gênero e geração continuam se entrecruzando e evidenciando hierarquizações internas através da figura das jovens feministas (ADRIÃO, 2008, 2011; ZANETTI, 2010, 2011).

Maria Flor se refere abaixo às dificuldades de não ser um grupo institucionalizado.

> Maria Flor: bom, dos coletivos que eu lembro, tinha essa questão financeira, que era você ter uma instabilidade. Por que, assim, a opção por ser um coletivo, garante uma certa autonomia pra as jovens, a gente não queria mais o status de representação, por exemplo. Como inicialmente era um espaço de representação e a gente não quis mais ser um espaço de representação dessas organizações (SOS Corpo, Curumim, Gestos e Graúna) pra não sofrer influência delas e queria garantir essa autonomia, mas ao mesmo tempo, ter autonomia significava não ter CNPJ, o que significava não ter acesso a recursos e se não tinha recursos, não tinha uma sede própria, não tinha grana pra poder garantir as atividades, as ações educativas, ou pra fazer intervenções, ou mesmo grana pra conseguir passagem. Então tinham muitas jovens que vinham de um contexto, como eu vinha, por exemplo, de uma periferia e nem sempre tinha grana pra a passagem.

Como pode ser observado no trecho de fala acima, as questões relacionadas à institucionalização e financiamento das ações - sejam estas ações grandes projetos ou reuniões ordinárias do Coletivo – são de grande importância para a discussão sobre as possibilidades de ação políticas das jovens feministas. O debate sobre a importância do

financiamento dentro do movimento feminista também foi uma questão bastante discutida a partir do que alguns autores chamaram de onguização dos movimentos sociais latino americanos (ALVAREZ, 1998). Particularmente no movimento feminista as ONG possibilitaram a organização do movimento, através da contratação de pessoal, de construção de projetos e da conquista de financiamentos nacionais e internacionais. Este cenário persiste e as jovens feministas se inserem nele com poucas possibilidades de atuação autônoma.

4.9.1.1 Movimento de juventude em Pernambuco (2001- 2010)

Conforme já foi apresentado, um dos meus informantes chave da pesquisa foi Felix Aureliano. Ele foi Gerente de Juventude do Governo do Estado de Pernambuco e também foi o primeiro presidente do Conselho Estadual de Juventude - entre os anos 2007 e 2010. Além disso, Felix militou pelo movimento de juventude nos anos 2000 através do MAIS (Movimento Ação e Identidade Socialista), uma corrente interna do Partido dos Trabalhadores (PT) formada no ano de 2005 e composta prioritariamente por jovens[54].

Ao longo da entrevista Felix Aureliano me apresentou um panorama sobre as políticas para juventude no estado de Pernambuco. Segundo Felix, as primeiras ações voltadas para a juventude ocorreram no Governo Jarbas – PMDB (1999-2006), no início dos anos 2000. Nessa época foi criada uma Diretoria de Juventude na Secretaria de Desenvolvimento Social. A principal atividade dessa diretoria era a organização do 'Festival da Juventude'. Após o Governo Jarbas, no ano de 2007, foi criada pelo Governador Eduardo Campos – PSB (2007-atual) a Secretaria de Juventude e Emprego e a partir dessa Secretaria foi criado o Comitê Intersetorial de Juventude, que era ligado à própria Secretaria de Juventude e Emprego, mas também a secretaria da Mulher, Secretaria de Cultura, Secretaria de Educação, entre outras. No ano seguinte, em 2008, foi criado o Conselho Estadual de Juventude, um conselho de caráter consultivo que deveria ser composto com membros da sociedade civil e do governo.

[54] Fontes: www.maispt.org e www.facebook.com/maispt/info

Felix Aureliano apresentou que muitos dos membros da sociedade civil que passaram a compor o Conselho eram oriundos de um grupo de discussões sobre juventude , o Roda de Diálogos, que aglutinava diferentes grupos formados por jovens entre os anos 2000, 2001 e 2002. Segundo Felix, compunham a Roda de Diálogos grupos formados por jovens feministas, jovens ambientalistas, jovens rurais, jovens do movimento estudantil, juventude partidária, jovens *skatistas*, jovens do hip hop, jovens indígenas, jovens quilombolas e jovens com necessidades especiais.

De acordo com Felix, as ONG parceiras dos movimentos de juventude[55], que articulavam os grupos juvenis para a Roda de Diálogos eram a ONG ETAPAS, a Escola de Formação Quilombo dos Palmares e a ONG Serta e contavam com o apoio financeiro da Fundação Kellogg – uma fundação americana. Segundo ele, essas ONG facilitavam o processo de articulação numa perspectiva de autogestão, estimulando a atuação política dos grupos juvenis.

A partir desse cenário, é possível observar que em Pernambuco as discussões e ações voltadas para a juventude estavam em um momento de efervescência nos anos 2000. Esse cenário político contribuiu e também recebeu muitas contribuições das ações políticas das jovens feministas. Sobre a participação das jovens feministas no Conselho Estadual de Juventude Felix Aureliano comentou o seguinte:

> Elas tavam acompanhando as políticas e meio que tentavam adequar a agenda feminista a essa agenda de políticas para juventude. As meninas, as mulheres, elas conseguiam traduzir essa agenda para o ambiente juvenil. Eu acho que elas faziam isso muito bem. Conseguiam através do diálogo. Na Conferência (de Políticas para Juventude) apresentaram demandas específicas das jovens mulheres e no Conselho (Estadual de Juventude) a mesma coisa. Eu vejo o papel delas como importante.

[55] A Escola de Formação Quilombo dos Palmares tem como objetivo contribuir para construção de conhecimentos a respeito da realidade e das transformações na Região Nordeste do Brasil através da educação popular no caminho de uma proposta democrática e popular para o Brasil. A ONG ETAPAS trabalha junto comunidades do Recife com o objetivo de fortalecer espaços coletivos de diálogos envolvendo diferentes segmentos sociais e políticos. Entre as principais temáticas de interesse estão: gestão e controle social, meio ambiente, economia popular e solidária, juventude, gênero, etnia e reforma urbana. O Serta – Serviço de Tecnologia Alternativa – é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) que tem como missão formar jovens, educadores/as e produtores/as familiares, para atuarem na transformação das circunstâncias econômicas, sociais, ambientais, culturais e políticas, na promoção do desenvolvimento sustentável do campo. Ver Anexo VI.

Flavinha (PE) também me apresentou suas considerações sobre a participação das jovens feministas no Conselho Estadual de Juventude, conforme pode ser acompanhado abaixo:

> Flavinha: Só após a I Conferência de Juventude foi que a gente conseguiu estabelecer o Conselho Estadual de Juventude e nesse Conselho, com muita briga, porque todo mundo queria, né? Inicialmente eram 30 cadeiras, 15 do governo e 15 da sociedade civil. Era impossível 15 da sociedade civil se a gente tinha mais de 30 segmentos organizados de juventude. Então foi uma briga, aquela coisa toda pela questão das vagas e de tudo. Até conseguir o diálogo com o governo e aumentar pra 54 representantes, metade do governo, metade da sociedade civil. E nesse da sociedade civil pra gente conseguir garantir que uma das cadeiras fosse de mulheres jovens titularidade e suplência[56], porque tiveram movimentos que a mesma cadeira, a titularidade era de um segmento e a suplência era de outro segmento, pra poder conseguir abarcar, mas a gente conseguiu que a nossa cadeira de mulheres jovens fosse titularidade e suplência do mesmo segmento, mulheres jovens. Então assim, eram coisas que a gente fazia sem recurso financeiro, a gente fazia por vontade própria mesmo, por gana. E a gente fazia bem. Eu acho que em Pernambuco, especialmente nessa discussão de juventude, do Conselho e tal, como não existia, foi um processo muito tenso, de muita disputa, todo mundo queria ir pra Conferência Nacional, todo mundo queria tá no Conselho, várias coisas assim que eram difíceis de negociar.

O Conselho Estadual de Juventude passou a ser o espaço legítimo para se discutir juventude em Pernambuco, sendo assim, os grupos juvenis do estado entraram num processo de disputa interna para garantir seus representantes no Conselho. Garantir uma cadeira (e suplência) para as mulheres jovens foi uma importante conquista para as jovens feministas pernambucanas.

Além das conquistas internas no espaço do Conselho Estadual de Juventude, como a garantia de duas cadeiras para as mulheres jovens, a parceria com o Conselho garantiu a participação das jovens feministas pernambucanas no I Encontro Nacional de Jovens Feministas, em 2008. Segundo Flavinha, foi através do Conselho que as jovens conseguiram um ônibus para viajar para o Ceará.

Conforme apresentado no início desse capítulo, desde 2001 mulheres jovens passaram a participar da coordenação colegiada o Fórum de Mulheres de Pernambuco e desde 2005 as jovens feministas se apresentaram ao Fórum como um novo segmento do movimento feminista. No ano de 2008 as jovens feministas passaram a ter acento garantido

[56] As jovens feministas passaram a ter acento no Conselho Estadual de Juventude no ano de 2008.

no Conselho Estadual de Juventude e em 2010 passaram a participar da coordenação do Fórum enquanto segmento. Como pode ser observado, a partir desses percursos, as jovens feministas pernambucanas puderam construir um importante percurso entre os anos de 2005 e 2011 no estado de Pernambuco e, dessa forma, tanto militaram de forma ativa pelo movimento feminista como pelo movimento de juventude.

4.9.2 Ações das jovens feministas da Paraíba

Gabriela (PE) foi minha informante sobre a militância das jovens feministas na Paraíba. No que se refere à organização internado grupo paraibano ela apresentou o seguinte:

> Raissa: Pensando agora no Coletivo de Jovens da Paraíba, como é que esse grupo se organizava? Vocês tinham reuniões ordinárias, com uma certa frequência ou era a partir de demandas, como é que era?
> Gabriela: A gente tinha uma reunião semanal e depois passou a ser quinzenal né? A gente tinha.. (pausa) Primeiro a gente tinha discussões internas do grupo, e tal, como é que a gente se organizava, porque as jovens nacionais, elas tinham umas demandas. Assim, por exemplo, se dividir por temática, sabe? Sei lá você tem uma questão de discurso político mais ligado a questão LGBT, você tem um discurso político mais ligado a igualdade racial, então a gente meio que se dividia em pautas, e aí a gente tinha essas reuniões semanais pra gente saber o que tava acontecendo sobre o movimento LGBT, ou o que é que tava acontecendo em relação a violência e tal. E aí a gente ia se dividindo em ações e o grupo de estudo, né? A gente passou um tempo fazendo um grupo, muito importante isso, a gente estudou muito. Tem uma feminista acadêmica na Paraíba chamada Glória Rabay[57], e ela foi super importante pra gente, ela direcionou a gente pra muitas teorias que a gente não conhecia muito bem, como Teoria Queer e estudar um pouco sobre a história do movimento e como é que surgiu isso na Europa. Então a gente teve um processo acadêmico também bem forte.

Como principal organização parceira do Coletivo de Jovens Feministas da Paraíba, Gabriela cita a Cunhã Coletivo Feminista[58]. Sobre a relação com a Cunhã e com o movimento feminista paraibano Gabriela fez as seguintes considerações:

> Gabriela: A gente tinha muita parceria com o movimento local em relação a isso, sabe? Sempre tinha uma pessoa pra fazer um processo de estudo com a gente e tal, sei lá, tem um coletivo que tá se reunindo pra entregar uma carta num sei

[57] Gloria Rabay é professora adjunta da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desde 1985. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestra em Sociologia (1992) e Graduada em Comunicação Social pela UFPB (1982). Fonte: http://lattes.cnpq.br/0479694352894279

[58] A Cunhã Coletivo Feminista é uma organização não governamental que tem como missão defender a igualdade de gênero, tendo como referências os direitos humanos, o feminismo, a justiça social e a democracia. Ver Anexo V.

> aonde, então sempre tem uma vaga pra jovem, sabe? A gente tinha uma vaga em qualquer coisa que fosse do movimento dentro da Paraíba, assim.

Nos trechos de fala acima destacados é possível observar que as jovens feministas da Paraíba reconheciam a importância de garantir uma formação teórica feminista para o grupo. Interessante observar ainda que Gabriela atribui a outras pessoas (seja da academia, seja do movimento) a possibilidade de garantir essa formação. Em nenhum outro momento da entrevista Gabriela se refere à possibilidade de uma formação entre pares.

No que se refere às fontes de financiamento das jovens feministas da Paraíba Gabriela apresenta o seguinte:

> Gabriela: Às vezes, por exemplo, a gente participou de alguns encontros como Jovens Feministas da Paraíba e financiadores financiavam passagem, hospedagem e tal, mas dentro do Coletivo em João Pessoa era autogestionado.
> [...] G: A gente nunca conseguiu um projeto lá em João Pessoa, a gente nunca conseguiu um projeto assim, financiado por órgãos públicos ou por organizações e tal.
> [...] R: E na Paraíba não? Nem com organizações feministas?
> G: Não, na Paraíba não. Assim, o tempo que a gente tava ativa, eu não me recordo de nenhum projeto. Uma vez a gente foi até um, tipo, uma coisa bem desagradável, a gente fez um encontro de formação política interno, só do grupo e tipo a gente ia ter um auxilio de alimentação do governo municipal que nunca chegou, sabe? Uma coisa bem tosca, assim, mas a gente nunca teve. Em João Pessoa, na Paraíba, nunca rolou isso.
> R: Da Cunhã também não?
> G: Não, muita ajuda, assim, tipo materiais. Se a gente tinha uma reunião, tinha um encontro a gente podia sempre contar com materiais, sabe? Cartolina, num sei o que, recursos humanos, como eu te falei, Glória Rabay que dava formação pra gente.Tinha essas outras feministas do Cunhã que sempre davam um auxílio teórico e acadêmico, mas financeiro mesmo, a gente nunca recebeu.

Como podemos observar a partir da fala acima, o cenário político da Paraíba no momento da atuação do Coletivo de Jovens Feministas era muito diferente do contexto de Pernambuco. Ao longo da entrevista Gabriela se referiu por mais de uma vez a essa questão. As parcerias com o movimento feministas eram bastante restritas e as próprias ONG paraibanas não tinham muitos recursos. Além disso, a relação com órgãos estatais era inexistente, uma vez que não havia nenhuma abertura através do município de João Pessoa, nem mesmo do Governo do Estado da Paraíba.

Quanto às principais ações do Coletivo paraibano, Gabriela se referiu à participação das jovens feministas nas etapas municipal e estadual das Conferências de Políticas para as Mulheres.

> Gabriela: Eu acho que na Paraíba que eu acho que a gente tava mesmo muito forte, muito inserida foi na (Conferência) de Mulheres, que a gente participou municipal e estadual e âmbito nacional, mas as outras.. (pausa) O movimento da Paraíba é super caidinho, sabe? Eu tenho que dizer isso, então é difícil, por isso que eu tô te falando dessa coisa do paralelo entre a militância local e militância nacional. Pra mim, pessoalmente, logo depois do Fórum Social Mundial eu já parti pra militância nacional, sabe? Então muita coisa, tipo, mobilizações, tipo, de rua, encontros, tipo encontros de mulheres na Paraíba, num sei o que, a gente sempre tava participando mas, é difícil ter uma militância forte, uma militância exata como a gente tá planejando dentro da Paraíba. O movimento tava muito caído, muito devagar e tal.

Como Gabriela apresentou no trecho de fala acima, a militância do Coletivo de Jovens Feministas da Paraíba, diante do cenário do movimento feminista e de juventude local, priorizou a militância nacional. Gabriela relatou em entrevista que na época em que militou como jovem feminista o Coletivo paraibano se reunia com o objetivo de se fortalecer internamente através das formações políticas e teóricas e que a atuação destas jovens se deu, prioritariamente, em âmbito nacional, através da Articulação Brasileira de Jovens Feministas[59].

4.9.3 Ações das jovens feministas do Ceará

No que se refere à militância das jovens feministas cearenses, Silvana (CE) foi minha principal interlocutora. Quando perguntei sobre organização interna do Coletivo de Jovens Feministas do Ceará obtive a seguinte resposta:

> Raissa: então não existiu um coletivo de jovens feministas que se articulou, tinha reuniões ordinárias?
> Silvana: nós tínhamos, o problema é que dispersou geral. Nós tínhamos uma organização e nós éramos inclusive nós éramos de vários partidos políticos. O que eu mais me questionava, Raissa, na época, era: "nós vamos disputar o que, se nós não temos agenda? Nós vamos conseguir o que se não temos uma jovem mulher no conselho nacional de políticas pras mulheres?" Então se a gente não

[59] Se pensarmos nas relações micro e macro o movimento feminista paraibano, pela proximidade com Pernambuco, por muitos anos ficou a reboque deste estado. Dessa forma, as grandes ações do movimento feminista da Paraíba e de Pernambuco eram realizadas conjuntamente e, geralmente, puxadas por Pernambuco (ADRIÃO, 2008). Essa relação remete a uma questão territorial e pode revelar hierarquizações dentro da mesma região, a Nordeste.

> se apoiar aqui, se a gente não formar um corpo, nós vamos ser engolidas, sempre. Essa era pelo menos uma questão que eu mais questionava as meninas, que eu mais brigava, que eu mais dizia.

Ao que parece, o I Encontro Nacional de Jovens Feministas movimentou bastante a militância local das jovens feministas cearenses, entretanto, após esse encontro, estas jovens não mantiveram uma agenda permanente e não realizaram conjuntamente nenhuma outra ação.

Vale observar, entretanto, que segundo Maria Flor (PE), o Tambores de Safo, um grupo de percussão feminista formado em 2010 por mulheres jovens que propõem intervenções político-culturais a partir de uma consciência negra, lésbica e bissexual, foi um grupo formado por jovens feministas oriundas do Coletivo de Jovens Feministas do Ceará. De acordo com Maria Flor, essas jovens feministas buscaram formas mais leves e criativas me militar pelo feminismo. A atuação política das jovens feministas do Tambores de Safo dialoga com a experiência que Cássia Donato (2012) apresentou sobre as Negras Ativas, um grupo de *Hip Hop* de Minas Gerais formado por mulheres jovens feministas que através do *rap* problematizam questões de raça, classe e gênero.

Conforme é possível observar ao longo de todo o capítulo, desde os anos 2000 o movimento feminista vem ganhado novas formas de atuação política. Além do surgimento dos coletivos de jovens feministas e de grupos culturais que abordam questões feministas através da arte, novas manifestações coletivas podem ser observadas não só no canário brasileiro, como em diferentes países. Como apresenta a reportagem "O novo feminismo" da revista Istoé[60], a Marcha das Vadias, tornou-se um fenômeno desde 2011.

Segundo a reportagem, a Marcha das Vadias ocorreu em cerca de 200 cidades de países como Índia, África do Sul, Austrália, Alemanha e Brasil. Ainda de acordo com a revista, o movimento foi criado em 2011, na cidade de Toronto - Canadá, depois que um policial aconselhou mulheres a não vestir certas roupas para não serem estupradas. Interessante observar que em menos de um ano esse fenômeno alcançou proporções outrora inimagináveis. A Internet viabilizou a rápida comunicação entre mulheres e

[60] Revista *Istoé Comportamento*, N° Edição: 2224, publicada em 22 de junho de 2012. Fonte: http://www.istoe.com.br/reportagens/216256_O+NOVO+FEMINISMO

homens, sobretudo jovens, que estiveram presentes nas Marchas das Mulheres que ocorreram nos anos de 2011 e 2012 em cidades de diferentes países. Conforme aponta Machado (2007), os estudos sobre os movimentos sociais contemporâneos precisam estar mais atentos as novas possibilidades de atuação política de militantes que são acionados através de redes socais virtuais.

Com foco na atuação política das jovens nordestinas busquei, através desse capítulo, resgatar algumas das trajetórias percorridas pelas jovens feministas brasileiras nos anos 2000, tendo em vista os processos de formação política destas e suas possibilidades de militância interna e externamente ao movimento feminista. No capitulo seguinte apresentarei as considerações finais deste texto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo esse trabalho foi construído a partir de uma matriz ético-política que compreende como importante garantir visibilidade às mulheres, por vezes silenciadas pela ciência ocidental (SPIVAK, 2010). A partir de uma perspectiva pós estruturalista e feminista de ciência (GERGEN, 1993; HARAWAY, 1995, 2009; NOGUEIRA & NEVES, 2005) busquei refletir sobre as jovens feministas brasileiras, com foco nas jovens feministas nordestinas. Importante registrar que além desse trabalho estar inserido no campo dos estudos feministas, se insere no campo da psicologia social na medida em que se propõe a refletir sobre a relação entre indivíduos e sociedade.

Conforme apresentado no início do terceiro capítulo, um dos argumentos centrais de meu texto é que o segmento das jovens feministas foi viabilizado por uma rede que se entrelaça (HARAWAY, 2009). Dentre outras(os), compõem essa rede, prioritariamente: (1) as próprias jovens feministas que militam pelo movimento e passam a se articular internamente; (2) feministas de organizações de âmbito local ou nacional que em diferentes estados do Brasil passaram a dialogar com as jovens feministas, seja para fortalecê-las ou para deslegitimá-las; (3) organizações internacionais que financiaram e impulsionaram ações junto às jovens mulheres; (4) organizações estatais (estaduais e federais) que nos anos 2000 proporcionaram um cenário político que viabilizava o diálogo com os movimentos de mulheres e de juventude; (5) as(os) militantes dos movimentos juvenis que se fortaleceram no Brasil desde o final dos anos 90; e (6) feministas pesquisadoras que passaram a estudar sujeitos políticos do feminismo e apresentam as jovens feministas como um segmento político.

Ao longo de meu percurso de pesquisa busquei compreender os contextos de formação política das jovens feministas nordestinas, os processos que viabilizaram a constituição de um ‘nós’ (MOUFFE, 2000) que deu origem ao segmento das jovens feministas internamente ao movimento feminista e as possibilidades de atuação política

destas em diálogo com as(os) diversas(os) interlocutoras(es) que compõem a rede apresentada acima.

Quanto à formação política das jovens feministas nordestinas que entrevistei, pude observar que todas elas iniciaram a militância no movimento feminista através de projetos sociais executados por ONG. Interessante observar que a geração de feministas que chega ao movimento após a década de 1990 tem o seu processo de formação política em contexto de movimentos sociais 'onguizados' (ALVAREZ, 1998). O processo de formação das jovens feministas entrevistadas marcou a atuação política destas e suas expectativas de militância no feminismo. O movimento feminista com o qual estas jovens se formaram politicamente é constituído prioritariamente por 'profissionais do movimento feminista' que atuam em ONG através de projetos sociais que são financiados por grandes fundações internacionais e são atravessados por uma política transnacional cuja pauta é medida por grandes organizações, em especial, a ONU. Reflexões sobre a sustentabilidade dessa dinâmica de funcionamento - a qual boa parte do movimento feminista brasileiro aderiu desde os anos 1990 – permearam todo esse trabalho.

Vale observar que o movimento feminista 'onguizado' do final dos anos 2000 fragilizou-se - muitas ONG diminuíram seus quadros de profissionais e ou fecharam. Ao que parece, a organização do movimento através das ONG não mais é viável, uma vez que os grandes fundos internacionais não mais priorizam garantir recursos para projetos sociais a ser desenvolvidos no Brasil – que desde o Governo Lula passou a ser melhor avaliado pelas estatísticas sociodemográficas internacionais.

Com este trabalho me propus a pensar sobre o cenário político dos anos 2000 e assim refletir sobre a chegada das jovens feministas neste cenário. Ao longo desta pesquisa me questionei bastante sobre as possibilidades de uma atuação política autônoma, auto sustentável e que garanta a renovação do movimento de novas gerações. Mas, como seria possível um movimento social autônomo e auto sustentável em um mundo globalizado e capitalista no qual as relações humanas são medidas pelas relações econômicas? E como é possível garantir renovação se não há espaço para jovens numa dinâmica de movimentos sociais profissionalizados? Essas são perguntas que ainda não posso responder. Entretanto,

grupos formados por jovens feministas como o Tambores de Safo (CE) e Negras Ativas (MG) parecem estar apontando para caminhos mais auto sustentáveis e autônomos.

No que se refere à atuação política das jovens feministas brasileiras, pude observar que nos anos 2000 existia um grupo forte e articulado através da ABJF, tanto com os movimentos feministas, quanto com os movimentos de juventude. Pude observar também a existência de duas forças internas à ABJF, uma força composta pelas jovens feministas nordestinas e outra força composta pelas jovens feministas de São Paulo. Estas forças pareceram ter cumprido diferentes funções, que se complementavam na dinâmica interna da Articulação; as jovens feministas de São Paulo garantiam a comunicação das jovens feministas com diferentes organizações, enquanto as jovens feministas nordestinas buscavam garantir a comunicação interna da Articulação. A partir dos anos de 2010 e 2011, entretanto, passaram a haver tensões entre estas duas forças e em 2012 a ABJF não esteve atuante.

Sobre as bandeira de lutas das jovens feministas, interessante observar a naturalização do uso do termo ‘direitos sexuais e reprodutivos’ pelas jovens entrevistadas. Como apresentou Sonia Correia (2004) esse termo resultou de disputas entre feministas e a Igreja Católica nas Conferências Internacionais da ONU, mas especificamente na Conferência de Populações, que aconteceu no Cairo em 1994 e na Conferência Mundial da Mulher, que aconteceu em Beijing em 1995. Enquanto as feministas defendiam o termo “direitos sexuais” no sentido de garantir visibilidade à sexualidade das mulheres, a Igreja Católica impunha o termo “direitos reprodutivos” com o objetivo de associar as pautas relacionadas à sexualidade e à reprodução. Como conseqüência disto, os fundos internacionais - que financiam os movimentos sociais ‘onguizados’ - direcionam os recursos para editais que prevêem a execução de projetos sociais que trabalhem pautando os “direitos sexuais e reprodutivos”. Esse termo ganha um lugar de destaque nas pautas das jovens feministas – possivelmente essa questão está relacionada a própria formação políticas destas jovens.

Sobre as contribuições das jovens para o movimento feminista destaco as reflexões proporcionadas pela chegada da categoria geração para o debate feminista. Assim como

mulheres negras, lésbicas e de classe popular propuseram reflexões sobre as hierarquias internas ao movimento feminista ao problematizar questões como raça, orientação sexual e classe, e consequentemente, agregaram novas pautas para o feminismo, as jovens feministas convidam o movimento feminista a pensar sobre questões geracionais. Desse modo, as contribuições das jovens feministas podem se estender para reflexões sobre mulheres de diferentes faixas etárias: crianças, jovens, adultas e idosas.

Na contramão do que argumentam muitas(os) das(os) autoras(es) que estudam a juventude brasileira, apresento neste trabalho a atuação política de diferentes grupos juvenis formados por mulheres de diferentes regiões do país, sobretudo do Nordeste. Nesse sentido, sinto-me a vontade para afirmar que pude observar através dessa pesquisa que a primeira década dos anos 2000 pode ser considerada um momento de reaquecimento dos movimentos sociais protagonizados por jovens.

Outro aspecto a ser levado em consideração nestas reflexões é a importância que a articulação em redes através da Internet ganha para os movimentos sociais contemporâneos (MACHADO, 2007). Muitas das ações da ABJF foram viabilizadas por discussões garantidas por um diálogo virtual de comunicação entre as jovens feministas. Vale destacar ainda que também a pesquisa apresentada através desse texto foi viabilizada por entrevistas realizadas *on line* com jovens feministas em diferentes cidades.

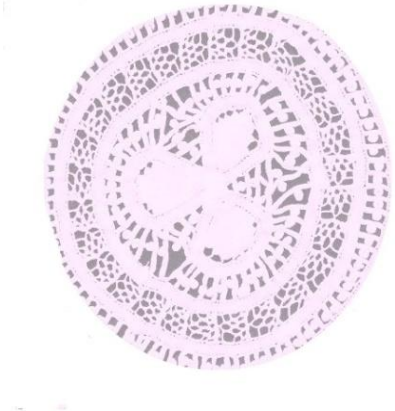
Na tentativa de colocar em prática a reflexividade defendida pelas teorias feministas (NOGUEIRA & NEVES, 2005), também coloco esse trabalho como fruto da rede que consolida as jovens feministas no cenário político brasileiro, uma vez que esta pesquisa foi proporcionada pelo meu encontro com o movimento feminista a partir da militância no movimento estudantil no ano de 2006, bem como pelo encontro com as jovens feministas pernambucanas no curso *"Feminismo: da intenção ao gesto",* organizado pelo SOS Corpo, em 2009.

Por fim gostaria de registrar o quão difícil foi finalizar esse texto. Finalizar esse texto representava chegar ao fim do mestrado e isso me parecia, na mesma medida, estimulante e amedrontador. A Universidade foi o espaço onde pude ter contato, pela primeira vez, com os movimentos sociais. Militei pelo movimento estudantil e por muitos

anos de minha vida, mais do que frequentar a Universidade, eu a vivia intensamente. A vivência do movimento estudantil possibilitou ampliar minhas reflexões críticas sobre o mundo e as relações humanas. Somando os anos de graduação e mestrado, posso dizer que por sete anos da minha vida eu construí um vínculo muito forte com a Universidade e muitas coisas que estão ligadas a ela. As contribuições que direta ou indiretamente a experiência de ser estudante universitária me possibilitou, com certeza, estarão presentes na minha vida por muito tempo.

Finalizei esse texto com a sensação de não ter conseguido concluí-lo. Mas, "será mesmo que um dia eu conseguiria ter a sensação dele estar pronto?" Essa pergunta, seguida de sua resposta: "Não!", me confortou o que foi possível confortar.

Interessante estudar sobre a juventude quando sua juventude está próxima do fim. Finalizar esse texto me pareceu muitas vezes marcar o que seria o fim da minha juventude – o que não foi uma tarefa nada fácil. O que não senti ao concluir a graduação, senti ao finalizar esse texto. Agora é comigo, deixarei de ser estudante e tenho que assumir pra mim que daqui pra frente serei psicóloga e mestra em psicologia e tenho que encontrar formas de vivenciar o que isso significa. Sendo assim, não imagino melhor forma de concluir esse texto se não dando boas vindas ao novo ciclo que se inicia. Que venha o novo! O novo que as jovens feministas trazem, o novo das novas fases, o novo sugerido pela luta cotidiana por um mundo mais igualitário e democrático, o novo das crianças, das(os) jovens, das(os) adultas(os), das pessoas idosas, o novo que vida proporciona a cada momento.



6 REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil: juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 5/6, 1997, p. 25-36.

ADEVE, Ana. Memórias de um passado recente: I Encontro nacional de Jovens Feministas. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel (Org.). **Jovens Feministas Presentes**. São Paulo: Ação Educativa/ Fundação Frederich Ebert; Brasília: UNIFEM, 2009.

ADRIÃO, Karla Galvão. **Encontros do feminismo**: uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. 301 p.

ADRIÃO, Karla Galvão. Indagações sobre democracia, autonomia e sujeitos políticos do feminismo brasileiro na constituição das políticas públicas. In: MARTINS, Paulo Henrique; MEDEIROS, Rogério de Souza (Org.). **America Latina e Brasil em perspectiva**. Recife: Ed. Universitária, 2009.

ADRIÃO, Karla Galvão. Jovens Feministas, questões de gênero e geração: entrelaçamento de agendas? In. LONGHI, Marcia; ALMEIDA, Maria da Conceição Lafayette de (Org.). **Etapas da vida: jovens e idosos na contemporaneidade**. Recife: Ed. Universitária, 2011.

ADRIÃO, Karla Galvão; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Por uma política de acesso aos direitos das mulheres: sujeitos feministas em disputa no contexto brasileiro. **Revista Psicologia e Sociedade**. Florianópolis, Vol. 20, n.3, 2008. p. 465-474.

ADRIÃO, Karla Galvão; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; MALUF, Sônia Weidner. O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos

políticos na interface com noções de democracia e autonomia. **Revista de Estudos Feministas.** Florianópolis, Vol. 19, n.3, 2011.p. 661-682.

ALVAREZ, Sônia. Los feminismos latinoamericanos se globalizan: tendências de los años 90 y retos para un nuevo milenio. s/ editora. 1998

ÁLVAREZ, Sônia;et al. Encontrando os feminismos latino-americanos e caribenhos. **Revista de Estudos Feministas.** Florianópolis,Vol. 11, n.2, 2003.p. 541-575.

ÁVILA, Maria Betânia. Feminismo e sujeito político. **Revista Proposta**. Rio de Janeiro, Vol, 84/85, n. 2, 2000. p. 07-11.

BANDEIRA, Lourdes Maria. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Revista de Estudos Feministas.** Florianópolis, Vol.16, n.1, 2008. p. 207-228.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Feminismo: memória e história. In: SALES, Celecina de Maria Veras; AMARAL, Célia Chaves Gurgel; ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite (Orgs.). **Feminismo:** memória e história. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.

BESSE, Susan. A política do(s) feminismo(s) e do(s) antifeminismo(s). **Modernizando a desigualdade.** São Paulo: EdUSP, 1999.

BLANCHET, Alain e GOTMAN, Anne. **A Enquete e seus métodos de entrevista**. Paris: Editions Nathan,1992.

BRASIL. Presidência da Republica. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília,1990.

BRASIL. Presidência da Republica. Conselho Nacional de Juventude. **Plano Nacional de Juventude.** Brasília, 2006.

BRASIL. Presidência da Republica. Secretaria de Juventude. **Documentos base para a 1ª conferência nacional da juventude.** Brasília, 2008.

BRASIL. Presidência da Republica. Secretaria Especial de Política para Mulheres. **II Plano Nacional de Políticas para Mulheres**. Brasília, 2008.

BRASIL. Presidência da Republica. Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM. **Resoluções aprovadas na 3ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília, 2012.

BRASIL. Presidência da Republica. Secretaria de Juventude. **Propostas finais aprovadas - 2ª Conferência Nacional de Juventude**. Brasília, 2012.

BRINGEL, Breno; ECHART, Enara. Movimentos sociais e democracia: os dois lados das "fronteiras". **Caderno CRH**. Salvador, Vol. 21, n. 54, 2008. p. 457-475.

CALDWELL, Kia Lilly. *Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil*. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol.8, n. 2, 2000. p.91-108.

CAMARGO, Brigido V; BOTELHO, Lúcio J. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. **Rev. Saúde Pública**. São Paulo, Vol. 41, n. 1, 2007. p. 61-68.

CASRO, Lucia Rabelo. Juventude e socialização política: atualizando o debate. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, Vol. 25, n.4, 2009. p. *479-487.*

CORREA, Sonia. Direitos sexuais e reprodutivos como direitos humanos. IN: **Caderno Corpus**. Org.TERTO JUNIOR, Veridiano;VICTORA, Ceres Gomes e KNAUTH, Daniela Riva. Porto Alegre: Ed.NUPACS. 2004. pp.07-16.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**. Niterói, Vol. 5, n.2, 2005. p. 9-35.

COSTA, Cláudia de Lima. O sujeito do feminismo: revisitando o debate. **Cadernos Pagu**. Campinas**,** Vol. 19**,** n. 1, 2002. p. 59-90.

COSTA, Suely Gomes. Um estimulante encontro com Michel de Certeau: o feminismo tático de Bertha Lutz. **Cadernos Pagu.** Campinas, Vol. 27, n.2, 2006. p. 449-454.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol.12, n. spe, 2004. p.23-36.

CURY, Beto. Os muitos desafios da política nacional de juventude**.** In: AVRITZER, Leonardo (Org.). **Experiências nacionais de participação social.** São Paulo: Cortez Editora, 2009.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DONATO, Cássia Reis. 2012. Hip Hop e feminismo negro nos processos de participação de jovens negras. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. 229 p.

EPELDE, Jone Bongoetxea. Discursos y prácticas de feministas jóvenes hondureñas. In: **Desafíos feministas em América Latina: la mirada de las jovenes.** Montevidel: Ed. Cotidiano Mujer, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 6 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sonia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia.** Ribeirão Preto, Vol 14, n.28, 2004. p.139-152.

GERGEN, Mary Mc Canney. Rumo a uma metateoria e uma metodologia feministas nas ciências sociais. In:GERGEN, Mary Mc Canney (Org.). **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; Brasília: Edunb, 1993.

GIOVANNI, Julia Ruiz Di. Jovens, feministas, em movimento: a Marcha Mundial das Mulheres no III Acampamento Intercontinental da Juventude. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol. 11, n. 2, 2003. p. 655-660.

GÓMEZ- RAMIREZ, Olaria; CRUZ, Luz Verónica Reyes. Lasjóvenes y el feminismo: ¿Indiferenciaocompromiso?. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol. 16, n. 2, 2008. p. 387-408.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Thomas (org). **Antropologia do Ciborgue. As vertigens do pós humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 5, 1995. p. 07-41.

MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. Sociologias. Porto Alegre, Vol.18, n. 2, 2007. p. 248-285.

MALUF, Sonia Weidner. Políticas e teorias do sujeito no feminismo contemporâneo**. Anais do FAZENDO GÊNERO 8.** 2008. p. 1-8.

MAYORGA, Cláudia. **Juventude e participação**. In: Informação para o exercício da cidadania. s/ editora. Pp. 31-34. s/d.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 5/6, 1997. p. 25-36.

MENEZES, Jaileila; COSTA, Mônica. Desafios para a pesquisa: o campo-tema movimento Hip-hop. **Psicologia & Sociedade**. Florianópolis, Vol.22, n.3, 2010.p. 457-465.

MOUFFE, Chantal. Por uma política de identidade nômade. In: **Cidadania e Feminismo**. São Paulo: Em Debate Feminista, 2000. pp. 266-275.

MUZART, ZahidéLupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Revista de Estudos Feministas.** Florianópolis, Vol.11, n.1, 2003.p. 225-233.

NARITA, Stella. Notas de pesquisa de campo em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**. Florianópolis, Vol.18, n23, 2006.p. 25-31.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço de investigação nas ciências sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, Vol.3, N.18, 2005. p.408-412.

PINTO, Céli Regina jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PONTES, Heloisa. Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo. **Cadernos Pagu**. Campinas, Vol. 1, n. 26, 2006. p. 431-441.

SANCHES, Paloma Pinheiro. Jovens, mulheres e feministas: experiências múltiplas e identidades possíveis. **Em tempo de história**. Brasília, n. 7. 2003. p. 1-7.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista de Estudos Feministas.** Florianópolis, Vol.12, n.2, 2004. p. 35-50.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, Vol.21, n.1, 2006. p. 109-130.

SILVA, Antonio Braz de Oliveira et al. Análise de redes sociais como metodologia de apoio para a discussão da interdisciplinaridade na ciência da informação. **Ci. Inf.** Brasília, Vol.35, n. 1, 2006. p. 7293.

SILVA, Áurea Carolina de Freitas. Mulheres Jovens e o problema da inclusão: novidades no II Plano Nacional de Políticas para Mulheres. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel. **Jovens Feministas Presentes**. São Paulo: Ação Educativa: Fundação Frederich Ebert; Brasília: UNIFEM, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

UNESCO. Um balanço das experiências realizadas nos anos noventa. **Políticas públicas de/para/com juventudes.** Brasília: Edições UNESCO. 2004b.

UNESCO. Visão de conjunto. **Políticas públicas de/para/com juventudes.** Brasília: Edições UNESCO. 2004a.

WELLER, Wivian. Gênero e juventude. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol. 13, n.1, 2005. p. 103-106.

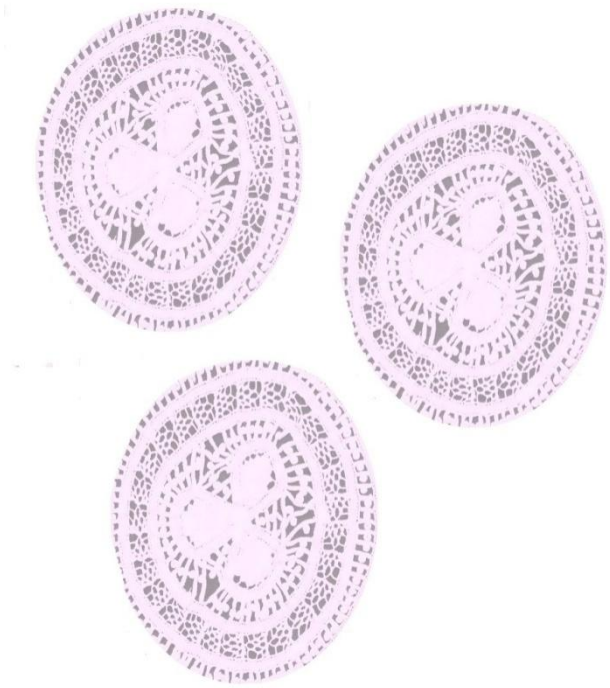
ZANETTI, Julia Paiva. Jovens feministas: um estudo sobre a participação juvenil no movimento feminista. **Anais do FAZENDO GÊNERO 8**. 2008. p. 1-7.

ZANETTI, Júlia. Reflexões sobre a participação juvenil no feminismo. In: **Desafíos feministas em América Latina: la mirada de las jovenes**. Montevidel: Ed. Cotidiano Mujer. Montevidel, 2009.

ZANETTI, Julia Paiva. Jovens feministas: um estudo sobre a participação juvenil no movimento feminista no Rio de Janeiro. **Anais do FAZENDO GÊNERO 9**. 2010. p. 1-14.

ZANETTI, Julia Paiva. Jovens feministas do Rio de Janeiro: trajetórias pautas e relações intergeracionais. **Cadernos Pagu**. Campinas, n.36, 2011. p. 47-75.

ANEXOS



Anexo I

Roteiro de Entrevista

1) O que você considera como marco para a sua chegada na militância?

- Nessa época, quais eram as pessoas (ou grupos) que você conhecia que militavam pelo feminismo?

-Você podia me contar brevemente sua trajetória?

- Que dificuldade(s) você considera mais relevante(s) no que se refere a sua chegada e permanência na militância feminista?

2) Quando você conheceu as jovens feministas?

- Você milita (ou militou) em algum grupo de jovens feministas?

- Você poderia me narrar brevemente a história do surgimento desse grupo? (qual foi o contexto de surgimento desse grupo?)

- Quais são (e/ou foram) as principais ações desse grupo?

- Como se organiza (ou organizava) esse grupo?

- De que forma ocorrem (ou ocorriam) as reuniões? (Em que local? Quem participava?)

- Existe (ou existia) alguma líder do grupo? (ou mais de uma?) (quem era ela?)

- Como é (ou era) a relação de vocês com as feministas não jovens da sua cidade/estado?

- Como é (ou era) a relação de vocês com as outras jovens feministas brasileiras?

- Como é (ou era) a relação de vocês com outros grupos que militam pela juventude?

- O que vocês fazem (ou faziam) para conseguir financiamento para suas ações?

- Como é (ou era) a relação de vocês com órgãos financiadores?

- Como é (ou era) a relação de vocês com as organizações não governamentais feministas de sua cidade/estado?

- Como é (ou era) a relação de vocês com órgãos estatais? (municipais/estaduais e/ou federais)

- O grupo no qual você milita (ou militava) participa (ou participava) de Conferências da Mulher e/ou da Juventude? (municipais/estaduais e/ou federais) Se sim, de que forma?

- Que considerações você tem a afazer sobre esse grupo?

3) Você poderia me contar sua versão da história das jovens feministas do Brasil?

- Quem são as principais personagens nordestinas dessa sua história?

- E de outros países da América Latina?

4) Na sua opinião qual a importância do surgimento do segmento das jovens feministas para o feminismo?

- Também em sua opinião, quais devem ser as principais bandeiras das jovens?

- Como você avalia o atual momento das jovens feministas no Brasil?

- Quais perspectivas você vislumbra para o futuro das jovens feministas?

5) Você poderia me indicar o nome/estado/contato de mais duas jovens feministas que você considera que seriam pessoas importantes para eu entrevistar?

- Você poderia me dizer qual o motivo de você sugerir essas pessoas?

- Você pode me dizer há quanto tempo cada uma delas milita como jovem feminista?

6) Você avalia que existam particularidades da militância das jovens feministas do Nordeste?

- Se sim, qual (ou quais)?

- Você considera que especificidades/características do Nordeste provoquem efeitos no sistema patriarcal (ou sistema sexo/gênero) no qual você está/esteve inserida?

Anexo II

Carta convite para entrevista

Olá ____*Nome*_____,

Primeiramente gostaria de me apresentar. Meu nome é Raíssa, sou uma jovem psicóloga e nordestina. Atualmente estou estudando no Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFPE. Estou cursando o mestrado. Minha pesquisa é sobre a história das jovens feministas nordestinas. Para esta pesquisa estou fazendo entrevistando jovens feministas aqui do Nordeste.

Entrevistei ____*Nome*_____, jovem feminista do grupo ___*Nome do grupo*____de _____*cidade/estado*_____ e ela me indicou você como uma referência em _____*cidade/estado*_____. Gostaria de saber se você aceita ser entrevistada por mim através do Skype, num dia e hora que fiquem bons para você. Estou enviando em anexo algumas questões que podem nortear nossa conversa.

Grata desde já, fico no aguarde de retorno sobre sua disponibilidade e interesse.

Saudações feministas,

Raissa Barbosa.

Anexo III

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA UFPE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convido você a participar, como voluntária, da pesquisa "Jovens Feministas no Nordeste do Brasil: uma nova história para a militância feminista", cujo objetivo é conhecer e refletir sobre as histórias das jovens feministas nordestinas, na perspectiva de contribuir com a discussão sobre a militância juvenil e feminista.

Esta pesquisa é coordenada pela mestranda Raissa Barbosa Araújo (Endereço: Rua Dr. Correia da Silva, nº64 apto 3, CEP: 50741140. Várzea, Recife, PE. Fone: (81) 99962226. E-mail: raissabarrbosa_@hotmail.com) e pela Profª Drª. Karla Galvão Adrião, orientadora de mestrado da estudante de mestrado supracitada.

Os dados decorrentes das gravações em áudio das entrevistas e dos registros produzidos serão armazenados pelo período de 5 (cinco) anos, sob a responsabilidade da Profª. Drª. Karla Galvão Adrião no endereço: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, 7º andar, sala 21. Av. Prof. Moraes Rego, s/n - Cidade Universitária, Recife - PE, CEP: 50.670,901, Fone: (81) 2126.8000.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – email: cepccs@ufpe.br).

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar a fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizada de forma alguma.

Informações gerais sobre a participação nesta pesquisa:

1. A participação neste estudo deve ocorrer de sua própria vontade e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa, sem que haja qualquer incentivo financeiro;

2. Sua participação neste estudo poderá acarretar, como risco, o constrangimento pois se trata de história da vida;

3. Ao final da pesquisa, a pesquisadora se compromete a apresentar o resultado deste estudo e retornar aos movimentos sociais e coletivos para promover debates, rodas de conversas e discussões sobre a participação da juventude no movimento feminista como benefício direto da pesquisa;

4. Sempre que você desejar, serão fornecidos pela pesquisadora os esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;

5. Sua colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista concedida a pesquisadora. O sigilo será garantido e não será revelado, em nenhuma circunstância, o nome de qualquer participante;

6. A divulgação das informações obtidas nesta pesquisa só será feita entre a pesquisadora e sua orientadora;

7. A qualquer momento você poderá recusar a continuar participando do estudo e poderá retirar seu consentimento, sem que isso acarrete qualquer penalidade ou prejuízo;

8. As informações por você fornecidas serão úteis para a produção de conhecimento na área dos estudos de gênero, gerando debates e publicações que podem contribuir com a participação política de outras mulheres jovens nos movimentos sociais.

Assinatura da pesquisadora:
_____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG:_____ CPF:_____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "Jovens Feministas no Nordeste do Brasil: uma nova história para a militância feminista", como voluntária. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento.

Local e data: _____

Nome e assinatura da participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar - 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

Anexo IV

Linha do tempo Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco	
2004	O coletivo surgiu em 2004, fruto da necessidade de algumas jovens que já estavam engajadas nas discussões e atividades do movimento feminista em suas instituições, sensibilizar e agregar outras jovens a participar desse movimento para a construção de uma sociedade mais justa.
2004	Encontro de Jovens Feministas de PE (de 01-03 de abril, Recife- PE)
2004	1º Fórum Social Nordestino (Recife- PE)
2005	10º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe (Serra Negra- SP)
2005	1º Fórum Nacional de Jovens Feministas (Durante o 10º Encontro - SP)
2005	Fórum Social Mundial (Porto Alegre – RS)
2005	Encontros quinzenais para discutir as bandeiras feministas (Recife- PE)
2006	Encontro “Juventude: feminismo no exercício da autonomia” em parceiria com o SOS Corpo (11 de novembro, Recife- PE)
2007	Encontros periódicos para reuniões e articulações políticas (Recife- PE)
2007	2º Fórum Social Nordestino (Recife – PE)
2007	Primeira Semana da Mulher Jovem (São Paulo – SP)
2007	Etapas municipal, estadual e nacional da 2ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (Recife – PE / Brasília, DF)
2008	Ato público: “Trilha dos direitos” (Dia de Ação Global, 26 de Janeiro, Recife – PE)
2008	1º Encontro Nacional de Jovens Feministas (Maracanaú, CE)
2008	Etapas municipal, estadual e nacional da 1ª Conferência de Políticas para Juventude (Recife – PE / Brasília – DF)
2008	Roda de Diálogo “Gênero, juventudes e AIDS: o que eu tenho a ver com isso?” (28 de novembro, Recife – PE)
2008	Entrada do Coletivo no Conselho Estadual de Políticas para Juventude

2008	Elaboração e execução do projeto “O impacto da Lei Maria da Penha sobre a vida das jovens mulheres das regiões periféricas de Recife” com o apoio do Fundo Ângela Borba (Janeiro a junho, Recife – PE)
2008	2ª Semana da Mulher Jovem (São Paulo – SP)
2008	Encontro Nacional da Articulação de Mulheres Brasileiras - AMB (Goiana, GO)
2009	Elaboração e execução do projeto “Discutindo e articulando as juventudes numa perspectiva feminista” com apoio do Fundo de Apoio da Rede de Jovens do Nordeste
2009	11º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe (Cidade do México)
2009	14º Encontro Nacional de Adolescentes (São Paulo –SP)
2009	Reunião Nacional da Frente pela Descriminalização das Mulheres e Legalização do Aborto (São Paulo –SP)
2009	Etapas municipal, estadual e nacional da Conferência Nacional de Comunicação (Recife – PE / Brasília – DF)
2010	Ingresso na coordenação colegiada do Fórum de Mulheres de Pernambuco (Recife – PE)
2010	Simpósio Internacional de Saúde do Adolescente e do Jovem (Brasília – DF)
2010	Elaboração e execução do projeto “Trilha dos Direitos: uma reflexão sobre gênero, saúde e direitos sexuais e reprodutivos” com o apoio da ONG FASE (Recife – PE)

Anexo V

Tabela de instituições citadas pelas jovens feministas

NOME DA INSTITUIÇÃO		LOCAL	FUNDAÇÃO	DEFINIÇÃO	SITE
NACIONAIS					
1.	ABJF – Articulação Brasileira de Jovens Feministas	Brasil	2008	É uma articulação de mulheres jovens, negras, lésbicas, indígenas, quilombolas, rurais, da periferia, sindicalistas e de populações tradicionais e provenientes de diferentes regiões do Brasil. A ABJF é uma rede de caráter democrático, suprapartidário, anti-capitalista, anti-racista, antipatriarcal, anti-lesbofóbico, não sexista, não adultocêntrico, não confessional, não hierárquico e não governamental.	http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=2580421662170640214&cmm=4194287&hl=pt-BR http://jovensfeministas.nafoto.net/
2.	AMB - Articulação de Mulheres Brasileiras	Brasil	1995	A Articulação de Mulheres Brasileiras é integrada por mulheres feministas que atuam em diferentes espaços de participação da AMB, em nome próprio ou através da representação de organizações e movimentos feministas, setoriais de	http://www.articulacaodemulheres.org.br/

				mulheres de movimentos sociais e/ou setoriais de mulheres de partidos políticos.	
3.	BEMFAM	Brasil	1965	A BENFAM é uma organização não governamental de âmbito nacional, de ação social e sem fins lucrativos. Sediados no Rio de Janeiro, contamos com oito escritórios regionais onde funcionam as Unidades de Promoção Social Sustentável e o Programa BEMJOVEM. Desenvolvemos atividades voltadas à promoção da assistência social básica e especial para a defesa e promoção dos direitos sociais, socioambientais, sexuais e reprodutivos, individuais e coletivos.	http://www.grupobemfam.org.br/bemfam/
4.	CEM - Coletivo de Entidades Negras	Brasil	2005	O CEM foi criado na Bahia e se expandiu para outros Estados. Membro do Fórum de Entidades Nacionais de Direitos Humanos, direciona suas ações preferencialmente ao fortalecimento das religiões de matriz africana e às áreas de gênero e juventude.	http://cenbrasil.blogspot.com.br/
5.	Conselho Nacional de Juventude	Brasil	2005	O Conselho Nacional de Juventude tem, entre suas atribuições, a de formular e propor diretrizes voltadas para as políticas públicas de juventude, desenvolver estudos e pesquisas sobre a realidade socioeconômica dos jovens e promover o	http://www.juventude.gov.br/conjuve/

				intercâmbio entre as organizações juvenis nacionais e internacionais.	
6.	CUT – Central Única dos Trabalhadores	Brasil	1983	A Central Única dos Trabalhadores (CUT) é uma organização sindical brasileira de massas, em nível máximo, de caráter classista, autônomo e democrático, cujo compromisso é a defesa dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora.	http://www.cut.org.br/
7.	FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional)	Brasil	1961	A FASE é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que atua em seis estados brasileiros e tem sua sede nacional no Rio de Janeiro. Desde suas origens, esteve comprometida com o trabalho de organização e desenvolvimento local, comunitário e associativo.	www.fase.org.br
8.	Marcha Mundial das Mulheres	Brasil	2000	A Marcha Mundial das Mulheres surgiu a partir de uma mobilização que reuniu mulheres do mundo todo em uma campanha contra a pobreza e a violência. Entre os princípios da MMM estão a organização das mulheres urbanas e rurais a partir da base e as alianças com movimentos sociais.	http://sof.org.br/marcha/

9.	Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua	Brasil	1985	Composto por uma rede de educadores e colaboradores voluntários, o MNMMR atua na defesa e promoção dos direitos das crianças e adolescentes das camadas populares do Brasil, nos diversos níveis do sistema de garantias do país, assegurando a aplicação das políticas públicas e fiscalizando os gastos públicos e a sua gestão.	http://mnmmrcaceres.blogspot.com.br/
10.	PCdoB	Brasil	1922	Partido político	http://www.pcdob.org.br/
11.	PSB	Brasil	1947	Partido político	http://www.psb40.org.br/
12.	PT	Brasil	1980	Partido político	http://www.pt.org.br/
13.	Rede MAB – Movimento de Adolescente do Brasil	Brasil	*	O MAB é uma rede comprometida com a luta pelo reconhecimento de adolescentes e jovens como sujeitos de direitos e pela sua participação efetiva na sociedade através de projetos, programas, capacitações e políticas públicas de maneira a contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e social, fortalecendo e garantindo a melhoria de sua qualidade de vida.	http://www.adolescencia.org.br/empower/website/parceiros/MAB.htm www.redemab.org.br (fora do ar)
14.	Secretaria de Política para Mulheres	Brasil	2003	A Secretaria de Políticas para as Mulheres assessorara a Presidência da República na formulação, coordenação e articulação de	http://www.sepm.gov.br/

				políticas para as mulheres.	
15.	Secretaria Nacional de Juventude	Brasil	2005	À Secretaria Nacional de Juventude compete assessorara a Presidência da República na formulação, coordenação e articulação de políticas para juventude.	http://www.juventude.gov.br/
16.	UBM – União Brasileira de Mulheres	Brasil	1988	A União Brasileira de Mulheres – UBM é uma entidade sem fins lucrativos, de caráter nacional, que defende os direitos e reivindicações das mulheres em relação ao trabalho e à cidadania, buscando elevar o nível de consciência e atuação política das mulheres para que elas participem na defesa de seus direitos enquanto mulheres, cidadãs e trabalhadoras.	http://www.ubmulheres.org.br/ubm/cons-gerais.html
17.	UJS (União de Jovens Socialistas)	Brasil	1984	A UJS é uma organização juvenil de defesa e propaganda do socialismo. Participam da UJS jovens estudantes, trabalhadores, artistas, esportistas, cientistas e intelectuais.	http://www.ujs.org.br/portal/
INTERNACIONAIS					

18.	EED - Evangelischer Entwicklungsdienst	Internacional	1999	A Evangelischer Entwicklungsdienst é uma associação de igrejas protestantes da Alemanha. Por meio de contribuições financeiras, bolsas de estudos e serviços de consultoria, a EED apóia o trabalho de desenvolvimento de igrejas, organizações cristãs e seculares na África, Ásia, América Latina, Oceania, Europa do Sudeste e na região do Cáucaso.	http://www.actalliance.org/about/actmembers/eed
19.	FES – Fundação Friedrich Ebert	Internacional	1976	A Fundação Friedrich Ebert é uma fundação alemã que acompanha de forma ativa a formação e consolidação de estruturas da sociedade civil e do Estado apoiando a democracia e a justiça social, sindicatos livres e fortes, bem como a defesa dos direitos humanos e a igualdade étnico-racial e de gênero.	http://www.fes.org.br/
20.	FLACSO	Internacional	1957	A Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) é um organismo internacional, inter-governamental, autônomo, fundado pelos Estados latino-americanos, a partir de uma proposta da UNESCO. Quando a Instituição da FLACSO foi fundada, acolhendo uma recomendação da Conferência Geral da UNESCO (IX Reunião,	http://www.flacso.org.br

				Índia), os Estados Membros estabeleceram duas unidades conduzidas por um mesmo Comitê Diretivo: uma especializada em docência de pós-graduação, a FLACSO, em Santiago do Chile e outra dedicada à pesquisa social comparada, o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), no Rio de Janeiro.	
21.	Fundo de População das Nações Unidas - ONU	Internacional	1969	O Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) é a agência de desenvolvimento internacional da ONU que trata de questões populacionais, sendo responsável por ampliar as possibilidades de mulheres e jovens levarem uma vida sexual e reprodutiva saudável. O UNFPA trabalha para acelerar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva, incluindo o planejamento familiar voluntário e a maternidade segura; e busca a efetivação dos direitos e oportunidades para as pessoas jovens.	http://www.unfpa.org.br
22.	IWHC - International Women's Health Coalition	Internacional	*	A International Women's Health Coalition (IWHC – Coalizão Internacional em Prol da Saúde da Mulher) tem sede em Nova York - EUA. A IWHC tem como objetivo promover e	http://www.iwhc.org/

				proteger a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos de mulheres e jovens, especialmente na África, Ásia e América Latina, ajudando a desenvolver políticas, programas e financiamento eficazes em matéria de saúde e população.	
23.	REDLAC (Red de Fondos Ambientales de Latinoamérica y el Caribe)	Internacional	1999	A REDLAC é uma rede que tem como missão promover a relação e o fortalecimento de fundos ambientais da América Latina e do Caribe em um sistema de aprendizagem contínuo em prol da conservação do patrimônio natural e do desenvolvimento sustentável da região.	http://www.redlac.org
24.	UNIFEM (ONU Mulheres)	Internacional	1976 / 2011 - ano da reestruturação	A ONU Mulheres é a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o empoderamento das Mulheres.	http://www.unifem.org.br/
DO NORDESTE					
25.	ASAS - Associação de Ação Solidária	Recife – PE	1992	A ASAS é uma Organização Não Governamental - ONG/AIDS, criada como resultado de um esforço conjunto de um grupo de cristãos de várias denominações,	http://www.soldeamor.com/ent_asas.htm

				que perderam alguns amigos vitimados pela AIDS e que estavam preocupados com a situação das pessoas vivendo com HIV/AIDS, sobretudo, aquelas provenientes de famílias de baixa renda.	
26.	Bamidelê - Organização de Mulheres Negras na Paraíba	João Pessoa – PB	2001	A BAMIDELÊ é uma organização não-governamental composta especialmente por feministas negras, com o propósito de promover impactos sociais. A Bamidelê tem uma missão que se funde com o seu projeto político de contribuir para a eliminação do racismo e do sexismo, assim como promover debates e ações que fortaleçam a identidade e auto-estima, sobretudo de mulheres negras, culminando na luta pela defesa e efetiva implantação dos Direitos Humanos no Brasil.	http://negrasbamidele.blogspot.com.br/ http://www.blogger.com/profile/10597321163460895851
27.	Coletivo Amazonas	João Pessoa – PB	*	*	*
28.	Coletivo de Jovens Feministas da Paraíba	João Pessoa – PB	2004	*	*
29.	Coletivo de Jovens Feministas de Pernambuco	Recife - PE	2004	O Coletivo de Jovens Feministas - Pernambuco é um grupo formado por mulheres jovens que tem por objetivo se	http://cjfpe.blogspot.com.br/2010/03/coletivo-de-jovens-

				articular e se apropriar de seus direitos, para junto ao movimento de mulheres, feminista e ao movimento de juventudes lutar por todas as formas de violência e opressão contra as mulheres jovens e para a promoção da igualdade de gênero.	feministas-pe.html
30.	Coletivo Loreta Valadares – (Jovens Feministas do CE)	Fortaleza - CE	*	*	*
31.	Cunhã Coletivo Feminista	João Pessoa – PB	1990	A Cunhã Coletivo Feminista é uma organização não governamental que tem como missão defender a igualdade de gênero, tendo como referências os direitos humanos, o feminismo, a justiça social e a democracia.	http://cunhanfeminista.org.br/
32.	Elo Feminista	Fortaleza - CE	2003	Elo Feminista é uma associação civil sem fins lucrativos criado com objetivo de estimular e fortalecer a auto-organização social, política e econômica das mulheres por meio da educação popular.	http://elofeminista.blogspot.com.br/
33.	Escola de Formação Quilombo dos Palmares	Recife - PE	1988	A Escola de Formação Quilombo dos Palmares tem por objetivo contribuir para construção de conhecimentos a respeito da realidade e das transformações na Região	www.equip.org.br

				Nordeste do Brasil; e para consolidação de sujeitos sociais populares no sentido deles se capacitarem para processos de educação popular no caminho de uma proposta democrática e popular para o Brasil.	
34.	FOJUR - Fórum de Juventude do Recife	Recife - PE	*	*	*
35.	Fórum de Mulheres de Pernambuco	Recife - PE	1988	O Fórum de Mulheres de Pernambuco surgiu a partir da necessidade das mulheres se organizarem para assegurar e dar visibilidade aos seus direitos. Hoje, mais de 70 representações integram a articulação.	http://forumdemulherespe.blogspot.com.br/
36.	Fórum de ONG AIDS de Pernambuco	Recife - PE	*	*	http://www.aids.gov.br/endereco/forum-de-ongaids-de-pernambuco
37.	Gestos ONG	Recife - PE	1993	A Gestos tem por objetivo defender os Direitos Humanos das pessoas soropositivas para o HIV e das populações vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis e ao vírus que provoca a AIDS.	http://www.gestos.org/principal/
38.	Graúna ONG	Recife - PE	*	A Graúna - Juventude, Gênero, Arte e Desenvolvimento, é uma organização não governamental feminista, que atua nos	http://onggrauna.blogspot.com.br/

				campos da educação e da cultura.	
39.	Grupo Curumim	Recife - PE	1989	O Grupo Curumim é uma organização não governamental feminista que desenvolve projetos de fortalecimento da cidadania das mulheres em todas as fases de suas vidas. A ONG atua, principalmente, nas áreas de direitos humanos, saúde integral, direitos sexuais e reprodutivos, lutando pela igualdade étnico-racial e de gênero, pela justiça social e a democracia.	http://www.grupocurumim.org.br/site/sobre.php
40.	Instituto de Juventude Contemporânea	Fortaleza- CE	1999	O Instituto de Juventude Contemporânea (IJC), Organização Não Governamental (ONG), foi criado com o objetivo de ser instrumento de ação direta junto à juventude, apostando no desenvolvimento integral dos/as jovens, gerando inovações e incidindo ativamente sobre a sociedade e a política.	http://www.ijc.org.br/
41.	Instituto Papai	Recife - PE	1997	O Instituto PAPAI é uma ONG que atua com base em princípios feministas e defende a idéia de que uma sociedade justa é aquela em que homens e mulheres têm os mesmos direitos.	http://www.papai.org.br/

42.	PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular	Recife - PE	1978	A PJMP, como toda pastoral da juventude, está articulada na pastoral orgânica: é a pastoral da igreja do Brasil entre os jovens do meio popular.	http://www.pjmp.org/
43.	Rede de Jovens do NE	Nordeste do Brasil	1998	A Rede de Jovens do Nordeste é uma articulação que trabalha no fortalecimento de grupos, organizações, entidades e movimentos juvenis. Estamos presentes em todos os nove estados do nordeste brasileiro e contamos com a participação direta de mais de trezentas organizações que militam pelos direitos da juventude.	http://rjne.blogger.com.br/
44.	SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia	Recife - PE	1891	O SOS CORPO - Instituto Feminista para a Democracia é uma organização da sociedade civil, autônoma, sem fins lucrativos. Propõe-se a contribuir para a democratização da sociedade brasileira por meio da promoção da igualdade de gênero com justiça socioambiental.	http://www.soscorpo.org.br/
45.	Tambores de Safo	Fortaleza - CE	2010	O Tambores de Safo é um grupo de percussão feminista formado por mulheres para intervenções político-culturais, a partir de uma consciência negra, lésbica e bissexual. O objetivo é transformar o mundo pelo feminismo, através de intervenções	http://tamboresdesafo.blogspot.com.br/

				culturais que promovam o pensamento crítico, a ação política organizada e o empoderamento das mulheres.	
DO SUDESTE					
46.	Coletivo de Jovens Feministas de São Paulo	São Paulo - SP	2003	O Coletivo de Jovens Feministas de São Paulo é um grupo autônomo, composto por mulheres jovens feministas de 18 a 29 anos. Desenvolve projetos e ações na temática de empoderamento de mulheres jovens e na luta de direitos sexuais e reprodutivos e direitos humanos.	http://jovensfeministasdesp.blogspot.com.br/
47.	Coletivo Femina	Vitória – ES	*	*	*
48.	Coletivo Frida Kahlo	São Paulo - SP	*	*	*
49.	Fundo Social Elas (Fundo Ângela Borba)	Rio de Janeiro – RJ	1992	O Fundo Social Elas é o único fundo brasileiro de investimento social voltado exclusivamente para a promoção do protagonismo de meninas, jovens e mulheres. Entendemos que investir nelas é o	http://www.fundosocialelas.org/

				caminho mais rápido para o desenvolvimento de um país.	
50.	Instituto Paulo Freire	São Paulo - SP	1992	O Instituto Paulo Freire (IPF) é uma associação civil que desenvolve projetos de assessoria, consultoria, pesquisas, formação (presencial e a distância) inicial e educação continuada, orientados pelas dimensões socioambiental e intertranscultural, constituindo três áreas de atuação: Educação de Adultos, Educação Cidadã e Educação Popular.	http://www.paulofreire.org/en/
51.	Reprolatina	Campinas- SP	1999	A Reprolatina é uma organização não governamental que busca melhorar a saúde sexual e a saúde reprodutiva das populações menos favorecidas da América Latina.	http://www.reprolatina.org.br
NÃO LOCALIZADAS					
52.	Grupo Zambo	*	*	*	*

53.	Rede Sou de Atitude	*	*	*	*

Anexo VI

Tabela de instituições citadas por informante chave

NOME DA INSTITUIÇÃO	LOCAL	FUNDAÇÃO	DEFINIÇÃO	SITE
INTERNACIONAL				
Fundação Kellogg	Internacional	1930	A Fundação Kellogg diálogo nas comunidades locais e construção de redes nacionais para ajudar a identificar desafios, estabelecer prioridades, aglutinar recursos e ajudar as crianças e jovens a ter sucesso.	www.wkkf.org
PERNAMBUCANAS				
Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP)	Recife - PE	1988	A EQUIP tem como objetivo contribuir para construção de conhecimentos a respeito da realidade e das transformações na Região Nordeste do Brasil através da educação popular no caminho de uma proposta democrática e popular para o Brasil.	http://equip.org.br

ETAPAS	Recife - PE	1982	A ETAPAS trabalha junto comunidades do Recife com o objetivo de fortalecer espaços coletivos de diálogos envolvendo diferentes segmentos sociais e políticos. Entre as principais temáticas de interesse estão: gestão e controle social, meio ambiente, economia popular e solidária, juventude, gênero, etnia e reforma urbana.	www.etapas.org.br
Serta (Serviço de Tecnologia Alternativa)	Recife - PE	1989	O Serta – Serviço de Tecnologia Alternativa – é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) que tem como missão formar jovens, educadores/as e produtores/as familiares, para atuarem na transformação das circunstâncias econômicas, sociais, ambientais, culturais e políticas, na promoção do desenvolvimento sustentável do campo.	http://www.serta.org.br